

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Marília Silveira

Vozes no corpo, territórios na mão: loucura, corpo e escrita no PesquisarCOM

Porto Alegre

2013

Marília Silveira

Vozes no corpo, territórios na mão: loucura, corpo e escrita no PesquisarCOM

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Analice de Lima Palombini

Linha de Pesquisa: Clínica, Subjetividade e Política

Porto Alegre

2013

Marília Silveira

Vozes no corpo, territórios na mão: loucura, corpo e escrita no PesquisarCOM

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 19 de março de 2013.

Profa. Dra. Rosane Neves da Silva – UFRGS

Profa. Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto – UFRGS

Profa. Dra. Rosana Teresa Onocko Campos – Unicamp

Profa. Dra. Marcia Oliveira Moraes - UFF

Ao Louco do Zan, por aquela pergunta.

Aos amigos da GAM, pelos bons encontros.

Agradecimentos

Aos colegas da **Turma de Mestrado em Psicologia Social e Institucional de 2011**, “a turma de mestrado mais legal da cidade”, na qual reencontrei colegas de graduação e conheci muitos outros! Pelas amizades florescidas ali, pelas interloUçuções, pelos calorosos debates no bar da Psico, pelas divergências infinitas e por todas as diferenças que nos fizeram deliciosamente “impossíveis”. Pelas festas (pé em Paris ou na sarjeta!), pelas cervejas na Vilma, em companhia do pônei, pelos almoços no RU e por tudo que se tornou mais leve e divertido a partir desse encontro.

À turma da disciplina de **Profanações em Psicologia e Teatro**, pelos deliciosos sábados à tarde ao sabor do corpo e da filosofia. Por me ajudarem a profanar algumas intensidades indizíveis.

Ao **Grupo das Quintas**, pelo estudo e partilha das narrativas e de todas as coisas pelas quais nos deixamos atravessar, especialmente os encontros nos cafés que fizeram transbordar o desejo de novos encontros.

Ao grupo **Lindezas da Escrita**, pelas Clarices e espumantes que alimentaram a alma nos turbilhões. Pela necessária inspiração literária.

A Ester Mambrini, amiga-bruxa que desencanta textos e aceitou encantar e desencantar medos comigo. Inclusive os medos escondidos nesta dissertação. Por me receber na reta final desta escrita e acolher as dores e alegrias desta produção. E, claro, pela revisão preciosa da dissertação.

A Vera Moura, por reunir o trio improvável e pelas “escafandragens” vividas e ainda por vir.

Aos velhos amigos Luciane Wolff e Francisco Machado e às novas amigas Tanise Kettermann Fick, Luciana Fossi e Lívia Zanchet, que me resgataram nos momentos difíceis.

A Lourdes Celeste, pela confiança, pelo cuidado e por me ciceronear pelos caminhos culturais em Porto Alegre.

A Cecília Suñé, que um dia foi árvore para eu ser passarinho.

A Cláudia Cecília Zendron, por resistir às minhas intempéries mais violentas, segurar-me no abraço e ajudar a delinear meus lugares no mundo seja lá onde eu invente estar.

A Analice Palombini (nossa Libélula Louca!), por assumir sua loucura das vírgulas fora de lugar nos textos e com ela deixar meus textos mais fluidos. Por afirmar que não importa tanto o porquê de uma loucura, mas sim o que podemos **fazer com** ela. Por me dizer que eu podia ter medo, mas não precisava usá-lo. Pela aventura e amizade construídas ao longo dos dois anos de orientação e(m) viagens. Por me acompanhar, sempre ao meu lado, nessa Travessia que me faz mestre. Pela paciência, delicadeza e preciosismo infinitos nas leituras dos meus textos até a versão final deste.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa **Travessia: narrações da diferença**, Ceci, Maynar, Rafa Wolsky, Rafa Gil, Adriano, Cláudia, Lívia e Christiane, pelas trocas intensas ao longo dos dois anos e dos diferentes grupos, sem nunca depender de quantidade de encontros para ser intenso, pelas peculiaridades que nos diferenciavam e nos uniam, pelo respeito e cuidado ao modo de cada um.

Ao Grupo de pesquisa **GAM RS**, que me acolheu desde antes de o mestrado oficialmente começar, coletivo que primeiro recebeu minhas inquietações de pesquisadora GAM.

Ao Grupo de pesquisa **GAM BR**, em sua infinidade de nomes e instituições, pela acolhida calorosa, por dar cor, sentido e corpo a esta experiência de pesquisa.

À banca de qualificação: Profa. Marcia Moraes, Profa. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto e Profa. Rosane Neves da Silva, por suas singulares posições e referenciais teóricos que ajudaram a dar outro corpo a este texto e, por consequência, novas tessituras a esta experiência.

À **Aliança Internacional de Pesquisa Universidades-Comunidades** (Alliance de Recherche Universités - Communautés) – ARUCI, pelo financiamento da Pesquisa GAM, que permitiu os encontros a partir dos quais teço essa escritura.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS** e à **Capes**, pela bolsa de estudos que permitiu a imersão necessária para a vivência de pesquisa da qual emerge esta dissertação.

Escrever, para mim é um ato físico, carnal. Quem me conhece sabe a literalidade com que vivo. Eu sou o que escrevo. E não é uma imagem retórica. Eu sinto como se cada palavra, escrita dentro do meu corpo com sangue, fluidos, nervos, fosse sangue, fluidos, nervos. Quando o texto vira palavra escrita, código na tela do computador continua sendo carne minha. Sinto dor física, real e concreta, nesse parto. Sou tomada por essa experiência.

(Eliane Brum em *O Olho da Rua*)

Resumo

Este trabalho é um convite a um passeio pelos litorais de uma pesquisa. Toma o narrar como método, e um método de pesquisa qualitativo, o PesquisarCOM, como objeto. Propõe um passeio desse método por alguns litorais. Com ajuda da literatura, o leitor é levado, a cada capítulo, pelas narrativas da experiência de pesquisarCOM usuários de saúde mental, a deslizar pelos litorais da loucura, do corpo e da escrita marcando as fronteiras entre esses territórios. Uma trama que mistura método, objeto, pesquisador e pesquisado, com o objetivo de problematizar a pesquisa qualitativa em saúde. Esta dissertação esteve imersa no projeto multicêntrico Gestão Autônoma da Medicação, do qual intenta desemaranhar-se a cada capítulo a fim de disseminar essa experiência e inspirar outros pesquisadores a fazer mais pesquisas COM as pessoas e não SOBRE as pessoas.

Palavras-chave: PesquisarCOM, loucura, corpo, escrita.

SILVEIRA, Marília. **Vozes no corpo, territórios na mão: loucura corpo e escrita no PesquisarCOM**. Porto Alegre, 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

Abstract

This study is an invitation to a walk through the coastlines of a research. It takes the narrate as a qualitative research method and ResearchWITH as object. Proposes a walk of this method by some coastlines. With the help of the literature, the reader is led to each chapter by the narratives of the experience of researchWITH users of mental health, to slide the coastlines of madness, body and writing marking the boundaries of these territories. A plot that mixes method, object, researcher and researched, in order to discuss the qualitative health research. This dissertation was immersed in multicentric project Autonomous Management of Medication, which attempts to unravel in each chapter in order to disseminate this experience and inspire other researchers to do more research WITH people and not ABOUT people.

Keywords: ResearchWITH, madness, body, writing.

SILVEIRA, Marília. **Vozes no corpo, territórios na mão: loucura corpo e escrita no PesquisarCOM**. Porto Alegre, 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

Sumário

Olhar.....	13
Convidar	13
Introduzir.....	17
Gestão Autônoma da Medicação: o Projeto da GAM.....	19
Notas para uma proposta cogestiva	24
Pesquisar entre saberes: pesquisarCOM	29
Delinear	37
“Loucurar”	47
Voar.....	49
Paradoxo I: solidão.....	51
Paradoxo II: uma prisão?.....	53
Paradoxo III: escutar vozes.....	54
Paradoxo IV: a loucura do lado de fora.....	57
Margens: sair do bosque.....	60
Em busca da cidadania: uma amizade	62
Limites	68
Movimentar.....	71
Incorporar.....	72
Afetar-se e ser afetado.....	77
O que pode um corpo?.....	82
A pesquisa como obra de arte: a loucura no corpo	83
Habitar o campo de pesquisa com o corpo.....	89
Escrever	93
Escrever, contornar, cuidar	101
Cortar	107

Efeitos do corpo no corpo do texto	108
Processar a escrita.....	108
Por uma escrita bailarina	109
Nas delicadas tramas da vida: a ética no PesquisarCOM.....	112
Disseminar.....	116
<i>Post-scriptum</i>	122
ANEXO A.....	123
ANEXO B	125
Referências.....	128

Olhar



Figura 1: Mangue Seco/Bahia, Marília Silveira, novembro de 2011.

Convidar

Para escrever esta dissertação, foi preciso que nos isolássemos um pouco e procurássemos um lugar tranquilo. As multidões da metrópole e seus ruídos constantes andaram nos atrapalhando. A leveza com a qual outrora flanamos pela cidade se desfez. Não era mais possível flunar, a cidade ficou dura, nós endurecemos. Então escolhemos um lugar macio para ir. Inventamos experimentar uma praia. De areias fofas, claro.

Você está convidado a partir de agora a experimentar esse passeio conosco, ao longo dessa vasta praia, daquelas que você olha para um lado e para o outro e não consegue enxergar onde termina. Você já teve a oportunidade de conhecer uma dessas? Uma dessas praias, que inspira este roteiro, é o Mangue Seco (da foto do início) na Bahia. Você pode chegar nela por Sergipe, atravessar as águas de catamarã e sentir no balanço do barco o momento impreciso em que o Rio Sergipe encontra o mar. Isso porque esta dissertação tem um nó que se aperta quando chegamos aos litorais. Aqueles limites imprecisos entre o mar e a areia, que se alternam conforme o horário e a maré, coisas que podem ser previstas, mas nem sempre.

Pois é, leitor, a experiência de pesquisa que apresentamos aqui esteve imersa na imprecisão dos litorais da loucura, do corpo e da escrita num certo método de pesquisa que aqui chamamos de PesquisarCOM, inspirados no trabalho de Marcia Moraes (2010). Nós pegamos este método porque “é preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades” (DELEUZE, 1992, p. 120). Deleuze (1992), inspirado em Foucault, nos diz que “a visibilidade de uma época é um regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas” (p. 120). Os pesquisadores de nossa época (MINAYO, ASSIS, SOUZA, 2005; ONOCKO, FURTADO, PASSOS, BENEVIDES, 2008; PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2010, etc.) movimentam-se na direção do estudo dos métodos em pesquisa qualitativa. Movimentos que levaram esses pesquisadores a se indagar sobre as “caixas-pretas” dos métodos de pesquisa, como dizem Onocko *et al.*, (2008), e a escrever sobre este tema. Nosso objetivo aqui será colaborar nessa direção e olhar para um método de pesquisa enquanto a pesquisa acontece. Vamos experimentar as mudanças da maré no extenso litoral de um projeto multicêntrico que iniciou em 2009 e segue em andamento em 2013, ano da publicação desta dissertação. Projeto este que apelidamos carinhosamente de GAM – Gestão Autônoma da Medicação (ONOCKO CAMPOS *et al.*, 2012).

Um mar de acontecimentos teve início antes da chegada dessa pesquisadora, que agora se mistura nesse coletivo, o qual seguirá depois da passagem dela. Uma pesquisa vivida na pele, que vai marcando o corpo do pesquisador como o sol quente de nosso litoral.

Pesquisar desse modo é expor-se. Às vezes pesquisar é testar os limites da exposição. Por vezes saímos queimados, sem vontade de voltar à praia novamente. Noutras vezes, experimentamos o mar e machucamos o pé nas conchas que ficam à beira. E houve ainda aquelas vezes em que tudo correu bem e deitamos à noite ansiosos para retornar à praia no dia seguinte.

Pesquisar, assim como experimentar a praia e o mar, requer algumas orientações. Tanto quanto o uso de filtro solar e o conhecimento do horário em que a maré subirá até fazer a praia desaparecer, é bom que um pesquisador se faça munir de algumas ferramentas antes de partir para a experimentação, mas também pode ser interessante lançar-se à experiência sem muitos pré-conceitos. Os instrumentos do pesquisador são as teorias, os métodos, a capacidade de sentir/perceber/escutar. Nesse ponto, o da sensibilidade, o pesquisador pode precisar, além das ferramentas teóricas, encontrar-se também com as artes. Elas podem ser aliadas do pesquisador e ajudar nesse caminho de tornar o corpo do pesquisador sensível e aberto aos acontecimentos de uma pesquisa. Partilhamos com você aquilo que nos foi útil saber e usar, pois agora, leitor, você está convidado a experimentar o pensamento que emerge desta pesquisa.

Logo de entrada, na primeira reunião de pesquisa, a pesquisadora se sentiu meio Alice, aquela do País das Maravilhas. Sem pestanejar, nós pensamos que Alice podia ser uma aliada nessa travessia. Afinal, vai saber se um dia, no meio do passeio pelo litoral, você não se depara com um buraco?

Assim, a pesquisadora entrou nessa pesquisa já em andamento com algumas ferramentas que a sua profissão de psicóloga lhe oferecia. No entanto, a formação não era o único lugar que lhe ofertava ferramentas – seu interesse particular pela literatura e pelo teatro também ajudou a experimentar a pesquisa de outros modos.

Agora podemos nos sentar ali naquele banco de areia para conversar um pouco sobre como as coisas serão escritas por aqui. Nossa política de narratividade fará emergir, em meio a esta escrita, algumas cenas, pequenas narrativas que apresentam personagens – reais, ligados à literatura, inventados para contar o que se passava. Essas passagens serão marcadas *com esta letra diferente* e se apresentarão

recuadas no texto, como uma citação. Elas não são exatamente trechos de diário de campo, como você poderia de pronto pensar. Embora contenham algo sobre o vivido, foram trabalhadas na forma narrativa e, às vezes, foram inventadas pela pesquisadora para contar determinada situação. Além disso, ao longo do texto o leitor também perceberá o uso de diferentes instâncias discursivas: “ela” (primeira instância), pesquisadora-indivíduo, mas distanciada de um “eu” (segunda instância), que, no entanto, comparece nas escritas narrativas, não como eu psicológico, mas como corpo sede da experiência; e “nós” (terceira instância), pesquisadora no coletivo da pesquisa GAM.

Pode ser que você estranhe um pouco essa ideia de inventar coisas, mas é que nós andamos ao lado do poeta Manoel de Barros (1997), que afirma: “tudo que não invento, é falso” (p. 67). Também porque entendemos que “transformamos a realidade para conhecê-la” (PASSOS, EIRADO, 2010, p. 110). O que quer dizer que **inventamos** a realidade para conhecê-la.

O trabalho desta pesquisa se dobra sobre ela mesma, sobre esta pesquisadora, sobre os colegas de pesquisa, sobre todos os participantes. É por causa dessa mistura toda, da qual por vezes fica difícil de sair, que pensamos na invenção de personagens. As personagens e alguns enredos ajudaram a nos distanciar do campo de pesquisa. Talvez tangenciando a ideia de “figuras” em Barthes (1989), as “frações de discurso” que permitem um sentido coreográfico: “o gesto do corpo captado na ação, e não contemplado no repouso (...) aquilo que é possível imobilizar do corpo tensionado” (p. 1). Para Barthes, as figuras se destacam no discurso na medida em que se possa reconhecer algo que tenha sido lido, ouvido ou vivenciado. “A figura é delimitada (como um signo) e memorável (como uma imagem, um conto)” (p.1). Para nós, essas narrativas são pequenos instantâneos dramáticos, pequenas imagens com as quais nos deparamos, sendo justamente essas as que nos inquietaram a escrever e a pensar. Imagens de uma cena em movimento, de uma pesquisa em movimento.

Introduzir

Escolhemos apresentar os capítulos principais, que abrem as diferentes discussões desta dissertação (Loucurar, Incorporar e Escrever, especialmente), com verbos no infinitivo para que o leitor possa conjugá-los no tempo que lhe convier. Não sabemos de antemão como será a experiência de leitura para você, então pensamos que não deveríamos apresentá-los de forma fechada; cada capítulo quer ser um ato cuja ação só pode acontecer no encontro com o nosso leitor.

Introduzir, aqui, torna-se extensão de convidar. Seguimos no cuidado de nosso leitor. Precisamos dizer de que é feita esta dissertação. Como já demos mostra no convite, ela trata de um método de pesquisa, o pesquisarCOM, e nossa proposta é fazer passar esse método por três grandes litorais: a loucura, o corpo e a escrita, como se fossem movimentos de onda; o método vai tomar banho de mar, será lavado em ondas. Ao final, veremos o que dele fará esse banhar. A loucura, o corpo e a escrita foram os temas que encontramos nos primeiros escritos para esta dissertação e decidimos apresentá-los também em verbos no infinitivo: “loucurar”, incorporar e escrever.

A recusa em utilizar o verbo existente em português, “enlouquecer”, deu-se por todo o peso que ele, historicamente, já carrega e ao qual não desejávamos vincular o nosso trabalho. A loucura nos levou à invenção de um verbo inexistente na língua portuguesa. Tal verbo, “loucurar”, que em sua invenção contém, além de um devir-tempo infinitivo – que permitirá ao leitor conjugá-lo da maneira que lhe parecer mais conveniente –, outro verbo dentro dele: curar. Quer dizer, a cura encontra-se na loucura. Como pode um sujeito tratar de sua loucura senão potencializando sua força em si mesmo? Esta já é uma pequena pista de como pensamos a loucura nesta dissertação. É uma loucura incorporada, inseparável do corpo que virá logo em seguida ajudar a pensar nosso modo de pesquisar.

Pesquisar com o corpo é uma aposta. Pesquisar COM o corpo, incorporar o pensamento. O litoral do corpo nos ajudará a experimentar outro corpo de pesquisador, sensível aos acontecimentos de uma pesquisa. Essa incorporação nos diz de uma mistura que é inerente à pesquisa, aquilo que Deleuze e Guattari (1996 [1980]) chamam de imanência: a inseparabilidade do pesquisador e de seu objeto de pesquisa, do pesquisador e do campo de pesquisa e da invenção de todos no ato de pesquisar. Para que tudo isso não se torne apenas puro devir, registramos a experiência no escrever. Escrever com o próprio corpo (a mão que segura o lápis ou que digita sobre o teclado), produzir um território visível dessa experiência, um texto, uma dissertação.

Precisamos alertá-lo, leitor, que os tempos de loucurar, incorporar e escrever são simultâneos, quer dizer, acontecem ao mesmo tempo. Sua apresentação em capítulos distintos foi a forma que encontramos para não enlouquecer diante da complexidade e da delicadeza dos fios que os compunham e que, ao mesmo tempo, compunham uma pesquisadora e cada um dos envolvidos. Era um nó. Um nós. E, para desembaraçá-lo, decidimos criar um território-capítulo para cada um. Também para tentar separar a experiência do corpo da pesquisadora que disserta, escondida no meio desse nó(s).

Este caminho de ofertar verbos no infinitivo a serem conjugados por você, leitor, foi se compondo com um método nesta dissertação: narrar. A produção narrativa é nosso método de pesquisa. Narrar em diferentes tempos, com diferentes personagens nossa experiência de pesquisa, para fazer disso nossa matéria de pensamento. Narrar a experiência para experimentar o pensamento. A isto é que viemos.

As experiências narradas nesta dissertação nasceram do nosso encontro com a Pesquisa da Gestão Autônoma da Medicação (GAM), nasceram das delicadas tramas das relações entre nós – entre pesquisadores e pesquisados que, impacientes, tornaram-se também pesquisadores; de pesquisadores que se deixaram cuidar pelos pesquisados. Essas narrativas são imagens dos nossos movimentos ao longo do tempo de pesquisa desta dissertação (entre janeiro de

2011 e março de 2013), são imagens que tentam colher do campo algo que nos ajude a pensar o método com o qual trabalhamos, o pesquisarCOM.

Gestão Autônoma da Medicação: o Projeto da GAM

Era uma vez uma estudante que pensava que era normal. E que ser normal era algo muito distante de ser louco. Um dia ela foi convidada a ingressar numa pesquisa. E precisou viajar para participar de uma reunião em outro estado. Buscaram-na em casa para levá-la até o aeroporto. No caminho ela conheceu parte do grupo de pesquisa que ia numa animação inacreditável para as 5 horas madrugada daquela manhã.

Quando o voo aterrissou, mal sabia ela que havia se transformado numa personagem da literatura, tampouco que havia desembarcado em outro país. E aquela reunião para a qual tinha sido convidada nada mais era que um Chá.

- Tu vais sentar do meu lado? Tem lugar aqui.

Então a pesquisadora Alice foi levada por aqueles corredores de chão negro e paredes brancas até chegar numa grande sala. Era ali que o tal Chá acontecia. Um lugar mais ou menos assim:



Figura 2: Cartaz do filme Alice no País das Maravilhas de Tim Burton, 2010.

Todos a receberam muito bem. A mesa do chá era muito animada, as vozes das pessoas faziam um conjunto colorido e alegre. Era um lugar onde pessoas diferentes se encontravam. Elas vinham de lugares diferentes e ocupavam na vida e naquele encontro lugares diferentes. Reuniam-se em função de algo maior que elas. Mas foi apenas por causa dessa pesquisa que elas puderam se conhecer e tomar chá juntas.

Entre essas diferentes pessoas, estavam nessa reunião/chá professores, alunos de graduação e pós-graduação de várias universidades, trabalhadores, familiares e usuários de saúde mental. E isso era algo tão novo de acontecer que não podíamos prever os rumos que esse encontro teria.

Estamos falando da pesquisa guarda-chuva desde a qual partimos para escrever esta dissertação. É a investigação multicêntrica “Pesquisa Avaliativa de Saúde Mental: instrumentos para a qualificação da utilização de psicofármacos e formação de recursos humanos - GAM-BR” (CNPq – 2009 e Alliance de Recherche Universités - Communautés - ARUCI/ IDRC International Development Research Centre – 2010-2014), que conduziu grupos de intervenção em Centros de Atenção Psicossocial (Caps) para a construção da versão brasileira do Guia da Gestão Autônoma da Medicação (Guia GAM). Um guia originalmente elaborado por usuários de saúde mental e trabalhadores de serviços alternativos de saúde do Québec, no Canadá, traduzido e adaptado à realidade brasileira por usuários, trabalhadores de saúde mental e pesquisadores¹, os quais, a partir da experiência do seu uso, construíram o Guia GAM brasileiro. O uso do Guia nos grupos de intervenção buscava o compartilhamento e consequente apropriação da experiência de adoecimento e uso de psicofármacos, além de informações sobre

¹ Disponível em: <http://www.fcm.unicamp.br/interfaces/arquivos/ggamBr.pdf>

medicamentos e direitos dos usuários de saúde mental. Visava com isso ao aumento da capacidade de negociação dos usuários com os médicos e demais técnicos dos serviços, no que dizia respeito ao uso de medicamentos e outras decisões de seus tratamentos.

Para situar o projeto da GAM desde seu início, antes da nossa chegada nele, optamos por trazer à tona os textos já produzidos pelo grupo, refletindo o caráter coletivo do projeto. Os trechos a seguir contam, pelos seus viventes, como nasceu a GAM no Brasil.

Coordenada por Rosana Teresa Onocko Campos, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp; com a participação dos seguintes pesquisadores e universidades: Analice Palombini, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Eduardo Passos e André do Eirado, Universidade Federal Fluminense – UFF; Erotildes Leal e Octavio Serpa, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq ao longo dos anos 2009 e 2010. A partir do início de 2010 passou a contar também com financiamento da Aliança Internacional de Pesquisa Universidades-Comunidades (Alliance de Recherche Universités-Communautés) – ARUCI. Esta aliança se deu entre as universidades já citadas, somadas à Universidade de Montreal e à Associação dos Usuários e seus Familiares de Campinas – AFLORE e tem como tema central “Saúde Mental e Cidadania”, contando com financiamento do International Development Research Centre – IDRC.

Os usuários incluídos na pesquisa tiveram a oportunidade de participar de diferentes formas, não apenas como sujeitos pesquisados, mas como sujeitos ativos na construção de saber. Dentre as etapas da Pesquisa nossa, faço uma divisão de dois momentos de encontro, vividos em dois espaços diferentes. No primeiro momento, pesquisadores foram até os CAPS, em um movimento de saída da academia para o campo e abertura para o SUS e sua realidade; nesse momento os pesquisadores experimentaram mudar de lugar e os trabalhadores foram convidados a ouvir outras palavras dentro do CAPS. No segundo momento, alguns usuários e profissionais envolveram-se mais ativamente com a pesquisa, passando a frequentar as reuniões acadêmicas – um campo habitualmente excludente para os leigos – e a participar da sistematização do material produzido nos Grupos de Intervenção; e então, foram os usuários que mudaram de lugar.

As viagens para realização das reuniões multicêntricas² proporcionaram também a circulação por cidades diferentes e o compromisso de acompanhar as discussões que se produziam em cada encontro dos quais, nas universidades, os usuários passaram a fazer parte. Os espaços ocupados ao longo do processo da pesquisa permitiram aos seus integrantes colocarem-se um ao lado do outro, experimentando outros modos de relação e vida entre trabalhadores, usuários e pesquisadores, onde a troca de saberes e de práticas é vivenciada por todos. Vivemos o desafio de enlaçar o saber dos usuários, calcado na experiência de adoecer e de receber um tratamento, e o saber dos pesquisadores, alicerçado em metodologias que precisaram se flexibilizar e reinventar para acolher a opinião dos usuários. A participação ganhou o sentido de reconhecimento das diferenças, permitindo contribuições singulares para a metodologia de pesquisa (MARQUES, 2012, p. 11).

Pensando com Foucault (2000), poderíamos dizer que a pesquisa e seu financiamento internacional forjam as condições de possibilidade para a emergência desse encontro. Na introdução do artigo “A experiência de produção de saber no encontro entre pesquisadores e usuários de serviços públicos de saúde mental: a construção do Guia Gam brasileiro”³, escrito por usuários e pesquisadores da GAM, contamos um pouco mais sobre este início.

Em 2008, após realizarmos uma pesquisa avaliativa e participativa com trabalhadores, usuários e familiares da saúde mental em Campinas⁴, recebemos convite da professora Lourdes Rodriguez del Barrio, da Universidade de Montreal/Canadá, para concorrermos ao Edital da Aliança de Pesquisa entre Universidade e Comunidade (ARUC).

Nossa pesquisa envolvia os usuários, chamados para dizerem tanto o que achavam dos serviços quanto quais

² Reuniões multicêntricas eram os encontros de um ou dois dias que reuniam os pesquisadores e usuários dos três campos de pesquisa (RJ, SP e RS) e nos quais trabalhávamos e deliberávamos juntos as decisões da pesquisa. Os encontros, em sua maioria, aconteciam em Campinas (na Unicamp); alguns aconteceram no Rio de Janeiro (RJ) (UFRJ), em Niterói (RJ) (UFF), Novo Hamburgo (RS) (Caps Centro) e Porto Alegre (UFRGS). Em alguma medida esses encontros se assemelhavam à mesa do Chá Maluco do livro Alice no País das Maravilhas.

³ FLORES, MUHAMMAD, CONCEIÇÃO, *et al.*, 2013, no prelo para os Cadernos de Humanização Vol. V – Humanização em Saúde Mental, Ministério da Saúde.

⁴ “Pesquisa avaliativa de uma rede de centros de atenção psicossocial (Caps): entre a saúde coletiva e a saúde mental”, conduzida pelos membros do grupo de estudos “Saúde Mental e Saúde Coletiva: Interfaces”, inserido no Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, sob coordenação de Rosana Onocko Campos, e com a participação de Regina Benevides e Eduardo Passos, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) (ONOCKO CAMPOS *et al.*, 2008).

dimensões dos mesmos deveriam ser avaliadas. Tal experiência nos parecia inovadora e valiosa.

O convite da Lourdes deu-nos ideia de ampliarmos essa participação. Convidamos integrantes da Associação Florescendo a Vida de Usuários, Familiares e Trabalhadores da Saúde Mental – Aflore (Nilson, Fernando, Marileide, Luciano, Renato, Roberto, Marcos, Maria Regina, Edvan), que foram se aproximando e nos ajudaram a definir as temáticas sobre as quais interessaria fazer uma proposta à agência canadense. A que então enviamos ao International Development Research Centre IDRC – construída com a contribuição dos companheiros usuários – foi uma das quatro propostas selecionadas entre 120 projetos. Com a aprovação, outros usuários (Beth, Júlio, Sandra e Larry) de outras regiões do país (Sudeste e Sul) somaram-se às nossas reuniões multicêntricas, enriquecendo nossa diversidade: de gênero e cultura.

Esse processo foi fundamental e fundador de uma experiência rara no Brasil, que nos abriu para uma prática científico-política por nós até então desconhecida: a de definir perguntas de investigação juntos, usuários e pesquisadores. Perceba, leitor, que isso pouco ocorre: quem define as perguntas quase sempre são os pesquisadores, ou, às vezes, a influência dos financiadores que predefinem algumas temáticas de Editais de Pesquisa (FLORES, MUHAMMAD, CONCEIÇÃO, *et al.*, 2013, no prelo).

Dessa primeira etapa realizada nos Caps e nos quais se conduziu a leitura da primeira versão do Guia GAM, fez-se o convite aos usuários para participarem das reuniões multicêntricas, junto aos pesquisadores, nas universidades. Assim constituíram-se duas instâncias deliberativas no projeto: um Comitê Gestor, composto por um professor representante de cada universidade envolvida, um representante dos trabalhadores, um representante dos usuários e uma representante dos familiares e um Comitê Usuário Cidadão, composto pelos usuários que passaram a participar das reuniões multicêntricas de pesquisa nas universidades.

No Rio Grande do Sul, a experiência na primeira etapa da pesquisa se desdobrou, em 2011, no projeto “Guia GAM como ferramenta para formação de recursos humanos em Saúde Mental” (CNPq – 2011), coordenado pela professora Analice Palombini (da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) e desenvolvida pelo grupo GAM RS (tendo sido aprovada pelo Comitê de

Ética desta universidade e nos respectivos municípios nos quais a pesquisa acontece). Esse projeto abrangeu também o desdobramento da pesquisa na cidade de Novo Hamburgo, onde o segundo grupo de intervenção que acompanhamos num Caps II foi conduzido por dois usuários que participaram da primeira fase da pesquisa. Este grupo nasceu do projeto de uma das usuárias, passou por um processo seletivo interno à ARUC, concorrendo com outros projetos, e recebeu financiamento para ser desenvolvido. O objetivo desse grupo foi o trabalho em torno da autonomia dos usuários. Nosso trabalho, como pesquisadores-acadêmicos, foi de auxiliá-los nessa condução, sem, no entanto, retirar-lhes a posição de coordenadores. Esses dois usuários passaram também a frequentar as reuniões de pesquisa na UFRGS.

A maior parte do material empírico colhido para compor as narrativas⁵ desta dissertação é oriunda de três instâncias da pesquisa: o grupo de intervenção com o Guia GAM conduzido pelos usuários em um Caps II na cidade de Novo Hamburgo (RS); as reuniões multicêntricas; e os encontros de escrita, nos quais alguns pesquisadores e usuários se reuniram para a produção de um artigo sobre a experiência de pesquisar juntos, citado acima.

Notas para uma proposta cogestiva

Para falar da proposta cogestiva, logo nos vieram cenas do grupo de Novo Hamburgo, no qual dois usuários eram os responsáveis pela condução, e do qual a pesquisadora participou (às vezes no lugar de pesquisadora; às vezes no de usuária). Algumas dessas cenas foram colhidas numa narrativa que conta o processo do grupo, escrita para ser apresentada num evento da GAM. O narrador aqui é, portanto, a pesquisadora.

⁵ Eventualmente alguma outra instância da pesquisa ou mesmo de fora dela poderá aparecer, com vistas a dar corpo a alguma discussão ao longo do texto – a referência a esses materiais, então, será feita em nota de rodapé.

No começo do grupo eu achava que tinha que anotar tudo e ficava bem quieta anotando. Acho que isso deixava alguns desconfiados, mas tinha mais gente que escrevia. E tinha gente que lia o que escrevia! Eu não era tão corajosa. Tinha gente fazendo poema enquanto a gente lia. Tinha gente de todo jeito naquele grupo e tinha lugar pra todo mundo nele.

Depois que terminamos a história de Beta⁶ e começamos a ler o Guia GAM mesmo, fomos para outra sala. Daí foi uma confusão, a gente chegava e as salas estavam ocupadas. Aquilo de ter grupo feito por usuários devia ser meio estranho no serviço. Acho que a gente podia ter cuidado disso um pouco mais ou de algum outro jeito. Mas as coisas iam acontecendo e a GAM sobrevivendo às mudanças de equipe do Caps e da pesquisa porque especialmente a Sandra⁷ era quem sustentava a existência da GAM ali. (...)

No começo eu disse que a GAM era um bichinho que nos mordida e nos deixava GAMADO, porque mesmo sem saber o que é dá vontade de conhecer, parece que é assim que se dá o contágio... Daí mais gente perguntava no grupo o que era a GAM. E os coordenadores iam contando um monte de coisas, que íamos aprender sobre os medicamentos, sobre autonomia para discutir com o médico sobre o

⁶ A História de Beta é um material do Ministério da Saúde, escrito por uma usuária de Saúde Mental que conta sua experiência de adoecimento. Como o contato com o campo, que se desdobrava da primeira experiência da pesquisa, foi estabelecido antes dos Guias GAM serem impressos e, como o grupo já estava “quente” e pronto para começar, decidimos iniciar pela leitura compartilhada dessa história. Este material se encontra disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/a_historia_de_beta.pdf

⁷ Usuária responsável pela elaboração do projeto que deu origem a esse grupo e uma das coordenadoras dele. Ela e os demais usuários e pesquisadores cujos nomes aparecem nesta dissertação consentiram a apresentação de seus nomes reais. Alguns dos trechos, como este, foram apresentados a essas pessoas antes da finalização da dissertação, tendo elas consentido com a publicação.

tratamento, que íamos ler o Guia da Gestão Autônoma da Medicação, que isso tudo tinha a ver com cidadania...

Então fomos conversando, sempre naquele clima de acolhimento. E a Sandra ficou doente e não pôde estar em alguns encontros, mas aí o outro usuário engajado no trabalho assumiu o lugar de coordenador e foi levando o grupo também. Eu estava lá, mas poucas vezes eu intervia no grupo como coordenadora, e teve uma vez que eu me arvorei a fazer isso e rapidinho a Sandra me disse de um modo muito sutil que eu voltasse para o meu lugar de participante.

Às vezes a leitura ia rápido demais querendo passar para a próxima pergunta. E alguns de nós dizíamos pra ir mais devagar. Teve uma vez que a gente passou correndo por cima de várias páginas. No encontro seguinte, alguém recomeçou a leitura vinte páginas antes da que a gente tinha parado. O grupo começou a moderar junto, todo mundo ajudava a decidir quando ler, quando parar, quando voltar, quando falar uma bobagem para aliviar uma conversa pesada.

Nesse grupo também tinha sempre uma pessoa da equipe do Caps que acompanhava o trabalho, que participava junto e ficava muito surpresa (como eu, no começo) de ver os usuários conduzindo os encontros.

E tinha também todo mundo contando da sua vida, da sua história. Cada um do seu jeito, no momento que queria contar. Tinha dias que o clima ficava pesado também, que teve gente contando sobre como era ficar internado na ala psiquiátrica do hospital ou como era ficar no Hospital Psiquiátrico...

Nós falávamos muito sobre a cogestão nos encontros multicêntricos, mas era especialmente no campo que ela podia acontecer. Víamos todos os usuários solidários com o coordenador, auxiliando na coordenação do grupo de intervenção na ausência da sua companheira, afastada por um tempo, por adoecimento. E, quando Sandra pôde retornar ao grupo, víamos que ela se sentia cuidada por todos e percebíamos que esse cuidado compartilhado deixava o encontro mais leve.

Ao integrar este grupo, a pesquisadora entendeu que deveria cuidar para não atrapalhar o seu trabalho. Como naquela cena em que o grupo passou sem ler por várias páginas do Guia e depois retomou a leitura vinte páginas antes do ponto em que havia parado. Eram momentos de conflito para a pesquisadora, nos quais precisava assistir uma coordenação do modo como ela podia ser e apostar nela e não no modo que a pesquisadora achava que deveria ser. Era nessa direção que poderia acontecer a cogestão, aqui entendida como um meio de gestão democrática, partilhada e participativa do dispositivo da GAM. Foi também nesse momento que começamos a pensar que era esse o ponto que faria esta dissertação se desemaranhar da GAM para ganhar um corpo próprio. A partir da cogestão, o cerne da metodologia da GAM, é que víamos nascer o pesquisarCOM, o tema desta dissertação.

A cogestão visa “modificar as relações de poder criando espaços coletivos democráticos” (CAMPOS, 2000, p. 48) e se constituiu como princípio para os responsáveis pela condução dos grupos de intervenção GAM, na direção da emergência de uma grupalidade, da tomada de voz de todos os participantes e do manejo das intervenções dos trabalhadores presentes no grupo. Para isso, a pesquisadora precisava abrir mão de sair fazendo aquilo que achava “mais certo”; para apenas acompanhar o que sabiam os colegas de pesquisa que iniciavam seus movimentos como pesquisadores. Além da experiência de adoecer e receber tratamento, eles tinham a experiência de pesquisa, tinham vivido a pesquisa em sua primeira fase, conheciam o Guia. Era nesse conhecimento que residia a aposta da GAM, aproximando-se do “efeito Paideia” descrito por Gastão Campos (2006).

Essa educação para a vida teria como escola a própria vida, mediante a construção de modalidades de cogestão, que permitam

aos sujeitos participarem do comando de processos de trabalho, de educação, de intervenção comunitária e, até mesmo, do cuidado de sua própria saúde. A gestão compartilhada da clínica ou da saúde pública pode se constituir também em um espaço onde se produza esse efeito Paideia (CAMPOS, 2006, p. 20).

O aprendizado para a condução do grupo estava na própria vivência, era na própria experiência de pesquisa que se poderia aprender a pesquisar. E nós exercitávamos a cogestão nas demais instâncias da pesquisa: na análise dos dados, no planejamento financeiro, na escrita dos artigos etc. A cogestão tornou-se uma estratégia ético-política para o desenvolvimento da GAM no Brasil.

Aproximávamo-nos daquele litoral entre **gerir** e **gerar** proposto por Onocko (2003). De gerir o outro (heterogestão), íamos gerando, gestando novos modos de pesquisar que se faziam um pouco ao sabor dos acontecimentos, posto que nem sempre o que planejávamos era possível de realizar. Antes do início deste grupo em Novo Hamburgo, pensamos em fazer um momento de formação sobre grupos com os dois usuários que coordenariam o trabalho; entretanto esta ideia não vingou. Ora, seria um pouco de emprestar o “nosso modo psi” de fazer; em contrapartida, a ausência disso permitiu que eles mesmos inventassem um jeito de fazer, testando, acertando e errando, e o grupo sentia e avisava quando algum desconforto nascia.

A cogestão foi produzida a partir de um processo participativo que promovia as condições de participação e movia distintos campos de forças, forçando-nos a encontrar outros modos de estar no encontro com a diferença. Não só no grupo de intervenção no Caps, mas também nas reuniões de pesquisa. A cogestão foi experimentada nessa relação, nesse encontro com a GAM no Brasil. E as diferenças dos grupos em cada região eram muitas: de modos de pesquisar, teóricas, culturais, de vida, de idade, de ter a experiência de ser diagnosticado e de não a ter ainda. A cogestão era a premissa inicial do trabalho, cujo projeto já fora construído em diálogo com os usuários e familiares. Entretanto, não era algo que estava dado; foi algo produzido, exercitado por nós constantemente. Houve um momento no qual percebemos que todas as decisões da pesquisa eram tomadas no coletivo, que havíamos prescindido da instância deliberativa criada para esse fim,

no caso, o Comitê Gestor. Era um sinal de que mudávamos nosso modo de exercer a cogestão, que inicialmente fora representativa e ali se transformava em coletiva, participativa. O Comitê Usuário Cidadão também perdeu a palavra “Usuário”, sendo chamado apenas de Comitê Cidadão e, com isso, ganhando força nas decisões da pesquisa, organizando-se em suas reivindicações e permitindo a aproximação dos acadêmicos.

Quanto mais nos conhecíamos, confiávamos uns nos outros, mais espaços entre nós se abriam. Quanto mais formas de participação eram forjadas, mais próximos nos sentíamos (acadêmicos, usuários, trabalhadores). A dimensão participativa da pesquisa crescia a cada novo encontro, e nos surpreendíamos com a vitalidade com a qual os usuários passaram a discutir nas reuniões, lado a lado com acadêmicos e trabalhadores, sobre as conquistas e os problemas da pesquisa. Nascia, no exercício de fazer uma pesquisa juntos, um modo de pesquisarCOM.

Pesquisar entre saberes: pesquisarCOM

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.37).

Entendemos que o trabalho investigativo em Psicologia Social se faz nesta pesquisa no encontro com a Saúde Coletiva. Mas é preciso andar pelo litoral – no limiar, a Psicologia Social faria pesquisaCOM, e a Saúde Coletiva faria Pesquisa Avaliativa de Quarta Geração. Isso na teoria, porque, na prática, as misturas que encontramos e produzimos foram muitas. Encontramo-nos nesse litoral, permitimos um movimento de onda de um a outro. Aprendendo um com o outro, emprestamos um ao outro e incorporamos um no outro o que é nosso e o que é do outro. Misturamo-nos. E, às vezes, perdemo-nos. É para voltar ao território de uma

Psicologia Social que escolhemos o termo *pesquisarCOM*, encharcados pela onda que trouxemos do encontro com a Saúde Coletiva, do encontro com a GAM.

Para nos situarmos nos litorais desse encontro, faz-se necessária uma passagem pelos modos de *pesquisar* que levaram à construção de um modo avaliativo de pesquisa. Na avaliação de serviços de saúde pública (FURTADO, 2001; ONOCKO *et al.*, 2008; KANTORSKY *et al.*, 2009, para citar alguns), tem ganhado importância o uso em especial da avaliação de quarta geração: na medida em que inclui a dimensão do sujeito participante, o seu julgamento ocupa, nesse método, um lugar de importância igual ao do julgamento do pesquisador. Segundo Guba e Lincoln (1988), a história da avaliação se divide em quatro gerações: a primeira geração preocupava-se com a **mensuração**, quer dizer, o avaliador era considerado um técnico que precisava “saber construir e usar os instrumentos, de modo que qualquer variável a ser investigada pudesse ser medida” (KANTORSKY *et al.*, 2009, p. 345). A segunda geração ocupava-se com a **descrição** do processo e não apenas com a medição dos resultados. A terceira geração tratava do **julgamento**, quer dizer, o avaliador era considerado um juiz, “mesmo retendo a função técnica e descritiva anterior” (KANTORSKY *et al.*, 2009, p. 345).

Essas três gerações, para Guba e Lincoln (1988), avançaram no modo de pensar a pesquisa, embora apresentem limitações, tais como “a tendência à supremacia da visão gerencial; a incapacidade de acomodar o pluralismo de valores; a hegemonia do paradigma positivista; a desconsideração com o contexto; a grande dependência de medições quantitativas” (KANTORSKY *et al.*, 2009, p. 345). Desse modo, mensuração, descrição e julgamento acabam por eliminar outros caminhos possíveis para se pensar o objeto da avaliação, além de não implicar eticamente o avaliador por aquilo que emerge da avaliação ou pelos seus resultados.

“A partir de tais críticas, os autores [Guba e Lincoln] propõem o que eles mesmos intitularam como a quarta geração de avaliadores que seria uma alternativa aos referenciais anteriores, tendo como base uma avaliação inclusiva e participativa” (FURTADO, 2001, p. 167). Trata-se de atentar para as reivindicações

e questões dos grupos com os quais se trabalha. Ou seja, trabalha-se com os grupos que serão alvos da intervenção sobre o que pensam do tema ou do tipo de investigação que consideram importante ser feita. Para Furtado (2001), “essa divisão em gerações de avaliadores é essencialmente didática e na realidade os diversos referenciais de avaliação coexistem, calcados em diversos eixos metodológicos” (p. 167-168). Furtado nos alerta para a diversidade e discordância entre os autores sobre os vários aspectos da avaliação, entretanto ressalta que

para alguns autores existe consenso com relação ao fato de que avaliar significa emitir um juízo de valor sobre uma intervenção ou um de seus componentes (GUBA & LINCOLN, 1987; SILVA & FORMIGLI, 1994; AGUILAR & ANDER-EGG, 1995; CONTANDRIOPOULOS *et al.*, 1997-b; DESROSIERS *et al.*, 1998). A consideração da avaliação como um processo que inevitavelmente recorrerá ao julgamento de valor significa um avanço ao lidar com este importante e inevitável componente do processo avaliativo (FURTADO, 2001, p. 168).

Sabemos que emitir um juízo de valor, ainda que se considere um aspecto importante na avaliação, “necessita ser acompanhado de uma ampliação e diversificação dos eixos em torno dos quais são emitidos tais julgamentos” (FURTADO, 2001, p. 168). Não mais o exclusivo juízo de valor do pesquisador, mas sim a inclusão de outros, fazendo dos participantes também juízes dessa avaliação.

Em síntese, (...) a prática da pesquisa avaliativa deve, a nosso ver, contemplar a necessidade de: 1) inclusão de diferentes pontos de vista e valores no processo avaliativo; 2) viabilizar e ampliar a utilização dos resultados da avaliação; 3) considerar o inevitável caráter político da pesquisa em geral e da pesquisa avaliativa em particular e 4) capacitar os diferentes envolvidos com o programa ou serviço avaliado (FURTADO, 2001, p. 170).

Nessa direção vieram trabalhando Rosana Onocko, Juarez Furtado, Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (ONOCKO *et al.*, 2008), incluindo ativamente a dimensão participativa de usuários e trabalhadores em Saúde Mental numa pesquisa de avaliação de Caps realizada em Campinas (SP). Passos *et al.* (2008) nos convidam a olhar para a dimensão instituinte da pesquisa avaliativa, que não deveria nunca se tornar instituída. Os autores afirmam a construção de um olhar avaliativo

na gestão dos processos de trabalho, não sendo de partida, olhar de alguém, e, nem de chegada, olhar de todos (...). Tal olhar avaliativo força a avaliação a sair do domínio privado de um eu que avalia – despersonalizando-se em direção a um plano comum, plano coletivo, de qualquer um, onde a avaliação se torna pública (PASSOS *et al.*, 2010 p. 226).

Nesse sentido é que importa, para nós, o cuidado com os diferentes sujeitos da ação destacados em nossa política de narrativa.

Seguindo essa experiência de pesquisa é que adentramos na GAM. Sob a chancela da ARUC, a dimensão da relação entre universidade e comunidade colocava-se a nós como ponto central para o desenvolvimento da pesquisa. Na GAM, aquele que participava podia mudar de lugar e se tornar pesquisador, e os pesquisadores muitas vezes eram interrogados de forma a reavaliarem seu saber ou seu juízo sobre determinada situação diante da experiência trazida pelo usuário. Nisso também se incluíam outras formas de pensar a pesquisa, dada a diversidade da equipe GAM no Brasil. Ao longo do percurso, foi possível perceber que havia distintos caminhos, mas que eles se encontravam e adquiriam força no meio, como diz Deleuze. Ganhavam força no encontro.

A partir do exercício de pesquisar na GAM, foi possível pensar que a dimensão participativa da pesquisa tinha nuances peculiares, para as quais desejávamos olhar mais atentamente nesta dissertação. Dimensões essas que se encontravam com outro método de pesquisa: o pesquisarCOM. O termo pesquisarCOM, grafado dessa forma, foi cunhado por Moraes (2010) a partir de um trabalho de pesquisa desenvolvido com pessoas deficientes visuais – trabalho este que tem sua expressão no livro intitulado *Exercícios de ver e não ver*, organizado por Moraes e Kastrup (2010). Essa perspectiva de pesquisarCOM o outro, e não sobre o outro, está diretamente ligada ao modo de fazer pesquisa participativa, mas parte de uma leitura do campo da Psicologia. “Como Despret (2009) sinaliza, pesquisar com o outro implica tomá-lo não como ‘alvo’ de nossas intervenções. Não se trata de tomar o outro como um ser respondente, um sujeito qualquer que responde às intervenções do pesquisador” (MORAES, 2010, p. 29), mas sim de propor a esse outro um encontro. Um encontro de saberes. De um lado, o

pesquisador com sua formação; de outro, no caso da GAM, um usuário de saúde mental, alguém que vive a experiência de um grave sofrimento psíquico. Um encontro entre diagnosticados e não diagnosticados (ainda!). Entendemos que

é no estranhamento do encontro com o outro que um pensamento pode advir. O pensamento não se reduz à reconhecimento, ao reconhecimento de si mesmo ou de alguma forma dada e definida de antemão, mas ao invés disso, o pensar envolve outras aventuras, encontros inusitados com o mundo. De minha parte, considero que a vida seria muitíssimo tediosa se o tempo todo estivéssemos às voltas com o já sabido, a encontrar no mundo apenas aquilo que nos é familiar, aquilo que, de algum modo, já estava em nosso pensamento (MORAES, 2010, p. 26).

Ir para o campo de pesquisa com essa premissa em mãos e permitir-se afetar pelo encontro, estar disposto ao embate, ao enfrentamento e aos mal-entendidos que inevitavelmente hão de se apresentar. Moraes narra uma cena que nos aponta para um modo de olhar esses mal-entendidos que se apresentam em nossas práticas de pesquisa.

Em um momento inicial da pesquisa, quando fazia observações participantes num grupo de jovens e crianças cegas e com baixa visão, vinculado a uma Oficina de Teatro, deparei-me com um tipo de intervenção que, centrada no referencial do vidente, fazia fracassar uma jovem menina cega congênita, que representaria o personagem de uma bailarina numa peça teatral, naquele momento, ainda em fase de ensaios. A menina não tinha os mesmos referenciais do que os videntes acerca de uma bailarina e de nada adiantavam as intervenções meramente verbais e visuocêntricas que lhe apontavam as ações de seu personagem: girar, levantar os braços, agir com leveza. Ela fazia os movimentos na medida em que ouvia o que lhe era dito, mas logo vinham outras observações: “o braço não deve ser levantado assim, cuide de encolher a barriga, não, não é assim que a bailarina gira, preste atenção nos pés, bailarina anda na ponta dos pés...” Ou seja, a bailarina assentada no referencial vidente não era incorporada pela jovem menina. E, para ela, importava que a sua bailarina fosse bonita para quem enxerga, afinal, na plateia do teatro haveria pessoas cegas, com baixa visão e videntes. E era ela mesma quem dizia: “ah, eu não quero pagar mico não, minha mãe vai me assistir e eu quero estar bem bonita no palco!!” Isso me parecia bastante pertinente, a menina não queria fazer a bailarina de qualquer jeito, ela queria que a bailarina fizesse sentido para ela e para os videntes. Note, leitor, para ela e os videntes – este “e” faz toda diferença. Do que se trata? (MORAES, 2010 p. 27).

A autora nos interroga e interroga a si mesma a conjunção aditiva *e* na frase da menina. Quer dizer, um *e* que considera modos de ver *e* não ver, no caso de sua pesquisa. Em nosso caso, era preciso atentar para o referencial do sujeito diagnosticado e também o nosso, e tantos quantos fossem os *e* encontrados pelo caminho. Da leitura que faz da obra de Vinciane Despret, Moraes afirma que

o mal-entendido promissor anuncia novas versões do que o outro pode fazer, isto é, ele anuncia que o outro que interrogamos é um *expert*, ele pode fazer existir outras coisas (...). O mal-entendido é promissor justamente porque abre outras vias de realização para um fenômeno, abre, enfim, uma bifurcação, ali onde parecia haver uma certa ordenação estável de coisas. O que se abre, portanto, é uma instabilidade, a possibilidade de uma deriva, de uma variação (MORAES, 2010, p.29).

Isso também acontece na pesquisa avaliativa de quarta geração quando se ocupa de estar aberta a escutar outros juízos de valor que não apenas o do pesquisador. No PesquisadorCOM, consideramos o outro um *expert*, escutamos e nos importamos com o que um participante avalia de nosso trabalho de pesquisa, mas também o convidamos para fazer junto conosco. Aceitamos a interrogação que ele nos faz e levamos essa questão adiante, junto com o questionador.

“Como já disseram os institucionalistas franceses, transformamos a realidade para conhecê-la e não o inverso” (PASSOS, EIRADO, 2010, p. 110). Ou seja, forçamos uma nova composição de pesquisa, não só fomos até o Caps intervir para transformar aquela realidade, como também trouxemos os usuários até a universidade para transformar a nossa realidade. Esta é a “forma” que delineamos de pesquisadorCOM, tendo a cogestão como princípio ético-político. O pesquisadorCOM é, portanto, um fazerCOM, quer dizer, os participantes fazem também as perguntas que norteiam a pesquisa, avaliam o processo junto com os pesquisadores. No caso da GAM, isto se deu desde a formulação da pesquisa, e depois, ao longo dela, muitas das invenções que propusemos e as modificações no plano inicial fizeram-se a partir das questões que os usuários nos traziam. PesquisadorCOM é uma forma que une essa abertura encontrada na pesquisa avaliativa de Quarta Geração com a participação no modo mais radical, com o participante ao lado do pesquisador, fazendo junto. Sendo uma forma, pesquisadorCOM é, como todas as outras formas,

“um composto de relações de forças” (DELEUZE, 2005, p. 132) que se movimentam no encontro com as diferenças do mundo.

Assim, de partida, havia algo em nossa postura que era preciso exercitar: jogar diferente com as forças, neste caso, fazer junto com o outro, ao seu lado. O lugar do saber não estava hierarquizado, havia espaço para o diálogo.

No jogo sério das perguntas e respostas, no trabalho de elucidação recíproco, os direitos de cada um são de qualquer forma imanentes à discussão. Eles decorrem apenas da situação do diálogo. Aquele que questiona nada mais faz do que usar um direito que lhe é dado: não ter certeza, perceber uma contradição, ter necessidade de uma informação suplementar, defender diferentes postulados, apontar um erro de raciocínio. Quanto àquele que responde, ele tampouco dispõe de um direito a mais em relação à própria discussão, ele está ligado pela lógica do seu próprio discurso e, pela aceitação do diálogo, ao pensamento do outro. Perguntas e respostas decorrem de um jogo simultaneamente agradável e difícil – em que cada um dos dois parceiros se esforça para só usar os direitos que lhe são dados pelo outro, e pela forma de diálogo convencionalizada (FOUCAULT, 2010 [1984], p. 225).

No caso da GAM, reuniam-se as formas “pesquisador”, “trabalhador de saúde mental”, “usuário de saúde mental” e “familiar de usuário”. Nesta dissertação, vamos focar especificamente duas delas, quais sejam, “pesquisador” e “usuário de saúde mental”, e nas forças que fazem com que essas formas deem-se a ver numa pesquisa. Tais formas já são carregadas de pré-conceitos, carregadas de uma história que transcende os sujeitos que agora se instalam nelas. Ao pesquisador, poderá ser útil varrer-lhe o pó arqueológico. Ao usuário, poderá ser interessante retirar o ranço “consumidor” de sua forma, no sentido de quem usa algo e depois joga fora. Habitaremos essas formas buscando relação com outras forças que nos ajudarão a transformá-las.

Este encontro que se produziu na GAM provocava uma imediata re colocação das coisas, especialmente dos lugares. Tínhamos usuários trabalhando na pesquisa COM a gente. Não estavam ali para serem cuidados ou tratados por nós, pesquisadores-acadêmicos. Estavam ali como companheiros de trabalho. Isso se apresentou para a pesquisadora de forma muito evidente quando, ao chegar

pela primeira vez para uma reunião multicêntrica, foi levada por uma das usuárias e apresentada ao grupo por ela. Já nesta chegada, ficava claro que estávamos num litoral, como aquele apresentado no início deste texto, no qual nem sempre as coisas permaneciam onde estavam e nem sempre o mais previsível ou esperado era o que acontecia.

Em 2011 o grupo GAM brasileiro iniciou as escritas de muitos artigos sobre a pesquisa, com diferentes temas, dos quais docentes e estudantes de todos os grupos e estados envolvidos estavam convidados a participar. Essa era uma tarefa muito exclusiva da universidade, e levamos algum tempo para propor aos usuários se queriam também escrever sobre a experiência de pesquisar junto na universidade. Eles aceitaram. Começamos pensando que eles escreveriam, e nós, estudantes, apenas lhes ajudaríamos. Pedimos que trouxessem textos sobre como havia sido participar da pesquisa. Alguns trouxeram, outros preferiram falar. Então começamos a conversar sobre o que era um artigo científico, que normas o regiam, e quais delas precisavam ser seguidas (introdução, desenvolvimento por tópicos, conclusão). Assim, líamos os textos e víamos, em relação a esses tópicos, onde poderiam se encaixar, e o artigo começou a ganhar corpo. Porém, ao conversarmos sobre o título do artigo e interrogarmos os usuários sobre como era essa experiência de pesquisar na universidade, fomos interrogados por um dos usuários, Louco do Zan⁸, que nos perguntou: “e pra vocês, como é pesquisar desse jeito com a gente?”.

Talvez tenha sido aí que esta dissertação começou a nascer. Uma pergunta que fica ressoando. Uma pergunta que nos persegue e que aceitamos levar conosco.

Como diz a jornalista e escritora Eliane Brum (2010), “todo nosso espanto da vida ele vem pela escuta [...]. Ninguém entra na vida do outro impunemente”. Para nós, só é possível fazer pesquisaCOM se, ao mesmo tempo, estivermos

⁸ Os usuários que compunham o Comitê Cidadão, citados nesse trabalho, foram consultados sobre a forma como gostariam de ser nomeados nesta dissertação. Assim, nomes fictícios ou reais foram acatados, dependendo da escolha de cada um deles. Mais adiante retomaremos o tema desses consentimentos.

dispostos a nos transformar também no processo. A pergunta do Louco do Zan nos desestabilizou, nos provocou, mas foi a isso que nos dispomos. PesquisarCOM é fazer junto, ao lado, aproximar-se daquele com o qual queremos trabalhar.

Delinear

Há um momento do processo dissertativo no qual o pesquisador pode perceber que a escrita da dissertação é também o delineamento de sua pesquisa. Que isso não se dá *a priori*, como se poderia pensar. Então ele se pergunta (ou perguntam a ele): como se deu a sua pesquisa?

Neste momento pode ser necessário cruzar uma linha tênue, quase imperceptível, se a pesquisa em questão se insere em outra pesquisa daquelas que chamamos “guarda-chuva”. O pesquisador pode passar o tempo todo tentando se desemaranhar da pesquisa guarda-chuva para conseguir, enfim, escrever a sua. Espera-se que ao final do percurso ele tenha conseguido.

Caso a situação fosse mesmo como estar debaixo de um guarda-chuva e simplesmente sair dele, pareceria simples resolver: sair debaixo do guarda-chuva e nos molhar um pouco numa chuva refrescante. Entretanto, caro leitor, nosso problema não é tão simples, vejamos por quê.

Imaginemos um pesquisador emaranhado em muitos fios durante todo o processo de pesquisa. Fios que são como linhas de força que o atravessam e o constituem. O pesquisador se faz nessas linhas que compõem

os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc. Como estes meios, além de variarem ao longo do tempo, fazem entre si diferentes combinações, outras forças entram constantemente em jogo, que vão misturar-se às já existentes, numa dinâmica incessante de atração e repulsa. Formam-se na pele constelações as mais diversas que vão se

acumulando até que um diagrama inusitado de relações de força se configure (ROLNIK, s/d, p.1).

Esta pele-pesquisador vive esses movimentos, molda-se neles. No caso de uma pesquisa inserida em outra, o “meio variável” da pesquisa “guarda-chuva” também se coloca em jogo. A partir desses jogos de força, vão se delinear as formas possíveis de serem vistas em uma pesquisa, os inusitados diagramas de que fala Rolnik. Nem sempre se poderá vê-las enquanto a pesquisa acontece; às vezes será preciso algum distanciamento do momento em que a forma se fez visível. Aqui as formas desta dissertação foram nascendo pelas narrativas, essas que vimos escrevendo *com esta letra diferente*.

Tentar desemaranhar uma pesquisa deste “guarda-chuva” pode não ser algo tão simples, especialmente se o pesquisador decidir que seu tema de pesquisa é o método de trabalho da pesquisa guarda-chuva. Isso inclui necessariamente a relação entre as pessoas e todo o jogo de forças implicado nesse desenho metodológico.

Ao final do processo, espera-se ver o pesquisador menos desesperado em meio a tantos fios e forças e tendo conseguido erguer alguns e olhado para o percurso que fazem, podendo registrar algumas formas que o ajudem a dizer algo de sua pesquisa. Assim espera-se.

Foi o que tentamos fazer aqui. Para nós a pesquisa guarda-chuva é a GAM, mas e a pesquisa desta dissertação, qual é? A partir do envolvimento com a GAM, esta dissertação trata sobre o método de trabalho nela investido, que chamamos de PesquisadorCOM, como o leitor deve se lembrar. Quer dizer, a nossa pesquisa se dobra sobre a pesquisa GAM, na qual também trabalhamos. Que jogo complexo de tramas esse em que nos metemos, hein?! Logo, a escolha de pistas para a composição de um método para esta dissertação parece nos ajudar nesta empreitada de desemaranhar esta dissertação da GAM.

Nosso método foi se delineando no próprio processo de escrita, quando, a partir do seu exercício, enxergamos temas, elegemos narrativas e montamos o texto numa ordenação que nos pareceu conversar com, e ao mesmo tempo interrogar, o processo de pesquisa.

Pensando, com Deleuze e Guattari (1997 [1980]), que somente a expressão nos dá o procedimento, partimos da escrita, da expressão narrativa, para pensar a pesquisa porque, “no trabalho da pesquisa e da clínica, de alguma forma, é sempre de narrativas que tratamos”. (PASSOS, BARROS, 2010, p. 150).

Numa revisão feita por Onocko Campos e Furtado (2008) sobre o uso de narrativas, encontramos uma compreensão da narrativa como **mediação**, em diversas correntes de pensamento:

para a crítica literária de Ricoer, como mediação entre discurso e ação; para as correntes historiográficas, como mediação entre acontecimento e estrutura; para as correntes da comunicação, como mediação entre indivíduo e sociedade; para a psicanálise de Kristeva, como mediação entre memória e ação política (p. 1095).

Interessa-nos enfatizar o uso das narrativas nesse ponto de mediação entre memória e ação política. Desse ponto de vista, “toda produção de conhecimento (...) se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente” (PASSOS, BARROS, 2010, p. 150). O conceito de política com o qual trabalhamos pressupõe um sentido ampliado que não se encerra nas práticas relativas ao Estado, mas sim em todas as práticas relativas à cidade. Desse modo, as narrativas se constituem em ações, pois “é pela narrativa e não pela língua em si que se realiza o pensamento político” (KRISTEVA, 2002, p. 87). “Toda narrativa seria assim uma narrativa política” (ONOCKO CAMPOS, FURTADO, 2008, p. 1095), o que nos leva ao encontro da política da narratividade proposta por Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros, que se define

como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um

problema teórico, mas um problema político (PASSOS, BARROS, 2010, p.151).

Escolher a narrativa como forma de apresentar o que colhemos no campo de pesquisa constitui-se nossa estratégia metodológica e política, visando à imersão do leitor na experiência da pesquisa, emprestando-lhe nossos olhos, nosso modo de conhecer. Trata-se de uma estratégia que visa à aproximação do leitor, para que ele possa, mesmo que não o tempo todo, em algum momento, sentir-se tocado por essa experiência, tal como se a tivesse vivido. Também porque apostamos que as narrativas sejam formas possíveis e válidas de colher o material do campo, de outro modo que não em números nem tabelas, especialmente quando o tema de pesquisa for tão delicado como o nosso. Queremos trabalhar na direção de uma validação (não tendo encontrado outra palavra melhor, ficamos com ela) dessa forma de apresentar os dados em uma pesquisa.

Para sustentar tal possibilidade, vamos pensar a experiência como uma vivência narrável e, portanto, partilhável, com base na leitura de Walter Benjamin. Em seu ensaio “O narrador” (1994 [1936]), ele escreve: “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (p. 197). Benjamin estava preocupado com a pobreza da experiência daqueles que viveram a Iª Guerra Mundial e não conseguiam narrar o que lhes havia passado. Num contexto contemporâneo, em diferentes visitas feitas aos serviços de saúde mental, deparamo-nos com uma realidade parecida com esta, narrada assim:

pode ser que, circulando por serviços de saúde mental do seu país, você enxergue certo horror de guerra, de corpos calados, adormecidos, apaziguados. Você fala com essas pessoas que não conseguem narrar sua experiência de adoecimento e elas se apresentam pelos diagnósticos dados pelos profissionais de saúde. Então você escuta um João⁹ se apresentar como bipolar, a Maria como deprimida e o

⁹ Nomes inventados.

menino Daniel como hiperativo. E é como se cada um deles não soubesse dizer mais nada sobre si mesmo.

“Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” – também é Benjamin (1994 [1936]) quem escreve. Ele fala das máquinas de guerra. Aqueles corpos adormecidos nos falavam das máquinas de controle, das técnicas disciplinares, dos medicamentos e do estigma. Por isso insistimos no conceito de experiência.

Jorge Larrosa (2002) recorda que a origem latina de experiência, o vocábulo *experiri*, carrega a ideia de algo que se prova, experimenta, como uma comida estrangeira, mas também como teste (observando o radical *periri*, também presente em *periculum*, perigo). Larrosa (2002, p. 25) aprofunda a escansão, observando que “a raiz indo-europeia *éper*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova”. A experiência reside em algo que o sujeito percorre, mas simultaneamente percorre o sujeito, extravasa-o, amplia-se para além de sua vida presencial. O pensamento de Benjamin avança sobre essa perspectiva: para o autor, experiência produz-se nos encontros, nas sedimentações, nas travessias, fazendo do sujeito seu meio de passagem. (MANO, 2011, p. 30)

Seguindo com Benjamin, aproximamo-nos de uma personagem que pode nos auxiliar na colheita de nossas narrativas. Nesse sentido, não nos interessa produzir uma narrativa que alcance a totalidade da experiência, mas sim o recolhimento de alguns pequenos fragmentos. É nesse momento que o encontro com a personagem do *flanêur* benjaminiano nos ajuda a compor um modo de fazer esse recolhimento de cenas.

Se o *flâneur* se torna sem querer detive [pesquisador?¹⁰], socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. [...] Desenvolve formas de agir convenientes ao ritmo da cidade. Capta as coisas em pleno voo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista (BENJAMIN, 1989, p. 38).

Quem sabe essa proximidade ao artista nos permita e nos inspire pequenas narrativas, estar atentos àquilo de pequeno que sobra num acontecimento, para,

¹⁰ Inclusão nossa.

desse modo, tornarmo-nos sucateiros das narrativas que se apresentam na cidade, na vida, na pesquisa.

Esse narrador sucateiro (...) não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer (GAGNEBIN, 2006, p. 54).

Ocupamo-nos dos pequenos detalhes de nossa infame história, que passariam despercebidos e facilmente esquecidos, “fragmentos de discurso que consigo levam fragmentos de uma realidade da qual fazem parte. (...) são armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas, de que as palavras foram instrumentos” (FOUCAULT, 1992 [1977], p. 96). Inspiramo-nos em Foucault (1992 [1977]), quando se depara com as *lettres de cachet*¹¹ e deseja apenas recolhê-las e não dissertar sobre elas, para que não perdessem a força com que ele se viu afetado ao lê-las. É nessa direção que escolhemos narrar: “Daí essa ideia de recolha, feita um pouco ao sabor do momento. Recolha que foi se compondo sem pressas e sem um fim claramente definido” (p.93). Foi no processo de feitura das narrativas, de escolha do que narrar e em que lugar situar a narrativa, que foi se delineando a forma do texto.

Por conta disso, propomos aqui outro encontro: entre os conceitos de experiência, em Larrosa e Benjamin, e o de experimentar, em Deleuze, pois entendemos que é a partir da experiência narrada que o pensamento poderá advir. Experimentar a pesquisa para experimentar o pensamento.

Para experimentar vista-se de não-senso. Abandone a cronologia e habite o tempo que flui no movimento de pensar. Opte por seguir pelas passagens de novos sentidos e faça do absurdo a matéria do pensamento. Crie palavras para acolher os afetos que se produzem neste percurso. Deixe o método, a explicação e a interpretação desamparados (LAZZAROTTO, 2012, p. 101).

¹¹ Em “A Vida dos Homens Infames”, Foucault utiliza documentos datados de 1660-1760, em especial as *lettres de cachet*: “... tratavam-se no essencial, de documentos emitidos em nome do rei, mas não necessariamente, nem em sua maioria, por sua própria iniciativa, e que tinham como função sujeitar a medidas de segurança (...) todo indivíduo cujos comportamentos eram, no discurso desses mesmos documentos, tipificados como ‘indesejáveis’” (FOUCAULT, 1992 [1977], p.104).

Para Deleuze, “o pensamento só pensa coagido e forçado” por algo que dê a pensar. “É sempre por meio de uma intensidade que o pensamento nos advém” (DELEUZE, 2006 [1968], p. 210), por aquilo que nos desacomoda. “O que promove essa demanda por experimentar? A diferença. É a diferença que invade o pensamento quando a representação não dá conta de responder ao que acontece, e nos leva a criar outros modos de pesquisar” (LAZZAROTTO, 2012, p. 101). Na direção de outros modos de pesquisar, é Deleuze quem nos aponta um caminho, um movimento que vai

da sensibilidade à imaginação, da imaginação à memória, da memória ao pensamento – quando cada faculdade disjunta comunica a outra a violência que a leva [a faculdade disjunta] a seu limite próprio – é a cada vez uma livre figura da diferença que desperta a faculdade, e a desperta como o diferente desta diferença. Tem-se, assim, a diferença na intensidade, a disparidade no fantasma, a dessemelhança na forma do tempo, o diferencial no pensamento (DELEUZE, 2006 [1968], p. 210).

O encontro entre estes conceitos traz a necessidade de acoplar¹² a eles algumas ideias sobre memória e tempo. As narrativas não visam contar os acontecimentos da pesquisa de modo linear, a fim de narrar “a história” da pesquisa, mas, sim, algo mais próximo a uma geografia. Inspirado na cartografia, nosso método busca narrar uma história, jogando com algumas cenas e forjando novos encontros entre os tempos e acontecimentos da pesquisa. O trabalho com as narrativas visa à desmontagem da experiência, tal como a desmontagem do caso clínico proposta por Passos e Barros (2010) para fazer passar “fragmentos intensivos, de partículas de sentido que se liberam, que são extraídas” da experiência.

Para isso a concepção de tempo também precisa abranger uma dimensão intensiva, não cronológica, a-histórica. Por isso a construção narrativa se constitui por uma via cartográfica (geográfica) e não por uma via histórica, de uma temporalidade linear. Dos fragmentos da experiência narrados, partimos para uma

¹² O acoplar (...) é condição de todo conhecimento e explicação baseados em nossa condição viva. Ao invés de ser uma limitação, o acoplamento estrutural nos situa na responsabilidade dos domínios que criamos e habitamos, mantendo a irredutibilidade de nosso acoplamento com o meio que caracteriza nossa condição de seres vivos (MARASCHIN, DIEHL, 2012, p. 21).

incursão pelo pensamento, pelo trabalho teórico, num tempo mais próximo ao da criação artística.

Não é inútil lembrar que o tempo da criação artística ou do pensamento também exige algo dessa ordem. Do dar tempo e paciência para que o tempo e a forma brotem a partir do informe e do indecيدido. O desafio é propiciar as condições para um tempo não controlável, não programável que possa trazer o acontecimento que nossas tecnologias insistem em neutralizar. Pois importa, tanto no caso do pensamento como da criação, mas também no da loucura, guardadas as diferenças, de poder acolher o que não estamos preparados para acolher, porque este novo não pode ser previsto nem programado, pois é da ordem do tempo em sua vinda, e não em sua antecipação. (PELBART, 1993, p. 36).

Entendemos e vivemos a pesquisa como um grande plano caótico no qual nos perdemos muitas vezes. No corpo do pesquisador, um tempo em constante luta com os prazos acadêmicos. Uma luta importante, posto que a ordem e o prazo acadêmico fazem a função de apoio no vislumbrar o ponto final do texto. Com Clarice Lispector suportamos esse tempo.

Esta paciência eu tive: a de suportar, sem nem ao menos o consolo de uma promessa de realização, o grande incômodo da desordem. Mas também é verdade que a ordem constrange (LISPECTOR, 2010, p. 116).

A ordem constrange o pesquisador a encontrar um ponto de finalização da sua pesquisa. Um constrangimento necessário para que advenham outras pesquisas e mesmo a experimentação do pensamento e da elaboração da escrita de uma pesquisa.

É quase o esforço inimaginável, não da abolição do tempo, mas de sua doação. Não libertar-se do tempo, como quer a tecnociência, mas libertar o tempo, devolver-lhe a potência do começo, a possibilidade do impossível, o surgimento do insurgente. Trata-se aí de um tempo que escaparia à presença, à presentificação, a continuidade, dando lugar a outras aventuras temporais (PELBART, 1993, p. 36).

O tempo, diz Bergson (2006), “é aquilo que impede que tudo seja dado de um só golpe. Ele retarda ou, melhor, ele é retardamento. Ele deve, portanto, ser elaboração” (p. 106). Como o tempo de uma escrita. Escrever não é pausa, nem parada, afinal seguimos elaborando o pensamento enquanto escrevemos. Na ideia

lançada por Bergson (2006), de que o “ser vivo dura essencialmente; justamente porque elabora incessantemente algo novo e porque não há elaboração sem procura, nem procura sem tateio” (p. 105), encontramos nosso princípio de pesquisa. Impossível evitar a lembrança de uma personagem de Clarice Lispector: “Lóri se cansava muito porque ela não parava de ser” (LISPECTOR, 1998 [1969], p. 20). É que ser “por si só” já dá muito trabalho. Assim como PesquisarCOM já dá muito trabalho, quiçá elaborá-lo numa dissertação.

Nessa procura por algo novo a que o pesquisar nos incita, é inevitável que nos busquemos junto, que nos façamos outros. No processo de pesquisar, nós nos transformamos, assim como transformamos a realidade para conhecê-la. Quem sabe, no doar-se a fluidez do tempo e pesquisar na duração, percebamos que a duração é constante mutação.

Como não ver que a essência da duração é fluir e que o estável acostado ao estável não resultará nunca em algo que dura? O que é real não são os “estados”, simples instantâneos tomados por nós, mais uma vez, ao longo da mudança; é, pelo contrário, o fluxo, é a continuidade da transição, é a própria mudança (BERGSON, 2006, p. 10).

Nessa direção, o tempo movimenta-se como na música, numa espécie de ritornelo, porque sempre partimos de um ponto, uma referência, um “em casa”. O músico Silvio Ferraz diz que o ritornelo

caracteriza-se pelo movimento de eleger um eixo, de traçar um espaço em volta deste eixo, de deixar com que alguns elementos se estratifiquem e se crie a consistência necessária para tornar expressivos três elementos, quando então encontra uma linha vertiginosa que quase desfaz tudo: um corte, um acidente, uma sensação qualquer que não estava ali antes. O acidente não é uma projeção do passado (por exemplo, um tempo que se projeta ao longo de uma peça e que garante um primeiro chão), nem recai sobre um presente permanente (reiteração contínua), mas a possibilidade de conexões com o ‘futuro’, com linhas de conexões que não estavam previstas no modelo original, e que por sinal desfazem a ideia de original de referência – visto que cada momento passa a ser um espaço de conexões originais, mas de originais transitórios (FERRAZ, 2004, p. 63).

Deleuze e Guattari (1997 [1980]) falam de três tempos desse movimento do ritornelo¹³: ora um imenso buraco negro no qual forjamos um frágil ponto central, tal como aquela canção que canta uma criança amedrontada; ora nos organizamos em torno dessa “‘pose’ (mais que uma forma) calma e estável: o buraco negro tornou-se um em casa. Ora enxertamos uma escapada para fora do buraco negro” (DELEUZE, GUATTARI, 1997 [1980], p. 117). Então, o fio da cançãozinha que pode nos tirar do caos da experiência para poder pensá-la são as narrativas. Com elas é que experimentamos a saída do caos, a organização de algum pensamento que nos encoraje a seguir pesquisando. Esses tempos: ora..., ora..., ora... relacionam-se também aos temas desenvolvidos na sequência desta dissertação: loucura, corpo e escrita. Ora loucura (caos, buraco negro, medo), ora corpo (em modo de abertura para escutar os encontros com a diferença), ora escrita (que contorna um território possível para fora do caos, em direção a um “futuro”). Como afirmam Deleuze e Guattari (1997 [1980]), essa ordem não é “evolutiva”, pois os movimentos acontecem ao mesmo tempo – escolhemos separá-los por uma questão didática e pela força que ganharam os temas em capítulos separados. Em todo caso, de forma alguma queremos entender tudo o que se passou na pesquisa, pois

“não entender” era tão vasto que ultrapassava qualquer entender – entender era sempre limitado. Mas não entender não tinha fronteiras e levava ao infinito, (...) Não era um não entender como um simples de espírito. O bom era ter uma inteligência e não entender. Era uma benção estranha como a de ter a loucura sem ser doida. Era um desinteresse manso em relação às coisas ditas do intelecto, uma doçura de estupidez (LISPECTOR, 1998 [1969], p. 43).

Uma estupidez mansa que nos lança na complexidade das relações entre as pessoas, por vezes densa, por vezes feita de palavras desconhecidas e por momentos de difícil avançar, pois “a dificuldade era uma coisa parada” (LISPECTOR, 1998 [1969], p. 24). A dificuldade de estar no campo, de trabalhar junto e mesmo de escrever era essa “coisa parada” que, por vezes, não nos permitia avançar e que contornávamos com a distância física, a escrita e a literatura.

¹³ Ressaltamos que a colega Cecília de Castro e Marques em sua dissertação também faz menção ao ritornelo para falar da experiência GAM (MARQUES, 2012).

O uso de narrativas da literatura, de recursos linguísticos (variando a posição desde a qual narramos determinado trecho – eu, nós, ela, impessoal) e a escolha da forma de nomeação das pessoas envolvidas na pesquisa compõem nosso método, a fim de encontrar, no jogo das distâncias e aproximações da produção narrativa, modos de dar a ver nosso trabalho sem expor inutilmente os envolvidos. Quer dizer, a questão política segue sempre presente na forma como decidimos apresentar nosso material de pesquisa, na tentativa de dissolver o ponto de vista do observador (PASSOS, EIRADO, 2010), incluindo-o na narrativa, permitindo-lhe afetar-se por outros pontos de vista, implicando-o politicamente na ação de narrar. Fazê-lo desaparecer para que a experiência possa emergir e dizer por si¹⁴. Para esses autores, o pesquisador (cartógrafo) “precisa garantir a possibilidade de colocar em xeque tais pontos de vista proprietários e os territórios existenciais solidificados a eles relacionados” (PASSOS, EIRADO, 2010, p. 122). A ética que embasa nossa proposta é a do cuidado como forma de conhecer, “ou ainda, o paradigma da inseparabilidade imediata entre cuidar e conhecer” (PASSOS, EIRADO, 2010, p.122).

A partir daqui, lançamos você, leitor, ao encontro de nossas aproximações com os participantes desta pesquisa, nos embates que a loucura pode produzir num corpo e na potência dos desenhos territoriais que pudemos fazer pela escrita. Deslizaremos entre a loucura, o corpo e a escrita, atravessados sempre por este modo de fazerCOM.

“Loucurar”

Um dos desdobramentos do trabalho inicial da pesquisa GAM foi o da experiência de Novo Hamburgo, como dissemos lá no início, na qual dois usuários coordenaram um grupo GAM no Caps onde eles recebiam tratamento. Ambos os

¹⁴ O que nos remete ao trabalho de Foucault (1992 [1969]) sobre o desaparecimento do autor e a frase que cita de Beckett “Que importa quem fala, alguém disse, que importa quem fala”.

usuários haviam participado do grupo GAM na sua primeira etapa (2009), que no RS se realizou nesse mesmo Caps. Após a finalização dos grupos de intervenção durante essa primeira etapa, os usuários foram convidados a acompanhar os pesquisadores na universidade, a fim de auxiliarem na montagem da versão brasileira do Guia GAM. A versão do Guia utilizada nesses grupos iniciais era uma primeira tradução já adaptada do guia canadense, feita pelos pesquisadores brasileiros em parceria com a associação de usuários de Campinas. A intenção de convidar os usuários participantes dos grupos de intervenção para as reuniões de pesquisa era para que colaborassem ativamente da montagem da segunda versão do Guia, que utilizamos na segunda etapa da pesquisa, na qual estava inserida a proposta do grupo coordenado pelos usuários. A viabilidade dessa proposta estava diretamente ligada ao modo como a usuária envolvida, que havia escrito o projeto, buscava os espaços no serviço para divulgação do grupo e da GAM. Entretanto, os tempos de escrita do projeto, sua aprovação e a liberação da verba solicitada para sua realização não foram em sequência. Entre a escrita do projeto (novembro de 2010) e a liberação da verba para iniciar o grupo (setembro de 2011), houve mudanças no grupo de pesquisa e na equipe do Caps envolvido na pesquisa. Nesse meio tempo, sempre junto com os movimentos da própria usuária no serviço, tivemos que retomar as negociações com a equipe para iniciar o grupo.

As narrativas que seguem trazem cenas surgidas nesse grupo, que a pesquisadora pôde acompanhar de perto porque era uma das pesquisadoras referência para esse campo. Para trazê-las a esta dissertação, escolhemos nos aproximar da literatura outra vez, a fim de nos distanciarmos um pouco desse contato com o campo, com as pessoas que participavam dele, e podermos escrever. Alice nos ajuda nesta tarefa.

Logo chegou a um campo aberto, com um bosque do outro lado; parecia mais escuro que o último bosque e Alice sentiu um *pouco* de medo de entrar nele. Refletindo melhor, no entanto resolveu ir em frente, “pois para trás é que não vou, com certeza”, pensou, e aquele era o único caminho para a Oitava Casa. “Este deve ser o bosque”, disse pensativamente, “em que as coisas não têm nomes. O que será que vai ser do *meu* nome quando eu entrar nele? Não gostaria nada de perdê-lo”. (...)

“Bem, de todo modo é um grande alívio” disse ao entrar sob as árvores, “depois de sentir tanto calor entrar sob... *o quê?*” continuou, bastante surpresa de não conseguir lembrar a palavra. “Quero dizer entrar sob... sob as... sob *isto*, entende!” Pondo a mão no tronco da árvore. “Como é que isto se chama, afinal? Acredito que não tem nome... ora, com certeza não tem!” (CARROLL, 2009 [1865], p 199).

Nossa Alice caminhava pela praia e, de repente, notou que do outro lado havia um bosque. Não conseguiu resistir a sua curiosidade. Alice entrou no bosque e perdeu o seu nome. Todos os nomes, na verdade. Ela ficou meio assustada com o fato de não poder lembrar os nomes das coisas, nem o dela. Na história de Lewis Carroll (2009 [1865]), Alice encontra uma corça que a ensina a sair do bosque para voltar a lembrar dos nomes. No nosso caso, a entrada no bosque foi decisiva. Nossa Alice entrou no bosque e não sabia mais quem era, confundia os nomes e as histórias que queria contar, esquecia. Entretanto

no esquecimento, há o que se desvia de nós e há esse desvio que vem do esquecimento. Relação entre o desvio da fala e o desvio do esquecimento. Daí que uma fala, mesmo dizendo a coisa esquecida, não falte ao esquecimento, **fale em favor do esquecimento** (BLANCHOT, 2007 [1986], p. 171, grifo nosso).

Ao invés de encontrar uma corça, nossa Alice encontrou outra personagem no passeio pelo bosque. Chama-se Davi e veio falar em favor do esquecimento de Alice. Foi quem ajudou nossa Alice esquecida a organizar as histórias, sem se preocupar em sair do bosque para lembrar os nomes. Alice e Davi são as personagens que guiarão você, leitor, pelos embrenhados e delicados bosques da loucura, nas narrativas que apresentamos ao longo deste capítulo. Davi e Alice vão loucurar conosco. Eles são dois de nós, mas não sabemos quem, porque são, ao mesmo tempo, todos nós e nenhum de nós.

Voar

- Outro dia eu sonhei que estava voando. Montado num fio de cabelo de uma mulher...

- Eu também costumo sonhar que estou voando!

- Viu, a gente é parecido!

Quem nunca sonhou estar voando? Ou caindo? Quem poderia dizer que em meio a um grupo de intervenção num Caps voaríamos até um romance de ficção fantástica? Dormimos mal? Sonhamos cair dentro de um romance do García Márquez? Enganamo-nos de sala?

Quando Alice escutou a primeira frase, que a fez viajar nessa imagem, logo caiu do fio, transformou-se em psicóloga e ficou com medo que essa frase fosse de pronto tomada pelo grupo como um delírio. Davi levantou da cadeira para contar o sonho, agitado. Naquele instante em que o sonho ficou ecoando num milissegundo de silêncio, Alice ficou preocupada. A primeira reação no grupo foi na direção de um encontro com aquele sonho lindo. Ufa, pensou Alice. O grupo fez o que estava para ser feito. Não havia necessidade de intervir além de escutar. Testemunhar o encontro das sensações, dos sonhos, partilhados entre todos.

Como já apontamos antes, a cogestão teve uma função radical nesse grupo, pois o papel do pesquisador era acompanhar, estar junto, ao lado. Em momentos como esse, era difícil saber o que fazer, como a pesquisadora-Alice da cena, e esperar acabava sendo uma saída interessante porque não atropelava o processo do grupo. Essa cena carrega algo singular, porque reúne a loucura e um modo de acolhimento a ela. O grupo poderia bem ter excluído a experiência do Davi, mas não; ao contrário, foi capaz de acolhê-la. E vamos considerar aqui que os sonhos das pessoas não diagnosticadas não são menos loucos do que os sonhos das pessoas diagnosticadas. Quantas vezes acordamos atônitos de um sonho? E

quantas vezes, como Davi, pudemos receber tal acolhimento, sem interpretação, a respeito do que sonhamos? Acolher o modo como as experiências são narradas pelas pessoas é também um dos princípios para quem pesquisaCOM, e isso pôde ser aprendido com o grupo, com os usuários.

Davi também contou, muitas vezes, a história da Saúde Mental no município, desde quando o Caps ainda não era chamado de Caps, na “casa 1” e ele já se tratava lá. As histórias se repetiam, às vezes, num absurdo minimalismo de uso das mesmas palavras de novo e de novo e de novo. Nesses momentos, o grupo era muito mais paciente do que a pesquisadora. Como em qualquer outro grupo, era difícil o manejo das pessoas que tomavam a palavra exageradamente durante um encontro. Às vezes outro alguém interrompia e mudava o assunto, outras vezes escutava-se de novo a história.

Uma das provocações do Guia GAM reside na conversa sobre essa experiência de adoecer, resgatando-a como experiência de vida, como algo a ser partilhado e tomado pelo sujeito como parte de sua história. Nesses encontros do grupo de Novo Hamburgo, muitos foram os paradoxos que surgiram nos relatos dos usuários em relação ao cuidado e ao tratamento e àquilo que ficava de fora. Traremos, a seguir, alguns dos paradoxos que colhemos no campo.

Paradoxo I: solidão

Num dos últimos encontros, quando lemos a pergunta “Quem poderia nos ajudar a enfrentar estas dificuldades?” (Guia GAM, p. 111), Davi respondeu dizendo que estava sozinho, que tinha vontade de falar com alguém, mas não sabia com quem. Sentia que seria bom ter uma terapeuta. O grupo todo se movimentou na direção de se oferecer a ele como apoio e também indicou os espaços terapêuticos do serviço, os dias dos grupos de terapia e quem eram os profissionais de referência. Ao que

ele agradeceu, contando que “um tempo atrás” desconfiava do remédio que o psiquiatra receitava e, então, não tomava. Mas que a conversa no Grupo GAM havia ajudado a acreditar no médico, no remédio, no tratamento. E o efeito disso era que ele se sentia sozinho. Ele não nos disse, mas víamos o Davi conversando com as vozes que só ele escutava, uma conversa amena sempre, que parecia oferecer algum conforto. Ao mesmo tempo em que ele, desconfortável perante o grupo, colocava o Guia aberto na frente da boca, talvez para esconder a conversa com as vozes. Nos encontros que antecederam esse, não o víamos mais colocando o Guia em frente à boca. Talvez as vozes não estivessem mais com ele. Talvez o medicamento tivesse calado as vozes. Entretanto, era justamente nesse momento que a clareza de sua solidão evidenciava-se para ele mesmo.

Foucault (2002 [1964]) afirma que os progressos da medicina poderão fazer desaparecer a doença mental, assim como aconteceu com a lepra e a tuberculose. Sintomas controlados pela farmacologia, definição rigorosa dos comportamentos desviantes para possibilitar a prevenção ou a neutralização deles farão mesmo a loucura desaparecer? O autor afirma, para em seguida interrogar e refutar essa possibilidade. Ele diz,

mas uma coisa permanecerá: a relação do homem com seus fantasmas, com seu impossível, com sua dor sem corpo, com sua carcaça da noite; (...) a sombria pertença do homem à loucura será a memória sem idade de um mal apagado em sua forma de doença, mas obstinando-se como desgraça (FOUCAULT, 2002 [1964], p. 211).

A solidão de Davi abre caminho nessa série de paradoxos sobre o cuidado em saúde mental. Estar ao lado daquele que padece, escutando seu sofrimento sem impor um diagnóstico para essa experiência, mas sim acolhendo, da forma que vier, é também um princípio de quem pesquisa com o outro e não sobre ele.

Paradoxo II: uma prisão?

Em outro momento, Alice foi convidada por Davi para conhecer o hospital onde ele se tratara e a ala onde havia sido internado. Ele já convidara outra amiga antes para essa visita à ala de internação, e ela achou melhor não ir. Davi ponderou com Alice que a outra amiga ficara com medo. Mas Alice sentiu que o pedido de Davi tinha alguma coisa diferente. Quando entraram no prédio onde as alas eram divididas entre masculina e feminina, Alice pôde sentir o ar ficar pesado. Talvez, as pequenas janelas das duas portas de ferro que separavam aquelas pessoas do resto do mundo emanassem o ar de sofrimento das que respiravam do lado de dentro daquelas portas. Ao chegarem à tal porta, precisaram aguardar que um segurança a abrisse para poderem entrar. E logo depois da porta encontraram um pequeno pátio em cuja volta toda havia pequenos quartos, banheiros e o posto de enfermagem. O medo era inevitável ao cruzar a porta de ferro que conduzia às alas. Homens de um lado, mulheres de outro, uniformizados, medicados, silenciados. Será?

Davi entrou no posto de enfermagem e encontrou-se com o enfermeiro que lhe cuidara na última internação, conversaram longamente a respeito das mudanças desde então, dos trabalhos nos quais Davi estava envolvido e do modo como organizou sua vida. Relembrou os tempos difíceis da internação. Davi agradeceu a Deus pela possibilidade de viver em liberdade, Alice disse-lhe que agradecesse a si mesmo também, além de Deus, porque, sem o seu esforço, Deus não

teria feito nada. Davi sorriu concordando e convidou Alice a sair dali. Ao cruzarem a porta do posto de enfermagem em direção ao pátio, escutaram gritos, vinham do outro lado do pátio, era um interno seminu, furioso. Davi alertou que ele era muito agressivo e apressou Alice para saírem logo dali. “Apertaram o passo” em direção à porta de ferro e olharam pela janelinha que dava para outro lado do mundo. O rapaz que abria a porta para aquele lado do mundo não se encontrava mais lá. Um olhar cúmplice aconteceu entre Alice e Davi, indicando certo desespero. Desespero esse que durou longos 30 segundos, até que o responsável por libertá-los, enfim, retornasse e abrisse a porta.

Caro leitor, não queremos nos ocupar de solucionar os paradoxos, mas sim de fazer uso de suas forças, justamente ali onde as tensões se apresentam. Alice-pesquisadora trabalhava com Davi-usuário, que uma vez precisou ser internado no hospital. Davi não precisava mais ficar internado, podia se tratar em liberdade, mas, naquele dia, ambos puderam ver que havia ainda um tipo de loucura impossibilitada de habitar a cidade. Aquele homem gritava, seria clamando por sua liberdade?

Paradoxo III: escutar vozes

Naquele dia o Caps estava uma balbúrdia; usuários, trabalhadores e residentes estavam preparando a festa junina, bandeirinhas, chapéus de palha e música animavam o ambiente. A mesa, que era sempre usada para o grupo, forrada de

bandeirinhas. Enquanto Davi preocupava-se em conseguir uma sala, uma psicóloga do serviço – que acompanhava o grupo – oferecia-se para “ajudar” Alice na coordenação do grupo, na ausência da usuária, colega de Davi, que tomava a frente nessa tarefa. “Ok”, Alice disse, “podemos nos ajudar, mas é o Davi quem coordena o grupo”. Não sem um ar de surpresa, ela teve que concordar com Alice.

Alice, Davi e a psicóloga negociaram, então, com todos, que não se interrompessem as tarefas de preparação da festa para não concorrer com elas (porque perderiam feio!), ou seja, não iriam para outro lugar nem tirariam os usuários de um trabalho que estava visivelmente prazeroso. A proposta era fazer o grupo ali mesmo, em meio às bandeirinhas e ao ar de festa na casa. Alice sinalizou para Davi que ele se sentasse à cabeceira da mesa e iniciasse o grupo.

Ele então pediu licença para as pessoas e retomou a tarefa da leitura. Primeiro informou, aos que não estavam presentes no último encontro, que vinham lendo a História de Beta e fez um breve apanhado da história até onde haviam parado da última vez. Depois, pediu a Alice que iniciasse a leitura, pois ele não estava bem para ler naquele dia. Começaram, assim, a leitura, e, a cada parada, ele fazia intervenções, escutava a todos, coordenava quando a conversa avançava longe demais do tema, solicitava o retorno à leitura, perguntava quem queria seguir lendo, questionava as intervenções dos demais usuários e em alguns momentos também conversava com suas vozes, aquelas que ninguém mais ali podia ouvir. Alice e a psicóloga do serviço ficaram boquiabertas (literalmente) com a sua desenvoltura...

Davi mostrava outro universo de referência. Aquele que escuta vozes pôde escutar as vozes das pessoas que falavam naquela sala. E por que não poderia?

Quando foi que decidimos isso? Nesses momentos, era possível movimentar as forças dessas formas, como a do louco ou do usuário de saúde mental. Chamar um sujeito de louco e ou dar-lhe um diagnóstico de psicose ou esquizofrenia implica em movimentar os regimes de visibilidade e audibilidade dele. No momento em que o sujeito recebe esses nomes, sua palavra pode não ser mais considerada, e o diagnóstico pode ganhar tal visibilidade que acaba por invisibilizar o sujeito. Talvez tenha sido por isso que Alice aceitou convite do Davi para permanecer no bosque, sem lembrar os nomes. Junto com os nomes próprios, Alice descobriu que outros nomes como os que damos para diagnosticar as pessoas inviabilizam histórias. Alice queria saber das histórias, não dos nomes. Nós também.

Nesta narrativa, o sintoma é um pássaro que bate com o bico na janela, “não se trata de interpretá-lo. Trata-se antes de detectar sua trajetória para ver se pode servir de indicador de novos universos de referência suscetível de adquirir uma consistência suficiente para revirar uma situação” (GUATTARI *apud* DELEUZE, 1997, p. 77). Davi revirou a situação das vozes e nos surpreendeu. Ao deixar o diagnóstico de lado, aquilo que era sintoma a ser calado passa a ser potência a utilizar.

Isso possibilita ver acontecer e pensar no que nos diz Foucault (2007 [1972]) sobre a fabricação da loucura e os regimes de exclusão, além da desconcertante sensação de perceber o quanto o preconceito ainda está em todos nós.

A loucura é ruptura absoluta de obra, diz Michel Foucault. À primeira vista tudo parece claro. Por obra entendemos trabalho, construção, consistência, produto, comunicação, estrutura — tudo aquilo de que são incapazes nossos loucos, impotentes e desmilinguidos. Obra é materialização de trabalho, forma, inserção do homem no espaço e inauguração de história. Os que não produzem, não formam, não comunicam, não têm lugar — a esses nós chamamos de loucos. A conclusão se impõe: ausência da obra vale como critério-limite para discriminar o produtor do improdutivo, o estruturado do desmanchado, o existente do desistente, o são do insensato (PELBART, 1989, p. 173).

O momento histórico em que a loucura é completamente capturada pela psiquiatria (contida e silenciada) é também o mesmo momento em que seus gritos

proliferam nas obras produzidas nas colônias de internamento e nos hospitais psiquiátricos (tal como podemos ver na história de Arthur Bispo do Rosário, no Museu das Imagens do Inconsciente e tantos outros...). A questão é que a obra aparece aqui como ruína da obra, ou nos termos de Blanchot, como *desobramento*. A noção de estrutura é desmontada, a obra aparece em processo, não finalizada, não acabada, escancara-se o processo de produção dela, o que se pode ver em qualquer visita às recentes Bienais de arte. “Se há ali trabalho, visa à demolição da própria noção de trabalho, de obra, de linguagem, do enquadre, da inteligibilidade etc.” (PELBART, 1989, p. 174). Aqui vimos a desmontagem da noção de louco e de coordenador de grupo.

Paradoxo IV: a loucura do lado de fora

Ao invés de a razão enclausurar o mar irracional que a circunda e ameaça nas figuras clássicas do louco e da obra, talvez seja possível permitir que a desrazão (nós diremos: o Fora) "designa" a insularidade da razão (diremos: a Dobra). Significaria atentar para o fato de que a vizinhança da desrazão, isto é, do Fora, é essencial para a vida (do pensamento) (PELBART, 1989, p. 174).

Tatiana Levy (2003) comenta que, para Deleuze, “(...) a experiência do Fora é o que leva o pensamento a pensar, realçando o impensável do pensamento, o invisível da visão e o indizível da palavra” (p. 15). Pensar então é criar distintas estratégias para a vida e para o mundo, ato que só é possível quando nos aproximamos desse mundo. No pesquisarCOM são distintas as estratégias de lidar com a diferença que faz pensar, justamente porque nos permitimos pensar COM ela.

Davi e o grupo falavam sobre o “louco de verdade”:

- Louco mesmo é aquele cara que anda na rua, tem um desses que anda aqui pelo bairro. Ele não toma banho e se veste muito mal. Carrega as roupas num saco. Acho que carrega a vida num saco.

- E ele não sente frio, está sempre de chinelo de dedo e manga curta, mesmo no inverno. E não dá pra falar com ele. Ele é bravo, olha pra gente, furioso. Eu tenho medo dele.

- Conversa sozinho, muito estranho, grita como se estivesse brigando com alguém, mas aí tu olhas e não tem ninguém pra onde ele está olhando.

O grupo construíra uma montagem, como a de uma personagem, o Louco, que era um tipo que não pertencia àquele grupo, quiçá àquele Caps. Era o andarilho, aquele homem ou aquela mulher sem casa, que vivia na rua. Em alguma medida, poderia se aproximar da figura do Chapeleiro Louco, que usa roupas estranhas e não fala coisa com coisa. Poderia também se aproximar do *flâneur* benjaminiano, um andarilho, sucateiro dos olhares da cidade. Mas o importante dessa montagem era que essa figura do Louco não pertencia ao Caps, nem àquele grupo. Era alguma coisa fora. Mesmo que este louco apresentasse comportamentos parecidos com os nossos, o “Louco da rua” estava fora. Era como se disséssemos: “a loucura não nos pertence! Não queremos nada que nos faça sentir próximos a ela!”.

“Fora” nos remete a uma exclusão, algo que é externo a um interior. O sentido de fora está, então, ligado a algo alheio ou distante. No Rio Grande do Sul, usamos a expressão “dormir fora” para nos referirmos a dormir fora da própria casa, quando se vai à casa de outra pessoa. O advérbio fora também designa essa distância de algo conhecido. No senso comum, também escutamos a expressão “fora de si”, para designar a loucura ou um estado alterado de consciência de uma pessoa.

Foucault (2007 [1972]) faz a genealogia desta construção do louco e das formas de exclusão da loucura. Para o autor, “a loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam” (FOUCAULT, 2002 [1961], p.163). É interessante pensar que a loucura já esteve no social como um fato estético ou cotidiano e que, a partir da internação (século XVII), “a loucura atravessa um período de silêncio, de exclusão” (p.163). O autor escreve que esse ato gera dois movimentos: um da psiquiatria, com sua “filantropia desdenhosa” em relação ao louco, e outro da poesia, “o grande protesto lírico (...) de Nerval a Artaud, e que é um esforço para tornar a dar à experiência da loucura uma profundidade e um poder de revelação que haviam sido aniquilados pela internação” (p. 163).

Qual era então (...) essa estranha delimitação que atuou desde o ponto mais longínquo da Idade Média até o século XX e, talvez, mais além? Por que a cultura ocidental rejeitou para os confins aquilo mesmo em que ela teria podido, afinal, reconhecer-se – em que, de fato, ela própria reconheceu-se e de modo tortuoso? Por que ela formulou claramente (...) que a loucura era a verdade desnuda do homem e, no entanto, a colocou em um espaço neutralizado e pálido no qual ela era como que anulada? (FOUCAULT, 2002 [1964], p. 210).

Embora o tema das internações psiquiátricas ainda seja uma questão para a Reforma Psiquiátrica, os movimentos que geraram a condição de possibilidade para o tratamento em saúde mental praticado em liberdade e no território também têm, ainda, seus impasses e limitações. O uso abusivo de medicamentos, por exemplo, é capaz de produzir o mesmo efeito de silenciamento e neutralização que o produzido pela internação, tanto quanto algumas práticas que encapsulam os sujeitos na rede de saúde mental, impedindo práticas de criação, de vida, de cidadania, de movimentos do sujeito em direção à cidade. Ainda assim, há os que resistem: “Entre as mãos das culturas historiadoras não restará mais nada a não ser as medidas codificadas da internação, as técnicas da medicina e, de outro lado, a inclusão repentina, irruptiva, em nossa linguagem, da fala dos excluídos” (FOUCAULT, 2002 [1964], p. 211). A impressão que esta pesquisadora teve na primeira reunião multicêntrica de que participou em Campinas era ainda essa: os usuários estavam com os pesquisadores, estavam entre eles, mas eram não mais

do que essas vozes que irrompiam no meio de uma discussão, ainda que para dizer algo relativo ao tema tratado. Era também essa a impressão de Alice quando esteve com Davi no hospital: aquele que gritava atrás deles era um desses excluídos do mundo.

Margens: sair do bosque

Alice e Davi, cansados de seu passeio pelo bosque, encontraram a corça, que os levou de volta para a praia. Foi na margem da praia que Alice voltou a se lembrar quem era, mas, profundamente aturdida com a experiência, ela soube que já não era mais a mesma Alice de antes.

É também na margem da praia que decidimos passear por outros lugares. A partir daqui, nosso encontro será com a cidade, com a universidade. Com isso queremos dizer que os temas das narrativas daqui até o final desta dissertação estarão relacionados com os espaços de pesquisa fora do Caps, em outros espaços que pudemos habitar a partir do encontro proporcionado pela pesquisa GAM.

Foi quase no fim do grupo GAM em Novo Hamburgo (janeiro de 2011) que qualifiquei meu projeto de dissertação. Resolvemos convidar os participantes do grupo para assistirem à apresentação na universidade, já que se tratava de um trabalho relacionado também ao nosso grupo. Eles foram os primeiros a chegar e esperaram muito até que todas as pessoas que precisavam chegar chegassem. A banca atrasou cerca de trinta minutos. Eles se divertiram com meu pai me enchendo de perguntas despropositadas, ainda que necessárias para esclarecer-lhes o que iria acontecer ali. Uma colega do mestrado me perguntou onde “eles” estavam.

A sala cheia já permitia certa mistura. Usuários fora do Caps, vejam, podiam se tornar pessoas aos olhos de outras pessoas. Ainda assim parecia-me que aquele evento mais alimentava o meu ego do que produzia algo efetivamente neles ou para eles. Diferente do sentido que os usuários participantes do Comitê Cidadão inventaram conosco sobre estar na universidade e saber o que acontece lá, porque com esses poucos a relação foi mais intensa. Os usuários que ali estavam, no momento da qualificação do mestrado, haviam sido trazidos ali para assisti-la.

Um singelo acontecimento no encontro seguinte é que marca o efeito desse convite. Ao final do encontro, no Caps, todos abraçaram a pesquisadora. Todos, sem exceção, até aqueles que até então mal trocavam olhares com ela. Talvez, mais do que os fazer compreender ou participar da sua banca de qualificação, o acontecimento ali se deveu a ela ter partilhado a sua vida com eles. Algo que se assemelhava a respeito e amizade. Talvez da mesma forma como a pesquisadora, não podendo mesmo entender o que se passava com eles numa crise e, ainda assim, escutando-os, testemunhava suas experiências. Eles partilharam suas vidas com ela, e ela, muito pouco a sua com eles, mas, naquele dia, eles entenderam que era importante para a pesquisadora a presença de cada um ali. “Eu me senti importante”, Davi lhe disse depois.

Sentir-se útil ou importante era algo muito caro a eles todos. A todos nós, poderíamos dizer. A doença, contavam, havia-lhes tirado a capacidade de ser útil na vida, de trabalhar, de dirigir um carro, de cuidar dos filhos, de cuidar de si mesmos. O tratamento não lhes restituía isso. Falavam muito sobre “voltar a ser o que era antes” ou querer ser “normal de novo”. Ainda que entendamos que muitos eventos nas nossas vidas sejam de tal forma marcantes que as coisas não possam continuar iguais depois, havia nisso um lamento que tentávamos entender, em vão. Talvez porque aí resida mesmo a grande marca despotencializadora de vida (ROLNIK, 1993) que o adoecimento traz, quando a vida nos toma de assalto de tal modo que perdemos a vontade de seguir. Era o limite da experiência, aquela parte do litoral que o pesquisador não podia alcançar por não ter um diagnóstico

psiquiátrico, por não ter seu corpo invadido pelos efeitos dos medicamentos que tiram as vozes, mas deixam o sujeito lento. Talvez aí resida a singularidade. Por mais que queiramos nos aproximar do outro, há coisas nele que jamais alcançaremos entender. É essa parte do litoral que jamais poderemos compreender, ainda que possamos contemplá-la. O outro contempla o que não entende de nós, e nós contemplamos o que talvez jamais possamos entender do outro. Olhamo-nos em silêncio. É o que basta.

Quando falamos em pesquisarCOM o outro, queremos dizer também dos limites dessa relação, de estar atento àquilo que o outro pode fazer, pode partilhar. Estar atento a essas margens também é tarefa de quem pesquisaCOM, para não transformar a relação de pesquisa, de trabalho, em mais sofrimento. E vice-versa, vale também ponderar o quanto o pesquisador colocará de si em jogo nessa relação. O pesquisador precisa estar atento a isso também, para não entrar por demais em sofrimento, porque algum sofrimento também é inerente ao pesquisar. Esse jogo de forças é o próprio processo de pesquisa, cujo efeito aparece na relação mesma, pois, como anunciam Passos e Barros (2000), “o momento da pesquisa é o momento, sobretudo, de produção do objeto e daquele que conhece; o momento da pesquisa é momento de intervenção, já que sempre se está implicado” (p. 73).

Em busca da cidadania: uma amizade

“Será que a sociedade está preparada para lidar com a loucura cidadã?” Interroga-nos e a si mesmo o Davi. Uma das questões sempre trazidas pelos usuários nas reuniões multicêntricas e nas conversas ao longo dos dias que passávamos juntos era como fazer parte do mundo, sair do confinamento das

instituições de saúde mental. “A gente quer sair da saúde mental, mas não consegue”, Davi disse alguma vez. Entendemos que, para além de um tratamento humanizado em saúde mental, a função dos serviços e das militâncias e também do projeto na GAM é promover espaços de debate, nos quais o tema da cidadania esteja presente – e promover também espaços de saída dos serviços em direção à cidade. Descobrimos, com eles, que a doença mental confina o sujeito a uma pequena rede que o aceita como ele é, mas que muitas vezes não o ajuda a ser, no social, como ele é. O estigma funcionaria aqui como um traço identitário: uma vez recebido, abre portas nos serviços de atendimento, asilos e hospitais psiquiátricos e fecha outras tantas na direção da sociedade. Um drama vivido de diferentes formas em cada região do país. Por outro lado, pudemos escutar, com a presença dos companheiros usuários no trabalho, outros modos de estar na cidade. Em Campinas, os usuários que conhecemos são muito engajados nas militâncias de saúde mental na cidade; já no Rio de Janeiro, um dos usuários participa da TV Pinel e do grupo musical Clube da Esquina, e outra coordena um projeto chamado “A voz do usuário”. Numa das reuniões multicêntricas, a ausência dessa usuária se deu por ela estar trabalhando como secretária de um médico psiquiatra, cobrindo as férias de outra funcionária. Em contrapartida, aqui no Sul, as reuniões da GAM eram a única atividade, além do Caps, de uma das usuárias.

Para essas pessoas, a GAM abriu uma porta (sabemos, não é a única) que lhes permitiu a circulação por espaços antes não frequentados. Para além da universidade, a vida. Ao viajar para as reuniões, nós habitávamos a cidade: a espera no aeroporto, cafés da manhã de hotel, almoços e jantas nos restaurantes da cidade. Nesses momentos, em que, por exemplo, caminhávamos da sala de reunião na Unicamp até o restaurante em que almoçávamos, dentro do campus, tínhamos as conversas mais francas sobre a vida. Era nesses pequenos intervalos que a vida se fazia intensa na direção da amizade. Num desses encontros, na noite entre dois dias de reunião em Campinas, talvez tenhamos avançado a relação um pouco mais nessa direção.

Era a última reunião do semestre. Era julho. Fazia de conta que fazia frio em Campinas. Porque, para um gaúcho sentir frio precisa o termômetro marcar menos que 10 graus. Ainda assim estava “frio”, então fomos jantar numa casa de sopas. Os vidros fechados e o ar-condicionado ligado no quente davam a cara do inverno campineiro. Nós, gaúchos, reclamando o calor e pedindo para desligar o ar quente. Muitosinhos e sopas depois, nossa animação era incontrolável. Os professores já haviam ido embora, e alguns usuários manifestaram sua vontade de voltar ao hotel. Chamamos um táxi e eles puderam ir. Mas alguns de nós (entre estudantes, trabalhadores e usuários) ficamos até o restaurante fechar e decidimos colocar som no carro de uma das colegas, em frente ao restaurante, para que pudéssemos dançar na rua. Das portas abertas, Lobão, gritava “não dá para controlar, não dá, não dá pra planejar”... E nós dançávamos. Até nos pedirem “gentilmente” que desligássemos o som e saíssemos dali.

Parece-nos impossível que, após uma cena como essa, cujos pormenores não cabem numa dissertação, a relação entre nós não mudasse. Como na cena anterior, do convite para a qualificação. Porém, aqui éramos cúmplices numa pequena baderna feita no meio da cidade, a olhos vistos (e desgostosos). Uma sensação de retorno à adolescência passava por todos nós. Efeitos de vinho e música no corpo. Efeitos de cumplicidade entre nós.

A emoção que nos unia em torno da nossa tarefa de trabalho ganhava outros contornos nesses momentos. Eram momentos muito esperados por todos nós. Para os usuários, era a possibilidade de desfrutar da rua à noite, algo que não costumavam fazer. Era a chance de estarem na cidade como outra pessoa qualquer. Era também o momento em que nos sentíamos “cidadãos do mundo”. Era, para todos nós, a possibilidade de saber quem namorava quem e em que pé andavam os

relacionamentos, os casamentos, as “ficadas”. Essas inaugurações de intimidade eram suficientes para a pesquisadora ser cravada de perguntas sobre a sua relação com outro colega. Era intimidade suficiente para fazer esse assunto render até ela se desconcertar e decidir o ponto no qual instalar o limite sobre esse tema entre ela e algum usuário.

Hoje isso nos parece duas coisas: um cuidado e também a possibilidade de viver algo da sexualidade que é difícil para todos, mas que, para os usuários, era ainda mais complicado. Medicamentos que não lhes permitem “sentir nada” passaram a ser ponto de conversa nas reuniões do Comitê Cidadão, a partir desse momento. A sexualidade ganhava lugar para ser conversada.

E a amizade ganhava aquela força transgressora a que Foucault se refere. Segundo Ortega (1999), Foucault “não se interessava tanto pela função compensatória da amizade, quanto pela alternativa que ela representa a formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas” (p. 157). Especialmente nas delicadas tramas da saúde mental, poder arriscar outras formas de viver esses encontros era também a chance, para todos nós, de fazer outros laços na vida, ampliar nosso olhar, afinal “falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização” (ORTEGA, 1999, p. 157).

Por um lado, parecia-nos que era necessário algum cuidado – que às vezes não tínhamos – com esse assunto dos amores ou com a exposição de nossos romances. Por outro lado, era a vida acontecendo, pedindo passagem para ser vivida. Em sendo tema de conversa entre os estudantes, e entre os estudantes e os professores, por que não poderia ser com os usuários também? De algum modo, todos nos cuidávamos. Estabelecíamos na própria experimentação uma ética da amizade que, segundo Ortega, deve

visar precisamente a encorajar essa vontade de agir, a recuperar um certo apelo iluminista à coragem de pensar de uma forma ainda não-pensada, de sentir e de amar de maneira diferente. Trata-se de elaborar uma política da imaginação que aponte para a criação de novas imagens e metáforas para o pensamento, a política e os sentimentos e que renuncie a prescrever uma imagem dominante, pois isso significaria, no fundo, simplesmente

substituímos um imaginário, que se tornou obsoleto, por outro (ORTEGA, 1995, p. 8).

Foucault propõe pensar a amizade como modo de vida, algo a ser partilhado por “indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética” (FOUCAULT, 1981, p. 38). O que nos leva a outra cena em outra reunião de pesquisa.

Houve um encontro no qual Alice, usuária participante de um dos grupos de intervenção, que pela primeira vez comparecia a uma reunião multicêntrica, confessou para nós durante o almoço que estava perdidamente apaixonada por um dos estudantes que acompanhavam o grupo GAM na sua cidade. Davi riu da cena e explicou: “é a contratransferência, você sabe como é, né? Já aconteceu comigo também”.

Já aconteceu com todos nós. Acontece quando partilhamos algo muito potente e especial com outras pessoas. Pode, aos nossos olhos, parecer desconcertante ou complexo de lidar, mas a colega quebequense Lorraine Guay,¹⁵ numa conversa informal sobre a cena narrada acima, propôs outro modo de olhá-la: “é também a possibilidade dessa mulher sentir essas coisas” – “sentir-se apaixonada”, acrescentamos em sequência. Isso nos pareceu tão grande na hora em que foi dito... Apaixonar-se é um modo de nos sentirmos vivos, e parece que o conjunto adoecimento + estigma + medicamento acaba com a possibilidade e mesmo o direito de sentir-se assim. Há um embotamento dos corpos, das sensações. Portanto, se estar na GAM permite que nos apaixonemos – mesmo que pela “contratransferência”, como explicou o Davi –, deve ser porque, possivelmente, estamos produzindo vida.

¹⁵ Lorraine Guay é uma pesquisadora do Grupo de Trabalho da Comissão de Saúde Mental do Québec/Canadá que pesquisa sobre a qualidade dos serviços de saúde. Esteve envolvida no início da GAM no Canadá.

Amizade talvez seja aquilo de transversal que permite o encontro avançar para aquele limite em que, sabemos, há um outro para escutar, não importa o quê. Amizade talvez seja aqui o cuidado. É nesse ponto do cuidado que se faz a clínica também, possibilitando, pela amizade, um pequeno salto, uma mudança de lugar. Nós trabalhamos muito ao lado dos usuários, e não foram poucos os momentos em que eles nos cuidaram. Como nossa companheira carioca que, ao final de cada reunião, enviava-nos um e-mail agradecendo a todos pelo encontro e pela recepção sempre calorosa, terminando seu recado com “um beijo no coração”. Ou o amigo campineiro, nosso relógio ambulante, a nos lembrar, em cada reunião, que já estávamos cansados e era hora de parar para comer.

Então éramos levados a esse exercício, porque, afinal, PesquisarCOM a Loucura também é se deixar cuidar. Esse exercício de se deixar cuidar permite que outra coisa surja.

É outra clínica que aí se insinua (...) centrada nos percursos, nas articulações com o fora, nas conexões, nos planos de consistência que se conquistam. É uma Zona de Autonomia Temporária, deambulante, provisória, inacabada, sem “solução final”. (PELBART *in* LANCETTI, 2008, p. 13).

Aquele que era doente, agora cuida. Não que ele seja exatamente convocado a isso. Mas acontece, e somente porque estamos lado a lado e num espaço aberto. O que permite uma

clínica praticada em movimento, fora dos espaços de reclusão convencionais, com o que se inauguram outras formas de engate terapêutico, bem como outras possibilidades de conexão com os fluxos da cidade e da cultura. “estar-presente-em-movimento”, “pôr as pessoas de pé”, “desterritorializar o contexto e o *setting*, habitar o limite da tensão, investir na força, eis uma reversão dos hábitos clínicos consagrados, com seus paradoxos e riscos... (PELBART *in* LANCETTI, 2008, p. 12)

Nosso trabalho nunca se pretendeu terapêutico, entretanto alguns efeitos clínicos, às vezes, se faziam visíveis. Era recorrente a possibilidade, tanto nos grupos quanto nas reuniões, de os usuários conversarem entre si e descobrirem outras pessoas com as mesmas questões ou, ainda, de descobrirem entre si modos de contornar situações da vida. Isto porque pesquisar com o outro é sempre um

pesquisar clínico, de cultivo, de cuidado. Por isso também não há outro modo de apresentar os dados de nossa pesquisa que não seja por meio de uma colheita, nesse caso, de narrativas.

Limites

Nas viagens, Davi tinha uma mania: testar os limites. Na hora da decolagem e da aterrissagem, nunca punha seu banco ajustado nem usava o cinto de segurança, como pediam as aeromoças. Esperava sempre que uma delas lhe lembrasse. Fazia todas as voltas possíveis para conseguir um pacote de biscoito a mais, sabia onde as aeromoças guardavam o estoque dos biscoitos e fingia buscar sua mala justamente naquele bagageiro. No restaurante a quilo, insistia em não pesar seu prato e sair às escondidas por considerar um absurdo o preço da comida dentro da universidade, ainda que o pagamento não saísse do seu próprio bolso, mas sim do projeto da GAM. Houve uma vez em que furtou um sorvete numa das cafeterias do aeroporto e depois, durante o voo, contou a Alice, excitadíssimo, que “tinha roubado um ‘mega” (marca do sorvete). Conversaram sobre limites e riscos, e depois ele se calou. Recebeu o lanche da aeromoça, mas não conseguiu comê-lo porque estava se sentindo mal.

Essas eram situações bem difíceis de manejar. Por um lado, sabíamos da precária situação financeira de Davi, eram problemas reais e concretos; por outro, ainda que viajasse por espontânea vontade, estava sob nossa responsabilidade. Caso algo mais complicado acontecesse, nós teríamos que responder também; entretanto, nossa função não era tutelar, nem disciplinar. Talvez, se tivéssemos

tomado uma posição mais moralista ou controladora em todas essas cenas, outras reações mais bruscas por parte do Davi poderiam ter acontecido. Palombini (2005) analisa cenas históricas e contemporâneas nas quais o imperativo disciplinar de cuidado aflora em momentos paradoxais como esses que vivemos com Davi. Estávamos trabalhando juntos, e este PesquisarCOM apresentava riscos que estavam colocados para todos nós. Precisávamos assumir os riscos que esse trabalho nos impunha, estar dispostos ao encontro com o inesperado sem guardar no gesto do pesquisador um saber soberano sobre os usuários. Precisávamos nos arriscar sem saber muito bem onde isso terminaria.

Nós entendíamos que essas cenas diziam de algo complicado na vida de Davi. Algo que depois pôde aparecer de outro modo, conforme a narrativa que trazemos a seguir. Os usuários recebiam um pagamento de diárias pelas viagens, além de transporte e alimentação – hospedagem também, quando era o caso. Havia uma quantia razoável de dinheiro investido na pesquisa, e o valor total dessa cifra, em dólares canadenses, todos nós sabíamos.

E foi com essas cifras na ponta dos dedos e da língua que Davi solicitou, numa reunião de pesquisa, que “a GAM” lhe pagasse um salário fixo, com o qual pudesse pagar suas contas. Explicou que sua situação financeira andava muito complicada “... e o GAM tem todo esse dinheiro, podiam me pagar um salário”. Ainda que seus argumentos fossem corretos e muito convincentes – “de que adianta me levarem para viajar, dormir em hotel, se eu volto pra casa e não tenho dinheiro pra pagar a conta de luz, comprar comida” –, não era essa a relação possível de se instalar com a GAM. De toda forma, cogitamos que, se fizesse algum outro trabalho no projeto, Davi poderia receber por isso. Sentamos, então, na reunião da pesquisa, com ele, Alice e os demais pesquisadores, para conversar a respeito, lançando essa possibilidade, de que Davi fizesse algum outro trabalho pelo qual se pudesse remunerá-lo. Ele argumentou que poderia escrever. Nesse momento, Alice pediu a

palavra para objetar que sua situação também não estava boa e que não acharia justo ele receber um salário da GAM quando todos – usuários inclusos – escreviam e não recebiam para isso, diretamente. Pensaram juntos, então, na possibilidade de que Davi fizesse as transcrições de entrevistas gravadas em áudio. Entretanto, a tarefa requeria um manejo de computador que ele não tinha. Ele se dispôs a vir à universidade para trabalhar, disse saber usar máquina de escrever e solicitou ao grupo de pesquisa que o acompanhasse nessa tarefa. O grupo respondeu que não, lamentando que era necessário saber usar o computador para isso e que não havia alguém na equipe com tempo disponível para se dedicar a ensiná-lo. Isso levou a um impasse: não havia outra tarefa de pesquisa que, naquele momento, pudesse ser entregue a ele, como houve antes, no grupo de intervenção. De alguma forma, chegava-se a um limite nessa interação entre usuários e acadêmicos.

O que nós podíamos oferecer era que ele seguisse acompanhando as reuniões multicêntricas, as viagens, pelas quais poderia receber, posto que eram viagens de trabalho, mas isso não resolveria o problema de não ter um salário constante. Ali a diferença se chocava com a impossibilidade. Esbarrava na condição social, educativa, aquilo a que ele podia ter acesso e ao que não podia.

Naquela tarde, a pesquisadora teve a impressão rara de que a reunião de pesquisa havia se tornado uma fila do INSS¹⁶. Posto que, após a abertura que Davi fizera com seu pedido, Alice se movimentara exigindo algo na mesma direção. Por um lado, lamentávamos não poder ajudá-lo, por outro também não podíamos instalar uma relação dessa ordem com um dos usuários. Alice já nos apontava que isso implicaria em estender esse arranjo a outros interessados.

¹⁶ Instituto Nacional de Seguridade Social – entidade brasileira que organiza e repassa os benefícios e as aposentadorias aos cidadãos. “Fila do INSS” é uma expressão que designa o movimento dos cidadãos, aposentados e pensionistas, de fazerem fila a cada início de mês, quando vão receber seus benefícios pagos em um banco.

Entretanto, a GAM não dizia respeito à beneficência. Tratava-se de um projeto de pesquisa, de um trabalho. Todo o movimento que havíamos feito até ali nos levava a uma condição na qual os usuários conseguiam argumentar muitas coisas. O fato de receberem uma diária a cada encontro multicêntrico foi um movimento deles: organizaram-se, escreveram um ofício comunicando que estavam ali trabalhando e por isso deveriam receber também. Nada mais justo, considerando que outros de nós estávamos ali, nos dias das reuniões, com nossos salários de professores ou bolsas acadêmicas. Assim, aprovamos no coletivo esse contrato.

O pedido de Davi não pôde ser contemplado. A pesquisadora foi até o Caps conversar com as pessoas que eram as referências dele e, na saída, encontrou-o pelo caminho. Ele lhe disse, muito elegantemente, como era seu feitio, que o grupo continuasse a GAM sem a sua participação, que tinha confiança de que poderiam fazer isso sem ele. Despediu-se dizendo que precisava resolver essas coisas práticas: ter um dinheiro todo mês para pagar as contas de luz e água e ter o que comer.

Movimentar

Para Pelbart (1989), estar em relação com o Fora significa estar disponível às turbulências que ele nos provoca. O trabalho na relação com o Fora, e com seus habitantes, como se viu até aqui, é um trabalho de movimentos: trazer para a universidade outros pontos de vista; para os serviços de saúde mental, saídas em direção à cidade... Nesses movimentos, margeamos os limites, as dificuldades e aquilo que pudemos produzir nesse encontro. Vimos as prisões que ainda existem e pudemos até voar delas. O pesquisadorCOM precisa estabelecer uma relação com o Fora (PELBART, 1989).

Quando se fala da relação com o Fora, não se fala de um mundo que se encontra além ou aquém do nosso. Fala-se precisamente desse mundo, mas desdobrado em outra versão. Tudo se passa como se na literatura o espaço, o tempo e a linguagem se constituíssem num devir imagem, em que o mundo se encontra desvirado, refletido. Não se trata, pois de um outro mundo evocado pela literatura, mas do outro de todos os mundos: o deserto, o espaço do exílio e da errância, o Fora (LEVY, 2003, p. 26).

Habitantes do fora puderam estar conosco lado a lado, a experimentar pequenas obras de arte, pequenos trabalhos (ou mesmo grandes) que territorializaram saídas, indagações, trajetos de voos de pássaros os quais não nos coube, de modo algum, interpretar. Operamos nesses movimentos um trabalho do pensamento. Ali onde à primeira vista só se poderia enxergar impossibilidade, vimos outras “coisas de ver” que podiam ser inventadas, como diz o poeta Manoel de Barros.

Essas novas coisas de ver são o que compõe esse PesquisarCOM. Embora escrito aos pedaços, dividido em capítulos, é uma só e a mesma coisa, fragmentos de uma mesma realidade que se produz nesses movimentos, inventa-se neles e também nesta escrita.

Incorporar

Alice estava lá sentada entre as pessoas e via os corpos delas se movendo, as pessoas saíam dos efeitos do medicamento para falar. Então ela escutava. E percebia que aqueles problemas que eram ditos ali eram os seus também: a sua dificuldade de fazer perguntas para qualquer médico que consultasse, a estranheza de um sintoma desconhecido que lhe aparecia, o seu temor diante do médico, o seu esquecimento do que ia perguntar. Essa escuta permitia uma aproximação, então ela sentia estar dentro do corpo daquelas pessoas, ou elas no seu corpo. Quando falavam de escutar vozes ou de uma desmotivação profunda, ela a sentia, no seu

corpo. Havia um corpo coletivo, um nós-corpo que, naquele momento, era o mesmo e partilhava todas as aflições. Junto de tudo, vinha o medo, o medo de ter o sintoma de novo, o medo de ser internado, o medo de enlouquecer. E ela sentia em si mesma o medo. E se sentia também fragmentar. Um medo tremendo de ficar louca. Uma pressão no peito. Então ela saía para uma ida ao banheiro e uma respirada de ar fora da sala. O ar ficara denso, de repente. Ela buscava a outra parte de si, que depois do respiro parecia ter voltado. “É o cansaço”, pensou, para poder esquecer seu próprio medo de enlouquecer. Para poder esquecer que estava tão perto da sua própria loucura.

PesquisarCOM implica estar próximo, e essa proximidade às vezes pode ser incorporada, o pesquisador pode sentir no seu corpo um mal-estar, como a Alice da narrativa. Ele pode ignorar isso ou perguntar-se o que fazer com o que sentiu, perguntar-se sobre esse corpo que sente. No capítulo anterior, evocamos com Pelbart (1989) que a relação com o Fora (aquilo que vivemos em nosso passeio pelo bosque da loucura) inevitavelmente traz turbulências ao pesquisador, que são sentidas no corpo.

Os afetos do pesquisador encontram impasses no mundo científico, caso não ganhem uma representação, não passem pela palavra. Mesmo quando ganham um nome, ainda assim podem ficar sem lugar no processo de pesquisa. Nem tudo que vivemos é possível explicar, representar, interpretar. Numa experiência, há sempre uma dimensão de não entendimento e de esquecimento, por mais que nosso furor racionalista sempre se apresente querendo entender tudo.

Há um corpo presente (o do pesquisador) que vive e sente a passagem das intensidades (um mal-estar, uma euforia, por exemplo), às vezes sem conseguir nomeá-la. Por estar sensível a tais passagens, este corpo se modifica nesse processo. Muito do que vivemos em nossas pesquisas fica sem nome por muito

tempo, e há algo disso que permanece, para sempre, sem nome; porém, sentimos transformados pela experiência.

O que queremos trabalhar aqui é que sentir é uma escolha. Escutar com o corpo é uma escolha. Permitir afetar-se é uma escolha. Às vezes dilacerante, mas uma escolha. Uma escolha que advém de um posicionamento ético e político, uma escolha no sentido de um modo de estar disponível às percepções do mundo, que uma vez tomada nos convoca a aceitar seus desafios.

Nada acontece que não seja nesse embate: agonia de nos percebermos tão pequenos diante do que é a vida e o medo de viver, a potência de agir. Uma força desconhecida a partir da qual teremos que aprender algo no presente, sem salva-vidas, nem garantias. Afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer (LAZZAROTTO, CARVALHO, 2012, p. 25-26).

Suely Rolnik (1989) diz que um corpo sensível ou corpo afetivo pode ser produzido. E a produção desse corpo está diretamente relacionada à produção de subjetividade. A autora afirma que um critério possível para “avaliar e inventariar experiências refere-se ao grau de potência com que a vida se afirma em cada uma delas” (ROLNIK, 1993, p. 14). Para a autora, esse grau de potência depende do quanto estamos abertos para acolher os afetos mobilizados de cada uma dessas experiências, sejam elas de que espécies forem, das mais fáceis às mais difíceis (é nesse ponto que sentir é uma escolha para nós). A partir do trabalho de Ilya Prigogine, Rolnik (1992) escreve que esse grau de potência de afirmação da vida depende também do quanto suportamos a instabilidade que essas experiências nos provocam. Prigogine é um físico-químico belga que estuda os “sistemas longe do equilíbrio”, e Rolnik usa seus modelos de concepção do mundo como “explicitadores de cartografias da existência humana vigentes” (p. 1) no contemporâneo. A partir da física, ela fala da instabilidade do mundo – começando pelo modelo mecanicista clássico e a mudança que nele se operou em torno do século XIX.

No modelo mecanicista não há lugar para a instabilidade; “o mundo, assim como os corpos que os constituem, funcionam como um relógio, sempre iguais a si

mesmos. Ordem e equilíbrio são sinônimos” (ROLNIK, 1992, p. 1). É no século XIX que a termodinâmica introduz o reconhecimento da instabilidade: “Passa-se a compreender que a coexistência dos corpos não é neutra: ela tem por efeito provocar em cada um deles, turbulências, causadoras de transformações irreversíveis” (p. 2). Entretanto, apesar de reconhecer o caos turbulento do encontro dos corpos, a termodinâmica se vê regida por uma lei, imaginada na época, “que é a lei da entropia, segundo a qual estas mudanças que se operam no encontro dos corpos, levariam, mais cedo ou mais tarde, à sua destruição (aquilo que se chamou de “morte térmica”)” (p. 2). O caos aqui é entendido como o avesso da ordem e é temido sob a ameaça de destruição. E como isso opera na subjetividade?

O sujeito moderno é aquele subjetivado pelo mecanicismo, possuidor de uma “essência identitária, uma ordem estável, sempre igual a si mesma, inafetável pelo outro, igualmente entendido como tendo uma essência identitária. Ou seja, para o sujeito do mundo mecânico, o outro é neutro” (ROLNIK, 1992, p. 2). No modelo termodinâmico, o sujeito perde a neutralidade, ao se reconhecer que “o inelutável encontro com o outro traz turbulências à ordem identitária do sujeito” (p. 2). Esse encontro, porém, é gerador de destruição. Pode ser um pouco disto que se vive (ainda!) no encontro com o outro, no encontro com a diferença. O medo da destruição, este medo de enlouquecer que evocamos com a narrativa de Alice escutando as pessoas no grupo, fala de um “abalo sísmico” a uma identidade estável. Será que temos mesmo esta identidade tão estável e imutável? Corpo do louco de um lado. Corpo do pesquisador de outro. Será? Alguma coisa neste encontro produziu estranhamento. Um estranho entrou no corpo da pesquisadora-Alice que já não consegue mais manter a ordem, dada a sua presença. Podemos fazer de tudo para expulsá-lo ou para tentar neutralizar seus efeitos, podemos insistir que o louco está fora, que “louco mesmo é aquele que anda na rua, sujo e malvestido” como evocamos no capítulo anterior, quando o grupo montou “a figura do louco”.

O medo de enlouquecer da Alice era também o medo de perceber que o contato com o outro a desestabilizava, que entrar em contato com a loucura do

outro era também entrar em contato com a sua própria loucura. Porque restava nela aquela ideia de que os loucos estavam fora. Ao experimentar o bosque da loucura com Davi e os outros, ela descobrira, no corpo, que habitava o Fora também, mas o habitava numa relação, como afirmamos no capítulo anterior; habitava o Fora num ir e vir, num margear.

Rolnik (1992) constrói em seu texto a figura do homem moderno de identidade estável. Talvez ele seja parecido com nossa Alice antes de entrar no bosque.

Podemos imaginar que ele vive a presença em si deste estranho, como verdadeiro terror e que ele fará de tudo para expulsá-lo ou, no mínimo, para neutralizar seus efeitos. (...) este homem construirá um *script* onde estão marcados tanto os lugares de um si mesmo, quanto os lugares do outro, assim como a relação entre eles (ROLNIK, 1992, p. 3).

A autora diz que essa subjetividade é marcada pelo “racismo contra o estranho”. Inevitavelmente, era esse o embate de Alice com a loucura. O encontro com a diferença no campo, lado a lado, forçava o pesquisador a fazer lugar para a diferença em seu corpo. Mostrava o que a física contemporânea propõe: o contato com o outro provocava transformações, que não são “portadoras de destruição, mas, ao contrário, (...) são portadoras de uma complexificação cada vez maior do mundo” (ROLNIK, 1992, p. 3). Quando Alice sai atordoada do bosque, é porque já não consegue mais viver na dualidade: normalidade *versus* loucura. O mundo se apresentou para ela de um modo muito mais complexo.

Para que uma experiência seja, de fato, complexificadora do mundo, o corpo de um pesquisador deve ser sensível aos afetos. O pesquisador não nasce com este corpo sensível. Este corpo é produzido, essencialmente, por aproximações com esses estranhos. É um corpo que permite essa aproximação e a instabilidade que a mesma acarreta; que não destrói essa conexão, esse engendramento, com uma imediata interpretação que tem, por consequência, o afastamento desse afeto. É um corpo que suporta a dor e a alegria dos encontros. É este o corpo de pesquisador que esperamos que se produza no PesquisarCOM.

Sustentamos nosso pensamento, nessa direção, com o trabalho de Bruno Latour (2008), para quem “adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um mundo sensorial e um mundo sensível” (p. 40).

Afetar-se e ser afetado

O corpo é, portanto, não a morada provisória de algo de superior – uma alma imortal, o universal, o pensamento – mas aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo (LATOURE, 2008, p. 39).

Iniciamos esta dissertação sabendo que o lugar do pesquisador não era neutro. Partimos do pressuposto de que transformamos a realidade para conhecê-la e que, por consequência, o pesquisador se transforma junto nesse processo. Como a nossa Alice que saiu atordoada do bosque, sabendo que não era mais a mesma. Mas o que faz o pesquisador com aquilo que sente? Qual o lugar do afeto na pesquisa? Jeanne Fravet-Saada (2005 [1990]) escreve a esse respeito, desde o campo da antropologia. A partir de sua experiência de pesquisa sobre terapias (tanto tradicionais quanto “selvagens”, como ela mesma refere), foi levada a pôr em questão

o tratamento paradoxal do afeto na antropologia: em geral, os autores ignoram ou negam seu lugar na experiência humana. Quando o reconhecem, ou é para demonstrar que os afetos são o mero produto de uma construção cultural, e que não têm nenhuma consistência fora dessa construção, como manifesta uma abundante literatura anglo-saxã; ou é para votar o afeto ao desaparecimento, atribuindo-lhe como único destino possível o de passar para o registro da representação, como manifesta a etnologia francesa e também a psicanálise (FAVRET-SAADA, 2005 [1990], p. 155).

Diferente do que advoga a antropologia, não há outro lugar para registrar esse afeto, seja ele uma dor, uma alegria, um pensamento, um encontro, do que o próprio corpo, porque

se um bloco de sensações é a presença, viva no corpo, das forças de alteridade do mundo que pedem passagem e levam à falência as formas de existência vigentes, o acesso às sensações é indispensável para que se invente formas através das quais a vida possa continuar fluindo (ROLNIK, s/d, p. 1).

A vida pede passagem por onde quer que andemos. A vida pede passagem para o pesquisador que escuta o que dela pulsa nos Caps, na rua, na universidade. Inventar formas para fazer fluir a vida requer uma disposição do pesquisador para rever suas certezas todo o tempo. Requer também um preparo do corpo.

Para Latour (2008), um corpo é produzido junto com todas as coisas com as quais nos encontramos no mundo. Ele se interroga sobre as formas da ciência falar sobre o corpo e traz um exemplo muito simples sobre o treino de “narizes”, para a indústria de perfumes, com o uso de uma maleta de odores.

O kit de odores é constituído por uma série de fragrâncias puras nitidamente distintas, disposta de forma a poder passar-se do contraste mais abrupto ao mais suave. Para conseguir registrar esses contrastes é necessário cumprir uma semana de treino. A partir de um nariz mudo, que pouco mais consegue do que identificar odores “doces” ou “fétidos”, rapidamente se obtém um “nariz” (...), ou seja, alguém capaz de discriminar um número crescente de diferenças subtis, e de as distinguir entre si, mesmo quando estão disfarçadas ou misturadas com outras (LATOUR, 2008, p. 40).

Latour afirma que, nesse processo, o *kit* e o professor não são uma parte do corpo como costumamos pensar partes do corpo, mas que, sem dúvida, são partes do corpo nesse treino para “ser afetado”. O professor “não se limitou a mudar seus educandos da desatenção para atenção, da semiconsciência para a apreciação consciente”, mas sim “ensinou-os a serem afetados”, afetados pelo cheiro. “O *kit* (com todos os elementos que lhe estão associados) é parte daquilo que é ter um corpo, ou seja, é parte do benefício de ter um mundo odorífico mais rico” (LATOUR, 2008, p. 41). Todos esses atores são, portanto, corpos que aprendem a ser afetados por “diferenças que antes não podiam registrar, através da mediação de um

arranjo artificial” (LATOURE, 2008, p. 42). Esses arranjos artificiais se dispõem em camadas que vão permitindo sensibilizar o corpo (nariz) para as diferenças entre os cheiros. A estas camadas, o autor dá o nome de “articulações”. Ele entende que, antes do tempo de treino, os alunos eram inarticulados porque “odores diferentes lhes suscitavam o mesmo comportamento” (p. 43).

Assim, quanto mais articulações tiver um sujeito (aqui, abrindo para além do campo dos odores), mais complexificada fica sua existência. É o que nos leva ao encontro do princípio da física contemporânea que antes evocamos com Suely Rolnik. Quer dizer, quanto mais nos permitimos afetar pelas diferenças do mundo, pelos desequilíbrios que elas nos causam, mais complexos (ou articulados) nos tornamos. Movimentamos a subjetividade, desde aquele modo de um sujeito centrado nele mesmo (desarticulado do mundo, afetado apenas por si mesmo) a um sujeito articulado, “aquele que aprende a ser afetado pelos outros” (LATOURE, 2008, p. 43). Entendemos que essa abertura às articulações deva ser uma prática, uma ação do pesquisador que deseja pesquisarCOM.

Seguindo com Latour (2008), pensamos que é fundamental descobrir “uma forma rigorosa para descrever este ‘ser afetado’” (p. 41) sem que se banalize o processo e sem que se transforme em “pura sensação indescritível” ou “pura poesia”. Do contrário, não teríamos vindo à universidade, não nos interessaria a densidade teórica que o pensamento acadêmico nos exige – estaríamos escrevendo um romance e não uma dissertação. Queremos abrir o corpo aos afetos, mas sem deixar escapar aquilo que a experiência nos oferece para **pensar** uma metodologia de pesquisa.

Entretanto, não podemos falar deste tema desde outro lugar que não o da experiência. Desse modo, oferecemos aqui duas narrativas de experiências que nos ajudaram a tornar o corpo sensível aos afetos. Tais experiências nos deram pistas para pensar um conceito de corpo em articulação com o corpo de um pesquisador e os afetos do campo de pesquisa. Apostamos que a abertura do corpo possibilite a abertura do pensamento. Esperamos que nossas narrativas possam inspirar você, leitor, a inventar suas experiências a partir da experimentação dessa leitura.

Preparar o olhar

Buenos Aires, pacato bairro de Liniers, Escuela Psicopedagógica de Buenos Aires, Grupo de Aprendizage de Psicodrama, 2009.

Estávamos sentadas em roda na sala, éramos umas vinte mulheres, entre brasileiras, argentinas e uruguaias. Alicia, coordenadora do grupo, falava devagar e repetia algumas coisas que dizia primeiro em espanhol e depois em português. Ela costumava dizer que psicodramatizar é “*jugar despacio*”¹⁷, por isso entoava um modo diferente de falar, mais lento, enquanto estávamos em trabalho psicodramático. Ela pediu para fechar os olhos e pensar numa cena em que estivéssemos brincando com uma criança. Ela dizia algumas coisas para nos ajudar a montar a imagem da cena. Em seguida, entregou uma folha e um lápis para cada uma. Era hora de desenhar a cena. Só que... de olhos fechados! Ansiedade geral. “Como assim, desenhar de olhos fechados?” – perguntamos. Sim, disse Alicia, porque algumas de vocês devem saber desenhar e outras não, assim, sem enxergar, todas podem partir do mesmo lugar. Ela disse também para não nos preocuparmos que provavelmente as formas sairiam diferentes do que imaginamos estar desenhando. Ela acompanhou o processo e, assim que fomos terminando os desenhos, avisou que ia recolhê-los e que devíamos ficar de olhos fechados ainda. Acrescentou que não era necessário escrever o

¹⁷ Em espanhol brincar/jogar devagar.

nome, porque ela tinha certeza de que cada uma de nós saberia identificar o seu desenho.

Estávamos sentadas numa metade da sala, já de olhos abertos, ansiosas. Na outra metade da sala, Alicia distribuía os desenhos sobre a mesa, ainda não podíamos vê-los. Ela avisou que haviam ficado lindos e começou a nos preparar para vê-los. Disse que precisávamos aprender a despatologizar o olhar, porque era fato que as coisas que imaginamos ter desenhado haviam saído de formas diferentes. Ela sugeriu que talvez olhos e bocas não estivessem no lugar esperado. Pediu que não lançássemos olhares escrutinadores, procurando o que faltava aos desenhos, mas, sim, que olhássemos para o movimento que essas imprecisões operavam neles. Logo começamos a caminhar ao redor da mesa de nossos desenhos. Eles tinham ganhado vida: braços, movimentos, olhos saltando para os brinquedos durante a brincadeira. Eram de uma riqueza impossível de descrever. Era como se víssemos crianças brincando num parque, correndo em direção aos balanços, balançando-se, descendo pelo escorregador. Os verbos todos no gerúndio: acontecendo. Alicia pediu que, ao identificarmos nosso desenho, não fizéssemos nada, apenas seguissemos contemplando o movimento, a alegria e o colorido daqueles desenhos feitos em grafite sobre papel branco.

O que pode um corpo?

Numa sala de aula profanada¹⁸ - no sentido que Agamben nos oferece de profanar, o de devolver ao uso comum dos homens aquilo que foi sacralizado -, fomos levados a ficar de pé e a nos perguntarmos sobre o que pode um corpo. A mesma pergunta de Espinosa. No entanto, não se tratava de pensar sobre ela. Vamos experimentar o que pode um corpo! Somos convidados (após um largo tempo de alongamento físico) a testar os limites do corpo para frente e para trás, largando nosso corpo nas mãos dos colegas. Depois experimentamos os lados. Corpo abandonado no centro de uma roda com mais colegas, deixamo-nos cair, deixamo-nos levar, corpo reto, as pernas como eixo. Experimentadas algumas possibilidades, parecia que íamos a outra coisa. Mas ainda tinha mais. Para quais outros lados poderíamos experimentar? Para cima e para baixo. Atirando-nos ou nos deixando cair de cima de uma mesa no lastro feito dos braços de todos os colegas. Um por um, fomos caindo.

Por fim, faltando testar o limite interno, oferecemos nosso corpo para ser tocado por metade da turma, em roda, como antes, corpo abandonado ao centro. Olhos fechados. Corpo sendo tocado (de leve, nem cócegas, nem massagem) por todos os colegas da roda ao mesmo tempo, até que um silêncio e a retirada das mãos levavam a um grito: PRO-FA-NAR. Cada sílaba era gritada em coro e imbuída do movimento

¹⁸ Segundo encontro da disciplina eletiva Profanações em Psicologia e Teatro, oferecida aos alunos do curso de Psicologia da UFRGS 2012/2, aberta aos pós-graduandos e alunos externos como curso de extensão. Dirigida pelos colegas de PPG Édio Rainiere e Pedro Craidy Nerva.

das mãos de todos, que tocavam da cabeça aos pés de quem estava no centro, três vezes, um movimento para cada sílaba.

Não encontro palavras para descrever a sensação. Intensa, aliada ao silêncio e à escuridão da sala, fazia-nos conectar com algo muito íntimo, interno, só que sendo aberto. A imagem se assemelha a uma “sessão de descarrego”, porém profana.

Nossos corpos profanados e exaustos agora podiam profanar o texto filosófico¹⁹, transmutado e experimentado em cenas criadas por pequenos grupos que recebiam trechos do texto para trabalhar. Era a primeira vez que eu experimentava aprender filosofia com o corpo, em ato. Talvez seja essa uma das experiências que me permitiu compreender, mesmo que de modo fugaz, o que seja um corpo sem órgãos na proposição de Deleuze e Guattari.

A pesquisa como obra de arte: a loucura no corpo

O que encontramos, aqui, é um corpo que se abre às forças da vida que agita a matéria do mundo e as absorve como sensações, afim de que estas por sua vez nutram e redesenhem sua tessitura própria. Saber do mundo, nesse caso, é colocar-se à escuta desta reverberação corporal, impregnar-se de suas silenciosas forças, misturar-se com elas e, nesta fusão, reinventar o mundo e a si mesmo, tornar-se outro. Plano de conhecimento onde corpo e paisagem se formam e reformam ao sabor do movimento de uma conversa sem fim (ROLNIK, s/d, p. 3).

Em julho de 2012, o grupo GAM BR faria sua reunião multicêntrica em Niterói, na Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo dessa reunião era a

¹⁹ O texto se chama “Elogio da Profanação”, último capítulo do livro “Profanações” (AGAMBEN, 2007).

apresentação dos trabalhos acadêmicos envolvidos com a GAM. Para a maioria dos estudantes, seria a primeira vez que apresentariam seus trabalhos, e uma grande expectativa para este encontro tomava a todos. Estávamos bastante ansiosos com essa interlocução.

Fiquei pensando em como fazer da minha apresentação algo acessível aos usuários, o que não significava traduzir ou simplificar os conceitos, mas especialmente *operar* com os conceitos na apresentação. A arte me pareceu um caminho possível. Andava com o poeta Manoel de Barros pela mão, junto de seu pequeno personagem perguntando ao pai se era possível pegar na bunda do vento. E me perguntava: será possível pegar na bunda do conceito? Até aqui, a pesquisa me havia envolvido num trabalho de corpo: era no corpo que sentia as aproximações, as distâncias, os mal-estares que advinham da intensidade do trabalho. Sempre no corpo. Havia uma necessidade de dar vazão para essa experiência corpórea da GAM em mim. Havia também uma provocação da banca de qualificação: levar a pergunta que o Louco do Zan nos fizera até o limite: “Como é para você, Marília, pesquisar assim com eles?”, escreveu a profa. Marcia Moraes no parecer.

Para experimentar uma resposta a essa pergunta, era impossível evitar a passagem pelo corpo. Assim, a pesquisadora resolveu deixar passar as personagens que a habitaram durante a pesquisa: Alice-Marília-pesquisadora, o Louco e o Poeta. Havia um Louco nela, era preciso admitir e viver isso. Assim escreveu a seguinte cena, monólogo do Louco (II ato da apresentação), que iniciava após a apresentação de um vídeo do grupo Accademia de La Folia²⁰:

²⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=CGJjGIsQ8NI>. “Accademia de La Follia é o resultado de um percurso teórico e prático conduzido pela Velemir Teatro, nascido em 1983 em Trieste, no âmbito da experiência psiquiátrica basagliana. Depois de quase 30 anos, o Accademia continua a trabalhar com teatro e loucura” (<https://www.facebook.com/accademia.dellafollia/info>). Eles estiveram

2º ato: Cantico dei Matti (Cântico dos Loucos)

Noi siamo

gli errori

che permettono

la vostra

intelligenza

nós somos

o erro

que permite

a sua

inteligência

Accademia de La Follia, ou Academia da Loucura, é um grupo de teatro de Trieste na Itália. Eles estiveram em Porto Alegre ano passado, e eu tive a oportunidade de conhecê-los e assistir a sua peça. Claudio Misculim, diretor do grupo, apresentou-se assim: “eu sou louco, não sou doente”. Fiquei besta com o que ele disse. Ora, como eu pude não pensar isso antes! Tão óbvio! Eu sou louco, todos aqui somos, vocês ouviram ali a menininha dizendo antes, né?

Se eu não fosse louco, eu não poderia estar nesse mundo! Nem vocês! Aliás, eu não sou qualquer louco não, eu sou um louco feito de histórias! Sou o senhor das minhas histórias! Sr. Louco, mais respeito por favor!

Mas eu sei que tem uma diferença entre eu e vocês, eu sei que tem. Tem uma diferença sim, eu sou baixinho, e tem um monte de gente mais alta que eu aqui. E não tem ninguém aqui com essas bochechas, nem esses óculos.

E eu sofro. Sofro de uma morte lenta todos os dias. Sofro de querer dar amor demais a todo mundo. Eu sufoco às vezes. “Quem sabe a que escuridão de amor pode chegar o carinho...”²¹ Outras vezes eu sinto raiva e mando todo mundo tomar no cu. Saio correndo, não quero ver ninguém.

Já me amarraram, sabem? Eu achei que ficaria lá pra sempre. Que iam me dar um remédio na veia pra dormir. Às vezes eu fico tão triste que eu queria mesmo ter um remédio pra dormir pra sempre. Tem coisas que eu quero esquecer. Coisas que me aconteceram. Coisas que eu tenho medo que voltem a me acontecer.

Sobre a Marília, eu só tenho uma coisa a dizer: ela morre de medo de mim, morre de medo de perder o controle, que ela **pensa** que tem sobre a vida dela!

Tenho em mim a tormenta e o desejo mortífero. Mas tenho também a vida e até um pouco de alegria.

²¹ Trecho do conto “A menor mulher do mundo” de Clarice Lispector (2009 [1960], p. 70).

Outro dia eu sonhei que estava voando, montado no fio de cabelo de uma mulher. Uma amiga na hora me disse que também costuma sonhar que está voando! Quem nunca sonhou estar voando? Ou caindo? Teve uma professora que me disse que eu sou meio delirante, mesmo quando eu não estou com febre. Eu contava a ela que deliro quando tenho febre...

Sabem, eu sou pesquisador num projeto. Fiquei GAMadão nesse trabalho! E eu estou escrevendo um artigo junto com outros colegas. A gente quer pôr a alma nesse trabalho! Mas parece que não cabe... E a gente tem que escolher uns pedacinhos dela pra caber. Eu fico preocupado em onde colocar aqueles pedacinhos que não cabem, eu tenho medo de perdê-los. São pedaços de mim, não podem ser postos fora. Garantiram que não seremos postos fora. Nem nós nem os nossos pedaços de alma. Mas, terminar o artigo, ah... esse que é o problema!

“Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser, todo verbo é livre para ser direto ou indireto. Nenhum predicado será prejudicado, nem tampouco a frase, nem a crase, nem a vírgula e ponto final! Afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre vírgulas, e estar entre vírgulas pode ser apostro, e eu apostro o oposto: Que vou cativar a todos sendo apenas um sujeito simples”²²...

Fim do 2º ATO

Nesse processo, o mal-estar da pesquisadora-Alice com a loucura foi transformado numa personagem, e, aos poucos, algumas dores tomaram a forma de uma dissertação. Um trabalho sobre os afetos para poder tirar, das sensações, os *afectos*. Daniel Lins (2010) faz uma leitura que distingue os dois termos:

²² Trecho da música “Sintaxe à Vontade” do grupo Teatro Mágico, disponível na íntegra em: <http://letras.mus.br/o-teatro-magico/361401/>

afecto é da ordem do desejo, ao qual nada falta: nem falta nem excesso, nem falta da falta, é o *conatus* de Espinosa. Afeto é da ordem do trauma, da falta, da demanda constante de amor, é uma produção psicológica de um sujeito atrelado à árvore, à origem, à estrutura, ao começo e ao fim. É o sujeito linear por excelência. (LINS, 2010, p. 58).

O *afecto* produz sentidos, em múltiplas direções, seja para sua parte “significativa – sentidos do texto –, imagens veiculando referências ao mundo” (LINS, 2010, p. 67), seja para aquilo que não é “diretamente representativo: ritmo, sonoridades, visualização imaginária (...)” (idem p. 57). Os *afectos* modificam a singularidade daquele sujeito articulado (Bruno Latour) ou o corpo afetivo (Suely Rolnik) do pesquisador. Multifacetados, eles produzem um corpo em diferentes devires, neste caso, em direção ao devir-louca da pesquisadora.

O efeito da apresentação de meu trabalho na reunião multicêntrica em Niterói foi de imediato sentido na relação com os usuários. Eles silenciaram para escutar e, ao final, abraçaram-me, um a um, agradecendo. Enxergaram-se nas personagens. Fizeram relações entre uma cena e outra. E me recomendaram a seguir no teatro. Eu sabia que estava arriscando cair em clichês no momento de me apresentar como Louco, mas estava disposta a aceitar o risco, pois sabia que os usuários me diriam com toda sinceridade e imediatamente, caso não se encontrassem nas personagens.

A pesquisadora escolheu um caminho que passava pelo Louco-artista, mas sem negar o sofrimento. Escolheu acolher o louco nela – o “outr’em mim”, como diz Naffah Neto (1998) –, entendendo que não há uma interioridade e uma exterioridade, mas, sim, que dentro e fora são, ao mesmo tempo, o movimento possível de uma subjetividade engendrada no mundo. Movimento da subjetividade de um pesquisador transformando-se na relação com o campo de pesquisa.

Fora e dentro participam, pois, da mesma substância, o *dentro* constituindo-se como uma *envergadura* do *fora*; o *fora* como uma multiplicidade de perfis projetados de *dentro*. Ao *fora* aprendemos a chamar de *mundo*; ao *dentro* de *subjetividade*. Essa mútua constituição é o que atesta, de uma vez por todas, a minha

existência como devir *mundano*, a existência do mundo como devir subjetivo: *eu-n'outro/outr'em-mim* (...) (NAFFAH-NETO, 1998, p. 71).

Retomando outra vez o que vimos no processo de Loucurar, experimentamos uma relação com o Fora, com a loucura, trouxemos a loucura para perto, mas dessa vez pelo caminho da arte. O que diz das múltiplas possibilidades que se pode inventar para expressar aquilo que vivemos no campo de pesquisa. Incorporar pela arte é uma forma que, tal como as narrativas, quer provocar o corpo do espectador, fazê-lo também testemunha daquilo que se passou com o pesquisador no campo. No caso desta apresentação, ela era voltada para o próprio coletivo da GAM, ou seja, ela era um retorno ao coletivo daquilo que a pesquisadora havia passado no campo.

Habitar o campo de pesquisa com o corpo

O corpo não é mais o obstáculo que separa o pensamento de si mesmo, aquilo que ele deve superar para conseguir pensar, mas aquilo em que ele “mergulha” ou “deve mergulhar” para atingir a vida. (...) Deleuze, (1998) afirma que o corpo força a pensar, e força a pensar o que escapa ao pensamento. O pensar se dá sob a intrusão de um lado de fora que aprofunda o intervalo e nos faz mergulhar num interstício entre ver e falar. (LAZZAROTTO, 2009, p. 23)

Convocamos o corpo do pesquisador ao trabalho do pensamento. A experiência da pesquisadora no grupo de psicodrama ao final da sua graduação (evocada pela narrativa sobre o olhar) permitiu-lhe um reencontro com seu próprio corpo – corpo que ela havia aprendido a ignorar durante muito tempo. Ao ingressar no mestrado, essa questão seguia presente.

Eu vivia a experiência GAM intensamente no meu corpo e queria trabalhar esses afetos de alguma forma que não exclusivamente

pelo pensamento sem corpo. Então o teatro experimental se apresentou como essa possibilidade de fazer o pensamento encontrar o corpo outra vez. Filosofia vivida no corpo. E haveria outro lugar para o pensamento que não o próprio corpo?

A experiência incorporada do devir-louco da pesquisadora nos levou a caminhar em direção a outro litoral, a banhar nossa metodologia de pesquisa em outras águas. Um litoral que faz avançar (que joga!) o corpo orgânico do pesquisador na direção do corpo sem órgãos (a partir daqui usaremos para ele a sigla CsO, consagrada por Deleuze e Guattari).

Nossa experiência nos levou a pensar que, no pesquisarCOM, o campo de pesquisa é um CsO para o pesquisador, assim como “o capital é mesmo o corpo sem órgãos do capitalista” (DELEUZE, GUATTARI, 1976, p. 25). Isso porque o CsO é um caos de sensações, sentidos e direções tal como aquele que evocamos com a entrada de Alice no bosque da loucura. É o que nos desorganiza, força-nos a pensar diferente. É um campo no qual, como pesquisadores, habitamos e nos desestabilizamos.

As relações entre nós, na GAM, eram um imenso CsO no qual a pesquisadora deslizava, às vezes se confundia, se transtornava. O CsO seria um campo subjetivo, uma fina e delicada superfície aberta e lisa, que se vai dobrando, enrugando ao menor contato com os corpos que passam por ela. Podemos aproximar essas dobras às camadas de articulação que trouxemos anteriormente com Latour (2008), que provocam a complexificação da subjetividade, do modo do pesquisador estar no mundo e que o modificam. Para Deleuze e Guattari (1976), o CsO “não é um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite” (DELEUZE, GUATTARI, 1996 [1980], p. 9).

El cuerpo después de Artaud ya no podrá abandonar esa imposible frontera entre lo que regoza sentido y lo que carece

absolutamente de significación. Entre lo que nuestra mente intenta controlar y lo que escapa a toda posible razón. Entre la vida y la muerte (ÁLVAREZ- FERNANDEZ, 2011).

É a mesma fronteira entre o que acontece com o pesquisador num campo de pesquisa e o que é possível escrever/dizer sobre isso. “Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam” (DELEUZE, GUATTARI, 1996 [1980], p. 13), por isso o encontro com o CsO é turbulento, desestabilizador. Nossa Alice-pesquisadora entrara no bosque ainda com algumas certezas sobre quem era, que puderam se perder no contato com o CsO que a experiência GAM ofertava. Então ela precisou se perguntar: “Como fazer para nos descolar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam na realidade dominante?” (DELEUZE, GUATTARI, 1996 [1980], p. 22). No capítulo anterior destacamos as descobertas da pesquisadora no encontro com a loucura, e o quanto ela estava suscetível a transformar-se nesse encontro, o que se mostrava inevitável. Agora, ao permitir ser afetada, ao permitir a passagem do devir-louca pelo seu corpo, ela estabelecia essa zona de contato com o CsO. Nesse contato, a pesquisadora descobriu que podia se relacionar com a loucura de outro modo que não enlouquecendo.

O CsO é um corpo sem imagem; nada daquilo que concebemos costumeiramente como corpo humano – a isto chamamos organismo; também não é o resto de uma totalidade perdida. “O corpo sem órgãos é um corpo afetivo, intenso, anárquico” (DELEUZE, 1997, p. 164), reverberador de um modo “esquizo” de funcionamento, por isso tão inquietante para o pesquisador. Entretanto, esta experimentação do esquizo, do devir-louco, não é a esquizofrenia.

Deleuze e Guattari (1996 [1980]) dizem que o CsO não é o contrário dos órgãos. Afirmam que o inimigo de Artaud²³ não é o órgão, mas sim o organismo, quer dizer, a organização. “O organismo já é isto, o juízo de Deus, do qual os médicos se aproveitam e tiram seu poder” (p. 21). O organismo é uma espécie de estrato sobre o CsO, “um fenômeno de acumulação, de coagulação, de

²³ Em 28 de novembro de 1947, Antonin Artaud declara guerra aos órgãos em uma transmissão radiofônica intitulada Para acabar com o juízo de Deus. Nela, ele afirma que não há nada mais inútil do que um órgão.

sedimentação” (p. 21) que lhe impõe formas, “funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” (p. 21). Também em um campo de pesquisa podemos encontrar tal estrato, com lugares demarcados, espaços bem delimitados e imutáveis. É contra essa organização o embate de Artaud, por isso chama o CsO de “o improdutivo”, não porque ele não produza nada, mas, pelo contrário, por ser máquina de pura produção anárquica, sem direção, sem utilidade. Quando afirmamos que no pesquisarCOM o campo de pesquisa é o CsO do pesquisador, queremos dizer que nosso campo de pesquisa é maleável, anárquico por vezes, permite trocas, aceita contatos, propõe-se a reconfigurações constantes, como vimos experimentando na GAM.

E, se não se termina de chegar ao CsO, é por que há sempre um estrato atrás de outro, e o CsO atravessa e desfaz todos os estratos, desfaz a organização do organismo. Como os usuários que foram convidados a participar de nossa pesquisa e quebraram protocolos, fizeram perguntas, questionaram, reorganizaram, tiraram o chão firme do pesquisador, exigiram mudanças em nosso modo de fazer pesquisa. O CsO desarticula as articulações ou as *n* articulações dos estratos. Quer dizer, há outras formas de organizar-se no mundo. Há outros modos de pesquisar no mundo – no pesquisarCOM, tomar o campo de pesquisa como CsO pesquisador, com todo o caos que essa proposição instala, é condição para o trabalho.

“O corpo sem órgãos (...) serve de superfície para o registro de todo o processo de produção do desejo” (DELEUZE, GUATTARI, 1976, p. 26), superfície de inscrição da experiência que só pode registrar-se de forma única pela singularidade de cada pesquisador no encontro com os outros e pela forma singular como se decide escrever a partir dessa experiência. “Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar” (DELEUZE, GUATTARI, 1996 [1980], p. 13).

Sabemos que “(...) abrir o corpo a conexões que supõem um agenciamento, implica em ir além do organismo, experimentando passagens e distribuições de intensidades, territórios e desterritorializações...” (LAZZAROTTO, 2009, p.14).

Implica em ir além dos protocolos, das regras pré-estabelecidas. Desse modo, o CsO é como superfície de inscrição do desejo, superfície de inscrição da experiência nova, inesperada, não pensada, ainda por vir. Uma superfície informe e anônima, que ajuda no trabalho de se desprender de um eu, de um nós.

Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, isto não em nome de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas. O campo de imanência não é interior ao eu, mas também não vem de um eu exterior ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais os Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram (DELEUZE, GUATTARI, 1996 [1980], p. 18).

Permitir uma passagem que abandone a origem. Sair de casa, do território conhecido, formal, estabelecido e forjar um território novo, feito de outros devires. Retomando o ritornelo, seria como passar pelo mesmo território, o da pesquisa científica, agora afetados pelas forças da diferença em nós, e, sem medo, pelo fio de uma cançãozinha, redistribuir os lugares, redimensionar os espaços, em suma: experimentar o novo. Deixar-se afetar por ele.

Entre a loucura que abre o corpo, entre o corpo aberto e o lápis na mão, a escrita. Fazer das vozes em nosso corpo territórios pelas nossas mãos. O que nos implica em forjar territórios que levem a experiência a se desprender de seus autores para falar em nome próprio, para além de nós. Com essa proposição e um lápis na mão, seguimos, então, para nossas experiências coletivas de escrita, frágeis territorializações da produção desejante em nossa pesquisa.

Escrever

De todas as tarefas que já havíamos partilhado com os participantes da GAM, nenhuma era tão marcadamente exclusiva do pesquisador quanto escrever artigos. Escrever coletivamente era um trabalho que já vínhamos fazendo entre os

diferentes grupos de pesquisa que habitavam a GAM. Já tínhamos, portanto, uma prévia das dificuldades que estavam por vir. Entretanto, escrever um artigo com os usuários era uma tarefa que vinha acompanhada de um ineditismo no nosso mundo da pesquisa. Quando abrimos o espaço para esta escrita, desde o primeiro momento pensamos que os usuários assinariam o artigo, até porque imaginamos que os pesquisadores se limitariam a ajudá-los nessa tarefa – a escrita viria deles.

Escrever é empurrar a linguagem – e empurrar a sintaxe, pois a linguagem é a sintaxe – a um certo limite, que pode-se expressar de diversas maneiras: limite que separa a linguagem do silêncio; limite que separa a linguagem da música; limite que separa a linguagem do piado doloroso... (DELEUZE, 1998, Abecedário: Vocábulo A de animal²⁴).

As narrativas que seguem até o final deste capítulo nasceram de cenas colhidas nesses encontros de escrita – encontros que não foram propriamente nomeados e onde pudemos conversar muitas coisas. Aproximamo-nos mais (usuários e acadêmicos), conhecemo-nos um pouco melhor, trabalhamos muito, rimos e descontraímos da tensão muitas vezes. Porque a tensão se fazia presente quase sempre. O grupo que trabalhava na escrita do artigo mudava a cada encontro. Todos haviam sido convidados para participar, mas nem sempre podiam ou queriam fazê-lo (tanto usuários quanto acadêmicos). Talvez, nesses encontros, nossos maiores embates e diferenças puderam ganhar corpo pela palavra: “empurrar a sintaxe” e descobrir outras possibilidades de fazer pesquisa juntos. Quer dizer, precisávamos aprender a escrever juntos.

Quando sugerimos aos usuários escrever sobre a participação deles na pesquisa, não tínhamos ideia de como viabilizar isso. Sabíamos que um ou outro usuário gostava de escrever, trazia seus textos para serem lidos no grupo. Foi num dos primeiros encontros que o Louco do Zan havia dirigido aquela pergunta a todos nós: “Como é, para vocês, pesquisar desse modo com a gente?”. Até o momento em que ele a formulou, o espaço estava organizado para os usuários escreverem. Mas o Louco do Zan nos interrogou de tal modo que nos obrigou a olhar para isso tudo de outro lugar. Assim, logo após o primeiro encontro de

²⁴ Filme disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=wcw1g0reIJQ>

escrita, lançamos ao coletivo, em reunião multicêntrica, o convite a se juntar ao grupo e escrever também sobre essa experiência de pesquisar juntos. Quem quisesse, poderia nos enviar seu texto. Responderam a esse convite duas docentes pesquisadoras, ambas com seus escritos, que foram trabalhados e incorporados à redação final do artigo. Ao longo do processo, outros textos vieram e também outros foram escritos em conjunto, ainda durante as reuniões.

Uma grande colcha de retalhos ia se mostrando, com linguagens diferentes, falando em eu, em nós, em trabalho acadêmico, adoecimento, internação, escutar vozes, fazer pesquisa e extensão universitária... A partir disso, íamos lendo os textos, conversando sobre o formato de um artigo para uma revista, descobrindo junto o que era introdução, desenvolvimento, conclusão.

Nisso de não saber como conduzir e o que fazer nos encontros – que era já talvez algum efeito do trabalho cogestivo –, de não tomarmos sempre a frente nas decisões sobre o que fazer, oferecemos um texto para ser lido com o grupo, que resultou na seguinte narrativa, escrita do punho da pesquisadora:

O dia em que Walter Benjamin encontrou-se com usuários de Saúde Mental

Naquele dia Alice descobriu que ali eram todos loucos. Diferenciavam-se apenas por uma linha tênue: uns eram loucos diagnosticados e outros, até o momento, não diagnosticados. Naquele dia de sol quente resolveram sair juntos para um passeio. Depois das intensidades emanadas de um grande CAPS III de recepção calorosa, juntaram-se para retornar à Universidade.

Mas a universidade é lugar de louco? Ninguém ousou responder, já que no caso eram todos loucos mesmo! Saíram todos falantes, afetados pelo encontro, pelo calor, pela comida boa. No caminho ela foi apresentada à cidade pelo Amauri, ele sabia cada

pedacinho daqueles cantos, que nome tinha, em que ponto deixava de ser Parque Vista Alegre para ser São Cristóvão, que parte deixava de ser para ser outra coisa. Animou-se porque íamos passar perto de sua casa, e ele poderia mostrar para ela. Amauri tinha os olhos azuis e a pele envelhecida pelo tempo e em sua camisa azul estava escrito: CAPS ad²⁵. Amauri e outro companheiro seu contavam à Alice recém-chegada na cidade os detalhes de suas vidas, de suas histórias, quase ininterruptamente durante o trajeto. O motorista do taxi às vezes olhava preocupado pelo retrovisor, pois outro passageiro, sentado ao seu lado, conversava com alguém e respondia coisas olhando para o vazio. O motorista deve ter pensado que éramos todos loucos. E éramos mesmo! Talvez ele apenas não soubesse que ele mesmo também era.

Chegamos à universidade, e o lugar virou um ruído só. Altos brados retumbavam na sala o colorido de vozes do encontro característico daquele grupo. Ritmos de samba, toques de gaita e até uma viola devem ter saído do saco enquanto falavam. Tinham vindo para o quê mesmo? Ah, é! Tinham vindo escrever, contar de sua experiência numa tal pesquisa que tratava de medicação e da autonomia de quem consumia psicofármacos. Alguns disseram que tinham escrito coisas e queriam ler. Outros perguntavam o que íamos fazer, outro saía da sala, outra queria que nós explicássemos o que era um artigo científico, outro queria ler agora e já começava. Outro pedia um cigarro. Onde está o fulano?

Que balbúrdia! Que sala pequena!

²⁵ CAPS ad: Centro de Atenção Psicossocial especializado no atendimento de pessoas com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas.

Em meio às vozes, as loucas ainda não diagnosticadas decidiram que o encontro seria mesmo com o sr. Benjamin. Imprimiram seu texto e o distribuíram. Cada um pegou uma cópia. Uns saíram lendo, outros manusearam o papel, outros nem pegaram, outros guardaram o texto dobrado. O que vamos fazer agora? Falar primeiro e depois ler o texto? Ler e depois conversar?

O grupo mais ou menos se acertou de que iriam ler primeiro, cativados pela promessa de que o texto tratava sobre o “científico” que queriam saber. Surpreenderam-se quando Alice anunciou que estava estudando este mesmo texto com seus colegas em outra Universidade, mas ninguém perguntou se lá eram todos loucos também – essa dúvida era mais da Alice do que deles...

Ah, então vocês estão transmitindo conhecimento da universidade pra nós! Que interessante isso! Experiência e narração, Walter Benjamin, 1933 – alguém leu. Quem é Walter Benjamin? Alice paralisou, nem ela sabia dizer muito bem, mas a pergunta chegava pra ela. Pensou que não tinha uma grande resposta para dar e começou pelo que sabia: “era um autor que escreveu esse texto entre a 1ª e a 2ª guerra mundial”. Ah, tah! Vamos lá então! Surpresa outra vez, Alice viu a sua pobreza de resposta ser aceita sem grande importância. Sentiu-se estranhamente aliviada.

Seguiram a leitura. Não era qualquer leitura. Era entoada, quase uma narração radialista, pois Luciano, que iniciara a ler, trabalhava na Rádio Maluco Beleza em Campinas. Então iam lendo e parando a cada parágrafo ou dois para conversar. Logo de início, sr. Benjamin provocou a todos com a história do pai que ensina aos filhos o tesouro do trabalho.

A conversa foi na direção da educação, como era que os pais ensinavam aos filhos, a autoridade que era respeitada e hoje não é mais. Tons mais monocórdios e tristes tinham chances de sair.

Alguns tomavam a palavra por mais tempo, seguravam-na e falavam ininterruptamente, não permitindo que outras vozes emergissem. Alice lembrou-se de uma conversa com Sandra, que também estava ali presente na discussão. “o Luciano, ele quer ter a voz da palavra” – dissera Sandra naquela conversa. Achou a ideia interessante e anotou para não esquecer. No dia da balbúrdia, ficou pensando nos sentidos daquela frase. Que não bastava apenas tomar a palavra, que a palavra precisava de uma voz que a fizesse dizer. As coisas óbvias iam perdendo a condição de obviedade, sentidos inesperados podiam aparecer. Devia ser um sinal, o de que ela estava podendo escutar. Lembrou-se da frase lida num romance: “a atenção é uma espécie de paixão” (DUNKER, 1998, p. 151).

Mas, neste caso, a paixão era uma coisa dispersa! Não raro as paradas na leitura iam gerando um tumulto de vozes, polifonia de sobreposições, e parecia que ninguém mais se escutava. Então as loucas não diagnosticadas tinham que contornar os efeitos intensos das conversas e retomar a leitura.

Quando sr. Benjamin falava da guerra, muitos queriam dizer coisas, pois percebiam a relação entre aquela guerra e a guerra na atualidade, em seus diversos sentidos. Uma senhora deu sua voz à palavra com grande propriedade: “na guerra não tem vencedor”. Lembraram do episódio do jovem de Realengo²⁶ e das mortes, e Louco do

²⁶ Naquela semana a mídia bombardeava por todos os meios a história do jovem de Realengo (RJ), que entrara atirando numa sala de aula matando inúmeros jovens e professores e suicidando-se em seguida.

Zan agora dava sua voz à palavra: “não enxergamos mais nós mesmos”, que dirá o outro – pensou Alice. Luciano falava indignado sobre o que a mídia fez: “um psiquiatra vai lá e diz que o cara é louco, aí ficam pensando que todos nós somos criminosos, assassinos, perigosos... para um louco é mais fácil ele se matar para não machucar o outro”. Ele contava das vozes que ouvia, do remédio que ajudou a diminuir as vozes, e Louco do Zan falava num tom divertido das vozes que seguiam falando com ele e que ele já não lhes prestava mais atenção. A experiência da guerra narrada por Benjamin atualizava-se na experiência da loucura narrada pelos presentes na sala.

Todos se perguntaram em uníssono com Benjamin: onde foi parar a experiência? Alice falou dos conceitos de vivência e experiência, e todos chegaram à conclusão de que viveram na pesquisa uma experiência que mudou alguma coisa neles.

Quando sr. Benjamin falava do vidro, Luciano lembrou de uma cidade que visitou, dos grande prédios altos, envidraçados. “Feitos de vidro!” – surpreendera-se com essa possibilidade. Falamos do vidro que dá pra ver o que tem dentro e dos vidros fumês contemporâneos que não “se vê o que tem dentro”, que apenas espelham. Alice pensou que o vidro era uma espécie de exposição que não marca, lembrou dos rastros que Brecht insistia em querer apagar, pensou na matéria-vidro, algo que não era maleável, que não dobrava.

Alice percebeu o quanto ali, naquele momento, com aquele grupo, era mais fácil dizer prontamente o que lhe afetava na leitura do

Na sequência, de assassino o jovem era transformado em louco, pela mídia, o que justificava por si só suas ações. Era sobre esse ponto que Luciano e os demais se indignavam.

texto. Percebeu que ali todos diziam o que lhes provocava o texto. Não paralisavam diante da emergência e da urgência da voz de suas palavras que queriam sair. Não se rendiam ao (in)cômodo silêncio.

Havia alguém sentado fora da roda, próximo à porta, que precisava ser convidado a falar. Seu tom de voz parecia o que lêramos no texto de Benjamin. Ele falava do que era difícil, do que não era simples, do que doía. Naquele grupo, ele era escutado pelos outros, a voz da sua palavra afetava a todos nós, unidas naquele “pessimismo” que também o sr. Benjamin deixava em seu texto. Outras palavras ganhavam voz parecida pela Beth: “quando a gente chega em casa, é outra coisa, não é fácil”. E havia as outras vozes, “aquelas que a gente escuta, e elas continuam ali dizendo coisas”.

Sandra surpreendeu-se por não encontrar ali só o bonito das coisas, como ela costumava narrar pra gente. O texto era sombrio, pesaroso, deixava triste. “Mas ele fala da realidade” disse o Louco do Zan, e a vida, todos concordaram, era bem difícil.

A experiência na pesquisa os fez entender mais sobre os remédios que tomavam, sobre os direitos que tinham, os fez também desejar outras coisas, querer outros fazeres na vida, descobrir outros caminhos. No entanto, afirmavam que estes caminhos não eram fáceis nem bonitos. Então, Louco do Zan deu voz-testemunho de sua experiência: “o que traz maturidade para o homem são os sofrimentos”.

Nossos sofrimentos também podiam ter lugar naquele grupo, no texto. Fomos alternando os modos de trabalhar, de modo a também dar conta de acolher as demandas de todos nós em cada encontro. Nos encontros posteriores ao da leitura do artigo de Walter Benjamin, trabalhamos cada texto já escrito, lendo-o em voz alta, definindo que parte iria a que lugar no nosso escrito. Um projetor nos

ajudava a visualizar o texto ganhando corpo, engordando o número de páginas. Os estudantes, alternando-nos, tomávamos lugar ao computador, para ir modificando o escrito a olhos vistos de todos, sempre atentos a nossa pressa em encerrar uma discussão e definir uma frase.

Escrever, contornar, cuidar

Já íamos a uns trinta minutos de reunião acalorada quando chegou a Luciana e entrou como um pequeno redemoinho fazendo voar os papéis da mesa e a nossa atenção do trabalho. Ela chegara correndo, vinda de outra reunião, as olheiras indicando sobrecarga de trabalho. E assim que ela sentou, não querendo atrapalhar o trabalho, fez com que todos os usuários presentes se voltassem a ela. E alguém lhe perguntou: “Como é que você tá, Lú?”. Em resposta, ela começou com um “ah, eu tô cansada...”, e seus olhos imediatamente se encheram de lágrimas e as palavras se embaralharam. Ela falava do cansaço, da loucura de trabalhar em várias coisas ao mesmo tempo. Alguém lhe estendeu a mão, lhe ofertou um abraço. Sandra lembrou que estávamos ali também para nos cuidar, que não eram só os terapeutas que cuidavam, que ali eles também podiam ajudar a cuidar.

Estes encontros, cujas disposições se voltavam para escrever, eram também espaços de cuidado, como fica claro nesta cena. Espaços de cuidado que, ainda que *a priori* não tivéssemos planejado, visavam também contornar essa experiência, territorializá-la em meio a tantos eventos desterritorializantes que a própria pesquisa nos causava, desde a viagem de avião a outro Estado até a nossa empolgação um tanto sem limite a cada reunião. Escrever era também um momento de trazer à tona as tensões que os movimentos da pesquisa causavam na gente. Destacamos um desses eventos, que foi nomeado como mudança de lugar, quando alguns usuários se tornaram pesquisadores e estiveram à frente no desenvolvimento de alguns projetos. Em Novo Hamburgo (RS), Sandra escreveu um projeto que replicou a experiência de aplicação do Guia GAM num grupo no Caps, com ela e outro usuário conduzindo o trabalho – dois usuários conduzindo um grupo no mesmo Caps onde se tratavam. Em Campinas, Luciano e Fernando estiveram à frente na condução de grupos que desenvolveram o Guia do Usuário de Saúde Mental (GUSM). No Rio, Beth e Júlio davam aulas de psicopatologia aos alunos na UFRJ, partilhando com eles sua experiência de adoecimento e superação (como ela mesma dizia). Quando este tema apareceu no artigo que estávamos produzindo juntos, foi preciso delinear quais tinham sido esses movimentos e escrevê-los conjugando os verbos no passado, registrando a experiência. Tivemos uma larga discussão, pois, em relação à pesquisa GAM, nem todos se consideravam pesquisadores – a experiência da Beth e do Júlio, por exemplo, não estava ligada à pesquisa GAM. Assim, nomeamos “pesquisadores e colaboradores”.

Mas como íamos diferenciar os estudantes e professores dos usuários? Éramos todos pesquisadores? Sem diferença nenhuma? Nosso debate ganhava corpo para além do texto. Falamos dos diferentes lugares que cada um ocupava, de que havia sido por conta disso que estávamos ali, por conta dos mestrados e doutorados, por conta do adoecimento e da busca por tratamento. Mas esse encontro não havia se restringido a isso, a uma reunião em que nada mudava de lugar. Nosso trabalho nos mostrava como havíamos “avanzado na relação”, como dizia Júlio após cada um dos embates que tínhamos no grupo de escrita. Percebemos que usuários puderam se tornar pesquisadores ao longo da pesquisa,

que esse movimento era deles, instigado pelo nosso trabalho conjunto, e que não o havíamos previsto no início da pesquisa. Ao longo do tempo, nós, estudantes, fomos tomando frentes de trabalho e mesmo espaços para conduzir as reuniões multicêntricas. Havia muitos movimentos, havíamos aprendido muito juntos. E era isso o que queríamos registrar naquele texto (e nos parece que conseguimos). Então ficou escrito assim:

alguns de nós, usuários dos três estados envolvidos, colaboramos ativamente nas adaptações do guia canadense e na construção do guia brasileiro. Nos encontros da pesquisa, ocorria compartilhamento de saberes entre pesquisadores e usuários, onde todos experimentamos uma mudança de lugar e um exercício de co-construção. No início do projeto, nós, usuários, éramos participantes da pesquisa e, ao longo do processo, tornamo-nos também pesquisadores, convidados a participar das reuniões na Universidade e a nos engajarmos em outros projetos junto com os acadêmicos. Hoje, no momento em que escrevemos, identificamos três modos de participação: os pesquisadores usuários, os colaboradores (usuários e profissionais) e os pesquisadores acadêmicos. (FLORES, MUHAMMAD, CONCEIÇÃO *et al.*, 2013, no prelo)

No entanto, é importante ressaltar que todos esses movimentos não estiveram livres de tensões, como pode parecer nesse texto empolgado que escrevemos juntos ou mesmo em muitas das narrativas escritas nesta dissertação. A produção coletiva nunca foi livre de embates. Durante a produção desse texto, tivemos alguns encontros nos quais brigamos, literal e furiosamente. Alice nos ajuda a contar essa história.

Alice ficou observando com grande interesse o Rei tirar um enorme bloco de anotações do bolso e começar a escrever. Ocorreu-lhe uma ideia de repente: segurou a ponta do lápis, que ultrapassava de algum modo o ombro do Rei, e começou a escrever por ele.

O pobre Rei pareceu confuso e infeliz, lutando com o lápis por algum tempo sem dizer nada; mas Alice era forte demais para ele, que finalmente disse, resfolegando: “Minha cara! Realmente *preciso* arranjar um lápis mais fino. Não estou tendo o menor controle sobre este, escreve todo tipo de coisas que não pretendo...” (CARROLL, 2009 [1865], p.170).

Foi difícil bancar esse trabalho. Tivemos momentos de tensão, nos quais os usuários sentiram seu texto ameaçado pela ordem acadêmica, quando alguns de

nós, estudantes, ousamos mexer no texto alheio por conta própria. Assim como Alice na cena, nós, acadêmicos, muito facilmente podíamos pegar o lápis e escrever pelos usuários, só que, diferente do Rei que não está enxergando Alice, os usuários sabiam muito bem quando o texto era modificado de forma a perder suas assinaturas. Num dos encontros, uma de nós, tendo ficado incumbida de cuidar de algumas alterações no texto, acabou por acrescentar nele outras tantas coisas. No momento em que foram lidas no grupo, essas coisas foram imediatamente alvo de estranhamento “Mas esse não é o texto que estamos escrevendo, é?”.

Noutro encontro, uma dessas versões revisadas por um de nós, estudantes, produziu no grupo enormes turbulências. A forma que ali ganhara o texto descaracterizava o modo de os usuários escreverem, e a força das experiências que nele narravam reduzira-se a exemplos no corpo do artigo, destacados com aspas e negrito. O escrito havia sido neurotizado. Era preciso resgatar a força do texto que havia sido produzido. Clima tenso. Um poema sobre a morte e os ossos do texto enterrados no cemitério, escrito ao longo deste dia pelo Louco do Zan, selava a complexidade da situação. Conversamos outra vez.

- mas, gente, nós não combinamos que íamos escrever um artigo sobre o encontro entre usuários e pesquisadores?

- sim

- então nós vamos ter que encontrar um modo de lidar com isso, porque esse nós que escolhemos usar ao escrever inclui também os acadêmicos...

- mas a força da nossa voz não pode se perder

- então quem sabe retomamos uma versão anterior para poder olhar aquilo que se perdeu?

E assim retomamos a tarefa de reler o antigo texto. Caso pretendêssemos construir um trabalho em conjunto, ele deveria ser feito em conjunto. Naquele

grupo, nossa função, como pesquisadores acadêmicos, era de fazer junto e não de traduzir aquilo que usuários haviam escrito para uma linguagem acadêmica e dura. Fazer isso era andar contra o processo todo da GAM.

O resultado dessas tensões foi uma combinação de fazermos uma leitura prévia do texto, com os usuários de cada região, para então trabalharmos juntos no encontro multicêntrico seguinte. Chegamos, assim, ao Rio de Janeiro, afiados e afinados para o trabalho. Numa das salas da UFF, reunimo-nos das 9h até as 18h (com um intervalo de almoço), trabalhando arduamente para devolver a vida ao texto endurecido. Cada grupo havia lido uma versão diferente do texto – o que, a princípio, parecia um grande caos, ao final possibilitou comparar as modificações feitas, resgatar palavras, compreender sentidos perdidos. Nesse encontro, tudo fluiu de forma muito tranquila. Estávamos em um grupo menor e, com muita afinação entre os estudantes e os trabalhadores presentes, intervíamos na mesma direção. Foi o único encontro em que não brigamos. E foi o encontro no qual trabalhamos o maior número de páginas. Estava quase pronto. Queríamos ter tido mais um dia em sequência para terminar. Mas não tivemos.

Na reunião seguinte, em Porto Alegre, o grupo mudava outra vez. Outros usuários do campo RS que participaram da segunda etapa da pesquisa foram convidados para estarem conosco. Tivemos uma calorosa manhã de apresentações e conversas, e nossa tarde rendeu muito pouco no texto. Voltava a ser difícil. Ponderamos, entre os estudantes, que os trechos conceituais escritos pelos professores e inclusos no fim do texto constituíram um dos nossos problemas. Precisávamos parar a cada tanto para traduzir os conceitos, mas tudo ficava muito enrolado. Não conseguimos finalizar e já tínhamos recebido o veredito que não haveria mais verba para novos encontros.

Um tanto desanimados, combinamos de fazer uma reunião via Skype para finalizar o escrito, reunindo os três campos (RJ, RS e SP), com a mesma combinação de leitura prévia do texto. Estávamos a menos de um mês do prazo para entrega do artigo ao Ministério da Saúde. Havíamos sido convidados a publicar nosso artigo

nos Cadernos do HumanizaSUS, na edição especial sobre Saúde Mental de 2013. Era nossa chance de fazer nosso texto e nossa experiência reverberar Brasil afora.

Um ano de trabalho árduo estava prestes a mostrar seu resultado concluído. Foi retomando essa empolgação que conseguimos finalizar o texto pela tela do computador, entre aplausos, risos e lágrimas, saudades e alívios. E um convite, “vamos tomar uma cerveja?”, alinhavado para o último encontro multicêntrico do ano, previsto para dali a pouco mais de um mês.

A escrita, então, possibilitava-nos um movimento de saída do caos da experimentação, dava borda às nossas loucuras, mesmo que fosse apenas por aquele instante. Separava-nos momentaneamente de nossa experiência. Assim, podíamos olhá-la, ainda que soubéssemos que:

no entanto, não vemos tudo. É a sabedoria da visão, embora não vejamos nunca somente uma única coisa, nem mesmo duas ou várias, mas um conjunto: toda visão é visão de conjunto. O resultado é que a visão nos mantém nos limites de um horizonte. A percepção é a sabedoria enraizada no solo, erguida para a abertura: ela é a camponesa no sentido estrito, fincada na terra e formando um liame entre o limite imóvel e o horizonte aparentemente sem limite – pacto seguro de onde advém a paz. A palavra é, para o olhar, guerra e loucura. A terrível palavra ultrapassa todo o limite e, até, o ilimitado do todo: ela toma a coisa por onde não se a toma, por onde não é vista, nem nunca será vista; ela transgride as leis, liberta-se da orientação, ela desorienta (BLANCHOT, 2001, p. 67).

Vimos, no capítulo anterior, que a aventura de pesquisarCOM o corpo é constituir esse corpo sensível à experiência do outro. O corpo sem órgãos do pesquisador é a possibilidade de experimentar o caos como quem prova um sabor desconhecido, como quem firma o pé sem conseguir ver onde está pisando, como quem sente um sintoma nunca sentido antes. É importante garantir, nessa experimentação, algo de um território que nos ajude a voltar – a cançãozinha que nos tirará do caos (como trouxemos lá em nossa metodologia com o ritornelo), quando for preciso. Organizar uma escritaCOM o outro também é oferecer uma cançãozinha, um território para sair do caos, experimentar um equilíbrio mesmo que fugaz, mas que, por ter sido experimentado, permite outros caminhos.

Numa das reuniões de escrita em Porto Alegre, escolhemos um restaurante no Parque Farroupilha (um dos grandes parques da cidade), perto da universidade, para levar os companheiros de pesquisa. Ao chegar à frente do restaurante, Júlio me confessou que titubeara ao ver a placa onde se lia “Equilibrium”, o nome do restaurante, e teve dúvidas se aquele era mesmo um lugar pra ele.

Cortar

- Escrever, não é expor a palavra ao olhar. O jogo da etimologia corrente faz da escrita um corte, um dilaceramento, uma crise.

- Um simples lembrete: o instrumento adequado para a escrita era o mesmo da incisão: o estilete.

- Sim, mas este incisivo lembrete evoca uma operação cortante, uma carnificina talvez: uma espécie de violência; a palavra carne se encontra na família; assim como a grafia, é arranhadura (BLANCHOT, 2001, p. 66).

Em vários encontros, o que fazia o texto “não andar” era a necessidade comum a todos de acrescentar uma nova história ou discussão ao texto, enquanto tentávamos finalizar. As neuroses acadêmicas eram muitas, e era um grande esforço para nós, estudantes, deixar que as coisas fluíssem. Tivemos momentos tensos de pressão para terminar o texto – pressão vinda inicialmente de fora do grupo que se encontrava para escrever e, depois, polarizada no seu interior, ora entre os estudantes, ora entre os usuários. Esse não andar ou esse andar em volta do mesmo lugar acontecia porque a cada encontro tentávamos retomar o texto do início e nunca chegávamos ao fim, porque outras coisas iam se acrescentando ao longo do caminho. Talvez, se, de saída, tivéssemos feito o trabalho prévio em cada campo antes dos encontros, teríamos avançado mais rápido. Ao mesmo tempo, esse tempo de gestação coletiva do texto foi um tempo de intenso trabalho entre

nós, durante o qual tivemos a oportunidade de estar mais perto uns dos outros, de partilharmos algo tão singular como uma escrita, na qual os egos de todos nós se feriam a cada frase excluída, a cada nome, a cada coisa que já não cabia mais no texto. Uma violência, sim, mas uma violência necessária – diria Piera Aulagnier (1975) – também ao nosso processo de pesquisa que se dirigia a um fim, a não termos mais novos projetos começando, ao fim de ano quando, muitos de nós, nos despediríamos desse trabalho.

Era preciso um corte, uma incisão, que o trabalho de corpo que vimos apontando no capítulo anterior indica que foi sentida na pele. Ferida no corpo. Talvez o mais rico de tudo seja a possibilidade que inventamos de fazer isso pelo texto. Um corte feito no texto. Ao mesmo tempo ferida e marca. O registro da experiência no texto por publicar.

Efeitos do corpo no corpo do texto

Contato

No último encontro de escrita do artigo, chegamos numa frase do texto que me incomodava. Dizia, entre outras coisas, que éramos “um só corpo e não pode ser separado”. Levantei minha inquietação com a frase, posto que estávamos nisso de terminar. Estávamos unidos em torno de uma tarefa prestes a se concluir. Nossos corpos se separariam e nós continuaríamos existindo. Mais alguém comentou algo nessa direção, e outro alguém sugeriu que a frase fosse suprimida do texto. Com a concordância de todos, nossos corpos se separaram. Estava logo ao final, no penúltimo parágrafo... Enfim, terminávamos.

Processar a escrita

Entrevistadora: Como é o seu processo de escrita?

Mia Couto: É caótico. Primeiro escuto, começa sempre por aí. Qualquer escritor é um escutador em primeiro lugar. Depois capturo o que me comoveu e me roubou o chão. Tem de ser algo quase que me dissolve. Uma frase, uma pessoa, um momento, tem de tomar posse de mim, fico perdido. Depois para dar um sentido às coisas tenho de sair de mim, e aí começa a história. (entrevista do escritor Mia Couto para Diana Garrido, 2012 ²⁷).

Imagine, leitor, o tamanho do caos escrevendo a várias mãos, com as muitas diferenças entre nós ali, juntas, participando ativamente do processo. Imagine tudo que roubava o chão de cada um querendo ser contado ao mesmo tempo, no mesmo texto. Tudo que se apossava de cada um enquanto escrevíamos. Depois, todos vivendo o estar perdido no meio de tantas experiências intensas, tantos corpos reverberando. E quando várias das nossas diferenças resolviam aparecer ao mesmo tempo? Como já dissemos, houve momentos de tensão e embate. Houve também momentos divertidos, como quando o Renato lembrou uma música do Roberto Carlos, incitado por alguma palavra dita pelo grupo, e logo começou a cantar. Bem, aí nós cantávamos junto. Assim como acatávamos o pedido do Luciano, quando já era hora de uma pausa para o lanche ou quando o Júlio tirava a gaita de boca do bolso e mostrava a música francesa que havia aprendido para mostrar aos canadenses. Aí nós dançávamos...

Por uma escrita bailarina

²⁷ Disponível na íntegra em: <http://www.ionline.pt/boa-vida/mia-couto-era-muito-timido-acho-me-apaixonava-tres-quatro-vezes-dia>

Ela estava deitada no chão duro. Contorcia-se. Sofria de palavra presa. Apertava bem os olhos. Abria a boca. As lágrimas escorriam. Ela se movimentava lentamente. Mãos no cabelo. Mãos. Desgrenhava o cabelo. Fazia com o braço direito um desenho no ar. Como se estivesse dançando. O movimento se propagava do braço para o corpo todo. Como se ela fosse o cisne. Branco. Suave. Só o braço. Sozinho. Ela era o braço. Balançava suave. Segurava as cobertas e a almofada que estavam ao seu redor. Enlaçando-se sobre si mesma. Como uma criança. Medo. Medo. Posição fetal. Criança. *Reborn*. TUM TUM. (*work in progress* da aula Profanações em Psicologia e Teatro)

Prisão de Verbo

Lembrei das três metamorfoses de Zaratustra. A primeira é a do camelo. O camelo quer ser bem carregado, carrega sobre seus ombros todo o peso do mundo e marcha em direção ao deserto dizendo "Tu deves", "Tu deves", "Tu deves"; chegando ao deserto, em meio à solidão profunda ele não suporta o próprio peso, começa a gritar e gritando se transforma em Leão. O Leão rugem em alto e bom som "Eu quero", "Eu quero", "Eu quero"; mas o leão apesar de toda sua força ainda vive na dialética, pois ele rugem contra o Tu deves do camelo e por isso ainda não consegue criar. Ocorre então a terceira metamorfose, e o Leão se transforma em Criança. A Criança é o puro devir, o ato de invenção, por isso ela simplesmente diz "Eu Sou". A criança respira para além do bem e do mal. Um conceito que gerou muita confusão em Nietzsche é o de Super Homem, ou Além do Homem; Zaratustra nos ensina que o Super Homem nada mais é que a Criança. O super homem é aquele que pode criar. (Resposta do prof. Édio Rainiere ao meu *working in progress*).

Talvez o ponto mais difícil fosse mesmo o sair de si, no sentido de cada um sair do seu eu, para escrever a história. Para isso precisávamos evocar essa criança criadora, que podia começar logo com o “Era uma vez...”. Foi um trabalho delicado e muito conversado o de tirar os nomes de quem tinha escrito cada pedaço do texto. Havia um medo de não se reconhecer. Era uma questão que seguidamente retornava: “mas esse é o nosso texto?”. Por outro lado, o trabalho de escrita coletiva propiciava a todos nós um registro do trabalho que ainda não tínhamos até ali, e poder escrever sobre isso, dar corpo a esse território, tem relação com o que diz Suely Rolnik sobre a escrita ser

um instrumento privilegiado de trabalho com as marcas que os ares do tempo imprimem em nosso corpo afetivo: ela nos ajuda a ouvi-las, ela nos guia na busca das palavras que vão tornar o mais dizível possível aquilo que nos marca no indizível, ela nos acompanha em nosso esforço para criar territórios que incorporem aquelas marcas (...) (ROLNIK, 1993, p. 75)

Isso ficou evidente quando tratamos do tema dos usuários terem se tornado pesquisadores. Eram marcas que ganhavam espaço pela primeira vez, para alguns ganhavam nome pela primeira vez: “então nós somos pesquisadores?”. Para uns, isto já estava dado, mas a emoção de vê-lo escrito, de se deparar com o parágrafo que dizia: “No início do projeto, nós, usuários, éramos participantes da pesquisa e, ao longo do processo, tornamo-nos também pesquisadores, convidados a participar das reuniões na Universidade e a nos engajarmos em outros projetos junto com os acadêmicos” (FLORES, MUHAMMAD, CONCEIÇÃO *et al.*, 2013, no prelo). Uma escultura do tempo extraída pelo cinzel da escrita, como diria Suely Rolnik (1993). Para a autora, a escrita “é um dispositivo de efetuação do devir, é o devir que a move e é para o devir que ela nos move” (ROLNIK, 1993, p. 75). Nós experimentamos a escrita mover o usuário para o seu devir pesquisador. Também experimentamos a escrita mover o pesquisador para o seu devir usuário, quando Júlio nos escreveu um e-mail com uma proposta: os usuários outorgarem aos acadêmicos que estiveram próximos ao Comitê Cidadão o título honorário de usuário de saúde mental.

Nas delicadas tramas da vida: a ética no PesquisarCOM

Ao terminar o capítulo “Escrever”, alguns dias antes da última reunião multicêntrica do ano de 2012, a pesquisadora sentiu uma necessidade imperiosa de passar o texto pelo grupo, antes de finalizá-lo. Afinal, ela estava contando a história coletiva, e não parecia justo/ético/correto que as pessoas presentes nessa história só viessem saber dessa construção depois, com o texto já finalizado e avaliado, quando a pesquisadora já não poderia mais modificá-lo. Toda essa construção fora feita no coletivo, e quem era a pesquisadora para contar a história sozinha? Ainda que, em vários momentos do percurso, algum grau de arrogância acadêmica inevitavelmente se apossasse de quem pesquisa, a pesquisadora resolveu levar essa inquietação adiante.

Ao ler as reportagens de Eliane Brum e os textos sobre os bastidores de cada uma delas no livro “*O Olho da Rua*” (BRUM, 2008), algumas coisas ficaram mais claras. Eliane afirma com categoria que precisa ser honesta com seus leitores e com seus entrevistados, que os erros e os impasses da reportagem precisam aparecer para o leitor, mas nem sempre isso cabe numa reportagem. Da mesma forma acontece na pesquisa, não cabe tudo num artigo e mesmo não cabe tudo numa dissertação, nem numa tese, já dissemos antes. Entretanto, há aquilo que se expande pelo litoral da política, no sentido de como escolhemos nos posicionar diante de nosso trabalho e das formas de apresentá-lo.

Este era um texto vivo de uma história que era partilhada e comporia um trabalho acadêmico, uma história construída num plano coletivo, de forma cogestiva, e nos perguntávamos se, ao final, deixaria de ser. Depois de algumas conversas com sua orientadora, a pesquisadora decidiu gravar um vídeo lendo alguns trechos deste texto para ser levado à reunião a que não poderia comparecer. No vídeo²⁸ ela dizia também que escrevera parte da sua dissertação, que estava contando uma história que era coletiva e não conseguia imaginar essa construção sendo feita sem a participação e o aval de todos. Junto com o vídeo, a

²⁸ Disponível em: <http://vimeo.com/53989616>.

pesquisadora enviou cópias do capítulo inteiro, especialmente para as pessoas diretamente citadas no texto.

Traçávamos aí mais uma linha transversal no modo de comunicação entre nós – não a única, sem dúvida, nem a primeira.

Transversalidade, na acepção inicial que Guattari (2004) dá a esse conceito, é o movimento de abertura comunicacional, de desestabilização dos eixos dominantes de organização da comunicação, nas instituições: o eixo vertical de hierarquização da comunicação entre os diferentes e o eixo horizontal da comunicação entre os iguais. Traçar a transversal é, no que diz respeito aos modos de dizer, tomar a palavra em sua força de criação de outros sentidos, é afirmar o protagonismo de quem fala e a função performativa e autopoietica das práticas narrativas (PASSOS, BARROS, 2010, p. 156).

Além da repercussão positiva entre todos e comentários de que havia sido muito ético da parte da pesquisadora entregar o texto para ser avaliado antes de publicá-lo, o efeito disso foi uma solicitação, por parte dos pesquisadores-usuários, de um termo de consentimento. Eles queriam assinar um consentimento para esta publicação. Movimento inverso ao que se esperaria numa pesquisa, e que é reflexo de algo que Eduardo Passos disse em uma das reuniões multicêntricas, sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, “o tempo de consentir não é o mesmo de esclarecer”. Usualmente, o termo de consentimento é apresentado no início de uma pesquisa, num procedimento que visa informar as pessoas sobre o que irá nela acontecer. Entretanto, antes de o processo acontecer, fica difícil para os participantes mensurarem os efeitos que o processo desencadeará neles. É por isso que geralmente consta uma cláusula na qual o participante possa retirar seu consentimento a qualquer momento. Em outros grupos realizados na GAM, o tema do consentimento também retornou ao longo do processo, não se reduzindo à apresentação do Termo de Consentimento no início do grupo²⁹.

²⁹ Sobre o Termo de Consentimento nos grupos GAM, a colega Adriana Hashem Muhhamad também discute, em um capítulo da sua monografia, a experiência do uso do Termo ainda na primeira etapa da pesquisa GAM no Rio Grande do Sul (MUHAMMAD, 2010). No Rio de Janeiro, houve um grupo em que a conversa sobre termo de consentimento durou os três primeiros encontros do grupo de intervenção, dando mostras de quão delicada é esta questão.

Essa inversão dos tempos de consentir fez com que providenciássemos o termo (ANEXO A), mas numa condição de ser um termo que ao mesmo tempo devolvia o caráter da participação dos colegas envolvidos e solicitava uma autorização, tanto para esta publicação quanto para o modo como queriam ser nomeados no texto. Nós havíamos conversado informalmente algumas vezes sobre o uso “disso que acontecia nas reuniões” como material de pesquisa, sem grandes restrições. Entretanto, aqui, neste momento – diferente daquele de escrita do artigo conjunto, narrado no capítulo anterior, no qual estava claro para todos nós que éramos todos autores –, a trama se complexificava um tanto mais. Inventamos esse procedimento *a posteriori* feito COM os companheiros, para dar contorno àquilo que mais nos importava: o ato de apresentar para os pesquisadores-usuários o conhecimento que vínhamos produzindo a partir de nossa experiência comum.

Entretanto, isso levava a pesquisadora a um segundo impasse ético com relação aos escritos dos demais capítulos. Especialmente com os escritos do capítulo “Loucurar”, no qual trazia a experiência do grupo de Novo Hamburgo que, à época da finalização do texto, já não mais se encontrava há quase um ano. O processo de passar o texto por eles, como fizemos com o capítulo “Escrever”, seria difícil, senão impossível. E, ainda, promover um reencontro desse grupo com esse fim seria como acender de novo a “chama da GAM” no serviço, podendo ser entendido como uma retomada do trabalho no Caps em Novo Hamburgo, o que não era nossa proposta. De toda forma, os participantes desse grupo haviam assinado o consentimento que nos autorizava a colher os dados sem identificá-los. Entretanto, a problemática ética não se encerrava, para nós, na questão burocrática de ter os Termos assinados. Ela ia além, posto que no texto figuravam também experiências dos dois usuário-coordenadores, um deles que havia deixado de participar da pesquisa e com quem, por conta disso, perdemos o contato por um tempo.

No turbilhão de pensamentos que passava pela pesquisadora, ela lembrou-se de que no projeto para esta dissertação trazia a proposta de utilização de personagens ficticiais para contar as histórias. Para além de possibilitar a distância necessária para contar das experiências, buscava com esses personagens,

desembaraçar-se das histórias lineares, das imagens fixas e identitárias de cada sujeito. Havia pensado em personagens híbridos que pareciam, agora, poder dar conta da delicadeza que era escrever e publicar aquelas histórias. Fazer Alice entrar no bosque e perder os nomes, especialmente os nomes próprios, foi a saída ficcional encontrada pela pesquisadora. Assim, as personagens poderiam voltar do bosque como as palavras-valise da Alice de Lewis Carroll: “Entende, é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só” (CARROLL, 2009 [1865], p. 247). Nesta dissertação, Davi e Alice carregaram neles não só dois, mas os muitos sentidos de todos nós na experiência da GAM. O que permitiu multiplicar os sentidos de nossa experiência, com todo o cuidado de preservar os nomes reais e as delicadas histórias com as quais essas pessoas nos brindaram ao longo do percurso de pesquisa. Até o momento de entrega desta dissertação à banca, não havíamos ainda conseguido pensar num modo de reunir o grupo e fazer a dissertação chegar também a seus personagens reais.

No caminho de escreverCOM, houve ainda mais uma questão ética com a qual nos deparamos, relativa à publicação de nosso artigo, escrito a tantas mãos, cuja experiência narramos no capítulo anterior. Enviamos o artigo para os Cadernos do HumanizaSUS, que aceitou sua publicação da forma como a propúnhamos, com a autoria coletiva de todos os envolvidos no processo (27 autores, de nove cidades, em cinco estados e dois países diferentes³⁰). Porém, na sequência somos surpreendidos com uma solicitação do Ministério da Saúde, para que enviássemos a Brasília um documento de Cessão e Transferência de Direitos Autorais (ANEXO B) de cada um dos autores envolvidos, em três vias registradas em cartório.

As delicadas tramas da vida nos levavam a vários problemas para reunir essas assinaturas, entre eles: autores curatelados, cuja assinatura em cartório deveria ser feita pelo familiar tutor; autores fora do país; autores com medo de perder o benefício social caso assinassem o termo; autores hospitalizados.

³⁰ Uma das colegas envolvidas no trabalho vem realizando seu doutorado no Canadá.

Como reunir todas essas assinaturas, com tantos entraves e premidos pelo prazo, para garantir que todos os envolvidos tivessem seu nome no artigo? Qual era mesmo a questão? Nossa questão residia no ineditismo. Usuários de saúde mental não costumam publicar artigos, ainda mais tantos e vindos de tantos lugares diferentes. Então, algo que poderia ser uma solicitação de praxe para a publicação em muitas revistas,³¹ tornava-se para nós uma tarefa impossível.

Trocamos alguns emails com as responsáveis pela editoria da publicação, colocando-as a par do tipo de dificuldades que enfrentávamos – como a de um dos autores, curatelado, cujo familiar responsável acabara de amputar o pé e necessitaria mobilizar todo um aparato logístico e familiar para deslocar-se até o cartório. Sensibilizadas, elas buscaram negociar uma alternativa junto ao Ministério da Saúde, para que se pudesse resolver de outro modo a situação. O ineditismo do fato solicitava modificações no processo, assim como, ao longo da pesquisa GAM, fomos modificando o processo de pesquisar, de cogerir – a presença dos usuários solicitava mudanças em nosso modo de fazer. Nossa metodologia se modificou ao longo do tempo, tivemos que nos adaptar à realidade que construímos, na qual usuários de saúde mental se tornavam pesquisadores, escreviam e buscavam publicar artigos.

As negociações nos levaram a uma solução intermediária: apenas os autores acadêmicos precisariam apresentar assinatura autenticada do termo, e todos os demais teriam seu nome no artigo, mesmo sem a assinatura da cessão de direitos autorais. Enfim, uma decisão digna, ainda que, de algum modo, excludente; ela nos dá mostras do quanto se precisa avançar no campo do pesquisarCOM.

Disseminar

Uma das funções de escrever uma dissertação é contagiar outros pesquisadores a experimentarem outros modos de fazer pesquisa. Isso não quer

³¹ Embora a assinatura de termo de cessão de direitos autorais seja um procedimento comum às publicações científicas, era a primeira vez que nos deparávamos com a exigência de sua autenticação, em cartório.

dizer fazer igual, replicar a experiência (algo impossível, em verdade), mas sim inventar a seu modo, no seu contexto. Chegamos ao final desta dissertação convidando você, leitor, a inventar jeitos de pesquisarCOM. Carregamos nosso método de pesquisa para a praia e o fizemos banhar-se em várias ondas, em distintos pontos do litoral.

Nesse caminho, descobrimos que algo a princípio muito distante de nós estava mais próximo do que gostaríamos de acreditar. Descobrimos que PesquisarCOM a loucura é “loucurar” mesmo, é o pesquisador se aproximar da sua loucura e colocá-la junto no processo da pesquisa. É descobrir que existem modos não dualistas de estar no mundo, é complexificar a nossa compreensão dele. É também voar pelos fios de cabelo do sonho de Davi. Roubar do mundo outros sentidos para vida, para pesquisa. É habitar o bosque sem medo, sabendo que há corças pelo caminho que nos ajudam a sair dele.

PesquisarCOM é uma forma de olhar para o caos do bosque da loucura e descobrir um CsO, que é um outro jeito de chamar o bosque. Para dizer que, na verdade, não estamos fora dele, mas, sim, ele está em nós, o tempo todo. Dizer que é possível estabelecer uma relação com ele, sem que para isso percamos nosso corpo no caminho. Aprendemos que pesquisarCOM mexe mesmo com o corpo do pesquisador, que é preciso estar disponível também para a dor que vem junto. Mover o corpo, habitar lugares estranhos, ter o corpo invadido por estranhas sensações... Para que isso não nos dilacere, é preciso ter alguma prudência, aprender a escutar do corpo até onde ele aguenta, até onde podemos ir.

PesquisarCOM é também dividir com os participantes da pesquisa tarefas antes exclusivas do pesquisador-acadêmico. É estar disposto inclusive a escrever junto sobre o que se faz e não apenas recolher um dado do campo e depois analisar sozinho. PesquisarCOM é partilhar o fazer de uma pesquisa, é dissolver lugares de hierarquia e experimentar o inédito que pode advir daí. Então pode ser que se descubra no caminho pessoas que escutem vozes e que usem essa faculdade para escutar as pessoas num grupo. PesquisarCOM é estar bem disposto às surpresas que podem advir do campo de pesquisa. É estar disposto a perder seu corpo no

CsO caótico do campo pesquisa, no qual as pessoas podem mudar de lugar, inventando novas coisas ainda não pensadas.

PesquisarCOM é ver seu argumento a respeito de alguma coisa ser desmontado por um participante, como vimos numa reunião multicêntrica na qual discutíamos um ponto de um dos artigos. Um dos professores levantou um argumento diante de uma frase no texto que dizia: “a pior doença do mundo é a doença mental”, “mas será mesmo?” ele perguntou, “será pior que um câncer, por exemplo?”. Ao que os usuários-pesquisadores responderam um a um, contando, a partir da sua própria experiência, o horror que era escutar vozes que mandavam fazer coisas, que invadiam o corpo, sem controle. O professor escuta para depois concluir: “está bem, vocês me convenceram, é mesmo a pior doença”. PesquisarCOM é estar preparado para inesperados, como receber um e-mail assim:

from: Elizabeth Sabino

to: gambr@yahoogrupos.com.br

date: Mon, Nov 12, 2012 at 8:26 AM

subject: Re: [gambr] Programação geral 21 e 22/11

Queridas

OK! Com certeza teremos uma ótima reunião. Aproveitaremos bastante esses dois dias. Vale a pena o empenho de vocês ou nosso empenho conforme vocês gostam que nós usuários falemos.

Um beijo no coração.

Beth Sabino.

Um dos efeitos de escrever juntos foi que alguns pesquisadores-usuários passaram a responder aos e-mails na lista GAM BR, algo que não acontecia antes desse exercício de escrita comum. Entretanto, ao final do quarto ano de pesquisa, com todas as condições de participação inauguradas pelos usuários, ainda recebíamos essa mensagem da Beth, dizendo-nos que sabia a forma de falar que nos agradava, mas ainda não se autorizava a estar nesse lugar “ao lado” que construímos. Talvez ela estivesse nos dizendo: “Eu sei que vocês querem que eu

esteja ao lado de vocês, mas não é fácil”. PesquisarCOM é também aceitar os tempos de cada um fazerCOM.

PesquisarCOM é assistir os participantes apropriando-se das discussões teóricas da forma mais peculiar. Como quando um deles nos explicou a diferença entre pesquisa quantitativa e qualitativa: “pesquisa quantitativa é assim, você chega no Caps e pergunta ‘quantos médicos tem?’. E pesquisa qualitativa é assim, você chega no Caps e pergunta ‘qual dos médicos é bom?’”. Também quando discutíamos sobre o poder de contratualidade, e alguém contou que perguntara ao médico quanto tempo mais ele precisaria tomar o remédio, ao que o médico respondeu: “mais 10 anos”. Então outro companheiro tratou de explicar: “é que no seu caso, o seu contrato foi renovado por mais 10 anos”. Da mesma forma, quando o Davi nos explicou no restaurante que a paixão daquela usuária pelo pesquisador era só uma questão de “contratransferência”.

PesquisarCOM é aprender a fazer o que não se sabe, como, por exemplo, escrever a 27 pares de mãos sobre a experiência de pesquisar juntos. É também fazer uso desse espaço de escrita para forjar territórios da experiência, saídas do bosque, não só do pesquisador, mas do próprio usuário. O movimento no pesquisarCOM é sempre de mão dupla. Podemos sair do bosque de mãos dadas com o Davi e construir um texto juntos sobre a experiência de loucurar. Podemos também estar com ele no bosque, habitar o caos junto com ele. Podemos permitir nosso devir-louco surgir, e também ver o devir-pesquisador do louco aparecer.

PesquisarCOM é também fazer silêncio, do qual sempre poderá emergir alguma coisa, como nesta cena:

então, quando uma colega apresentou sua pesquisa, falando sobre os três modos de narrativa da experiência, ela chegou a esse modo, que é um nível corporal de narrativa da experiência. Aí o Davi pediu licença para contar uma história. Contou que estava num culto, e o pastor disse que Deus estava colocando uma espada na mão de cada um

ali. E ele sentiu a espada queimar em sua mão. Ele sabia que não havia espada nem queimadura, mas ele sentiu o peso e a dor. Então ele entendeu que, se Deus colocara uma espada na mão dele e fizera arder em fogo, é porque ele era um guerreiro. “Quem carrega uma espada na mão, é um guerreiro”, ele disse. Por isso precisava continuar a lutar, porque a vida aí ganhava um sentido. Ele sabia que teria algumas batalhas para viver e entendeu que Deus lhe deu a arma para que ele pudesse vencê-las.

Silêncio total na sala, onde cerca de quarenta pessoas emudecidas escutavam a história que Davi contava. Um silêncio que acolhia uma experiência até ali nunca narrada. E é isso que ele disse depois: “é a primeira vez que eu conto essa história”. O que se produziu ali para que ele pudesse não só elaborar uma narrativa, mas também um sentido para a vida possível de ser compartilhado? Ele soube que ali não seria julgado nem interpretado. Ele soube, como quando contou seu sonho de voar, que estava entre pessoas amigas que podiam escutar sem diagnosticar. Podiam ficar sem entender tudo. Podiam acreditar em coisas impossíveis.

É por isso que escrevemos, para disseminar nossas experiências, ao modo como nos oferece Despret.

Deixar-se instruir, abnegar-se ou se curvar, acomodar e se acomodar, seguir as inflexões como proposições ofertadas, co-inventar: (...) não ser nem o mestre, nem o único autor, mas um vetor de disseminação e de memória daquilo que pede para ser preservado no ser. (...) aprender a fazer memória com aquilo que aprendemos, ao mesmo tempo, aceitar de vê-lo desaparecer. E pensá-lo (DESPRET, 2011, não publicado).

Parece que nosso passeio por esse vasto litoral está chegando ao fim, posto que o litoral segue em sua extensão infinita, enquanto nós, no máximo, podemos abandoná-lo neste momento, até que possamos voltar outra vez. A pesquisadora se despede de seu campo, sabendo que não é mais a mesma e esperando que esta experiência inspire outros pesquisadores a fazer mais pesquisas COM os outros e não mais SOBRE os outros.



Figura 3 – Quadrinho do cartunista argentino Liniers - <http://macanudoliniers.blogspot.com.br/>

Post-scriptum

O escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afeto das afecções, a sensação da opinião – visando, esperamos, esse povo que ainda não existe. (...) é a tarefa de toda arte: e a pintura, a música não arrancam menos das cores e dos sons acordes novos, paisagens plásticas ou melódicas, personagens rítmicos, que os elevam até o canto da terra e o grito dos homens – o que constitui o tom, a saúde, o devir, um bloco visual e sonoro. Um monumento não comemora, não celebra algo que se passou, mas transmite para o futuro as sensações persistentes que encarnam o acontecimento: o sofrimento sempre renovado dos homens, seu protesto recriado, sua luta sempre renovada. Tudo seria vão porque o sofrimento é eterno, e as revoluções não sobrevivem à sua vitória? Mas o sucesso de uma revolução só reside nela mesma, precisamente nas vibrações, nos enlaces, nas aberturas que deu aos homens no momento em que as fazia, e que compõem em si um movimento sempre em devir, como esses túmulos aos quais cada novo viajante acrescenta uma pedra (DELEUZE, 1992a, p. 228-229).

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você já faz parte do Projeto Multicêntrico “Pesquisa Avaliativa de Saúde Mental: instrumentos para a qualificação da utilização de psicofármacos e formação de recursos humanos”, que conduziu grupos de intervenção em Centros de Atenção Psicossocial (Caps) para a construção da versão brasileira do Guia da Gestão Autônoma da Medicação (Guia GAM). O projeto é coordenado por Rosana Teresa Onocko Campos, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp; com a participação dos seguintes pesquisadores e universidades: Analice de Lima Palombini, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Eduardo Passos e André do Eirado, Universidade Federal Fluminense – UFF; Erotildes Leal e Octavio Serpa, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq ao longo dos anos 2009 e 2010. A partir do início de 2010 passou a contar também com financiamento da Aliança Internacional de Pesquisa Universidades-Comunidades (Alliance de Recherche Universités- Communautés) – ARUCI. Esta aliança se deu entre as universidades já citadas, somadas à Universidade de Montreal e à Associação dos Usuários e seus Familiares de Campinas – AFLORE e tem como tema central “Saúde Mental e Cidadania”, contando com financiamento do International Development Research Centre – IDRC. (MARQUES, 2012 p. 11).

A sua participação na GAM foi ampliada com o convite para participar também das reuniões de pesquisa nas universidades vinculadas ao projeto. Isso possibilitou uma mudança de lugar e você vem participando ativamente de todo o processo de pesquisa. Hoje você é um pesquisador e/ou um colaborador nela. O projeto de dissertação que eu, Marília Silveira, venho desenvolvendo como mestranda e bolsista CAPES no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob orientação da profa. Analice de Lima Palombini, pretende contar uma parte dessa história de fazer pesquisa junto com os usuários da saúde mental. Por isso, submeto parte do texto da minha dissertação para que você possa decidir se aceita ou não a forma como venho escrevendo essa história e como você é citado nela. Caso concorde com o texto, solicito a sua assinatura neste termo de consentimento, da forma que segue:

Li o texto “EscreverCOM”, que faz parte da dissertação de mestrado de Marília Silveira, sob o título provisório de *Vozes no corpo, territórios na mão: loucura, corpo e escrita no pesquisarCOM*, desenvolvida junto ao projeto multicêntrico da Gestão Autônoma da Medicação (GAM). Estou de acordo com o texto naquilo que diz respeito à minha participação nessa pesquisa e concordo em ser citado(a)

() sob meu nome: _____

() sob nome fictício: _____

_____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Mestranda: Marília Silveira

Orientadora: Analice de Lima Palombini - Professora do Instituto de Psicologia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-graduação em Psicologia Social

Telefones para contato: (51) 3308-5818 - (51) 9281-4543 (Marília)

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS.

Telefone: (51) 3308- 5698.

ANEXO B

Celebração de contrato de cessão e transferência de direitos autorais sob a égide da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Pelo presente Contrato, de um lado a UNIÃO, por intermédio do Ministério da Saúde, inscrito no CNPJ sob o número 00394544/0127-87, doravante denominado simplesmente CESSIONÁRIO, situado na Esplanada dos Ministérios, Bloco G, Edifício-Sede, Brasília, Distrito Federal, neste ato representado pelo coordenador da Política Nacional de Humanização Gustavo Nunes de Oliveira e, de outro lado,, brasileiro(a), (ESTADO CIVIL), (PROFISSÃO), portador(a) da Carteira de Identidade nº e do CPF nº, residente e domiciliado(a) na (ENDEREÇO), doravante denominado simplesmente CEDENTE, firmam CONTRATO DE CESSÃO E TRANSFERÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS, sob as cláusulas e condições seguintes:

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO

O presente Contrato tem por objeto a cessão de direitos autorais da obra intelectual denominada (CADERNOS HUMANIZASUS Volume V – HUMANIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL), em sua integralidade, doravante denominada simplesmente OBRA, de autoria do CEDENTE.

CLÁUSULA SEGUNDA – DA CESSÃO E TRANSFERÊNCIA

Pelo presente instrumento de contrato, o CEDENTE cede e transfere ao CESSIONÁRIO os direitos autorais da OBRA, que poderá publicá-la, elaborar, produzir ou alterar a programação visual, se necessário, incluí-la em fonograma ou produção audiovisual, distribuí-la, armazená-la em banco de dados, realizar veiculação eletrônica ou em qualquer outra forma direta ou indireta, pelo prazo de 10 (dez) anos, neste ou em qualquer outro país, sem ônus para o CESSIONÁRIO, podendo ser prorrogado, por igual período, mediante assinatura de termo aditivo, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, anterior ao término de sua vigência.

§ 1º A cessão de que trata o caput deste artigo se refere aos direitos patrimoniais do direito do autor.

§ 2º Fica autorizado ao CESSIONÁRIO assinar contrato de coedição com outras instituições congêneres ou patrocinadoras.

§ 3º Cabe ao CESSIONÁRIO a decisão sobre a edição parcial ou integral da OBRA cedida.

§ 4º A presente cessão e transferência dos direitos autorais ao CESSIONÁRIO é válida para uma edição de até cem mil exemplares, podendo a OBRA ser reimpressa, caso se faça necessário, no período supracitado na cláusula segunda.

§ 5º São resguardados ao CEDENTE os direitos morais de autor/ilustrador/fotógrafo, os de natureza personalíssima, expressamente incluídos pela legislação, tais como o de modificar a OBRA, antes ou depois de utilizada, o de reivindicar, a qualquer tempo, a sua autoria.

§ 6º A cessão e a transferência total ou parcial da OBRA não será onerosa.

§ 7º A OBRA integrará a coleção e a memória técnica institucional da administração direta

do Ministério da Saúde e de suas entidades vinculadas, com veiculação permanente na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde.

CLÁUSULA TERCEIRA – DAS OBRIGAÇÕES DO CEDENTE

O CEDENTE responsabiliza-se pela boa origem da OBRA, assumindo, desde logo, o ônus por quaisquer medidas judiciais ou extrajudiciais propostas por terceiros, incluindo a utilização de ilustrações, desenhos, fotografias, gráficos, nomes, referências históricas e bibliográficas.

Parágrafo único. Compromete-se o CEDENTE a dar preferência ao CESSIONÁRIO, em igualdade de condições, para a publicação de novas edições da OBRA, podendo o CESSIONÁRIO opor-se às alterações que ofendam sua reputação ou aumentem sua responsabilidade.

CLÁUSULA QUARTA – DAS OBRIGAÇÕES DO CESSIONÁRIO

Compromete-se o CESSIONÁRIO a facultar ao CEDENTE o exame da escrituração na parte que lhe corresponde, bem como a informá-lo sobre o estado da edição. Parágrafo único. Compromete-se o CESSIONÁRIO a imprimir e publicar fielmente a OBRA, em até dois anos, a contar da assinatura do presente instrumento contratual.

CLÁUSULA QUINTA – DA SUCESSÃO

Comprometem-se o CESSIONÁRIO e o CEDENTE, este por si e por seus herdeiros ou sucessores, a qualquer título, a respeitar integralmente os termos estipulados no presente Contrato.

CLÁUSULA SEXTA – DA DENÚNCIA E RESCISÃO

O presente Contrato poderá ser denunciado por qualquer dos partícipes, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, ou a qualquer tempo, em face da superveniência de impedimento legal que o torne formal ou materialmente inexecutável, e rescindido de pleno direito, no caso de infração a qualquer uma das cláusulas ou condições nele estipuladas.

CLÁUSULA SÉTIMA – DOS CASOS OMISSOS

Os casos omissos ou situações não explicitadas nas cláusulas deste instrumento serão avaliados pelo Conselho Editorial do Ministério da Saúde (Portaria nº 1.722/GM, de 2 de setembro de 2003), em conjunto com o CESSIONÁRIO, segundo as disposições contidas na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, e nos demais regulamentos e normas administrativas federais que fazem parte integrante deste Contrato, observados supletivamente os preceitos da teoria geral dos contratos, bem como as normas do Direito Privado.

CLÁUSULA OITAVA – DA PUBLICAÇÃO

O CESSIONÁRIO providenciará a publicação do extrato deste Contrato no Diário Oficial da União (DOU), conforme dispõe a legislação vigente.

CLÁUSULA NONA – DO FORO

Permanecendo as omissões e existindo divergências entre o CESSIONÁRIO e o CEDENTE, serão essas, em última instância, encaminhadas ao Foro da Seção Judiciária da Justiça Federal de Brasília, Distrito Federal, eleito em comum acordo entre as partes contratantes, com exclusão de qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

E, por estarem assim justos e combinados, assinam o presente instrumento, em três vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas que também o subscrevem, para os devidos fins de direito.

Brasília, DF,de..... de 2012.

Assinatura do Cedente

Assinatura do Cessionário

Assinaturas das testemunhas

Referências

ÁLVAREZ-FERNANDEZ, Miguel. **Antonin Artaud y la búsqueda de la fecalidad. El cuerpo artaudiano y sus consecuencias.** Transmissão Radiofônica 15/04/2011 disponível em: <http://radio.museoreinasofia.es/artaud-busqueda-fecalidad?lang=es>, acessado em 10/10/2012.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1).

_____. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3).

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 1: a palavra plural.** São Paulo: Escuta, 2001.

_____. **A conversa infinita 2: a experiência limite (1986).** São Paulo: Escuta, 2007.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real.** São Paulo: Globo, 2008.

_____. **Jornalismo e Literatura: Jogo de Ideias. Programa da Feira Literária de Paraty - Flip,** 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rln0WqI6tI8>. Acessado em Setembro de 2012.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Um método para análise e cogestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda.** São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **Efeito Paideia e o campo da saúde: reflexões sobre a relação entre o sujeito e o mundo da vida. Trabalho, Educação e Saúde,** v. 4 n. 1, p. 19-31, 2006.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá** (1865). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Diferença e Repetição** (1968). Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (1980), vol. 3, São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. (1980) São Paulo: Ed. 34, 1997.

DESPRET, Vinciane. **Experimentar a disseminação**. Não publicado, 2011.

DUNKER, Patricia. **Alucinando Foucault**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

FLORES, A. A. MUHAMMAD A. H. CONCEICAO, A. P. NOGUEIRA, A. PALOMBINI, A. L. MARQUES, C. C. E. PASSOS, E. SANTOS, E. S. MEDEIROS, F. SOUSA, G. S. MELO, J. ANDRADE, J. C. S. DIEDRICH, L. F. GONCALVES, L. L. M. SURJUS, L. T. L. E. S. LIRA, L. M. XAVIER, M. A. Z. NASCIMENTO, M. R. SILVEIRA, M. NASCIMENTO, N. S. OST, P. R. OLIVEIRA, R. F. NASCIMENTO, R. PRESOTTO, R. F. HOFF, S. M. S. , ONOCKO CAMPOS, R. T. OTANARI, T. M. C. A experiência de produção de saber no encontro entre pesquisadores e usuários de serviços públicos de saúde mental: a construção do Guia Gam brasileiro. No prelo para **Caderno HumanizaSUS** do Ministério da Saúde, 2013.

FRAVET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, 2005 p. 155-161.

FERRAZ, Silvio. Ritornelo: Composição passo a passo. **OPUS, Revista da associação nacional de pesquisas e pós-graduação em música**, Campinas, 2004.

FOUCAULT, Michel. De l'amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal **Gai Pied**, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em < <http://www.filoesco.unb.br/foucault/amizade.pdf> >. Acessado em 12/10/2011.

_____. A Loucura só existe em uma sociedade. (1961). *In: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise; Ditos e escritos Vol I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. A Loucura, a Ausência de Obra (1964). *In: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise; Ditos e escritos Vol I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **O que é um autor?** (1969) Lisboa: Vega/Passagens, 1992.

_____. A vida dos homens infames (1977). *In: FOUCAULT, Michel. O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992, pp. 89-128.

_____. Polêmica, política e problematizações (1984) *In: FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política; Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **História da loucura na Idade Clássica** (1972). São Paulo: Perspectiva, 2007.

FURTADO, Juarez Pereira. Um método construtivista para a avaliação em saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 6, n. 1, p. 165-182, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. **Effective evaluation**. San Francisco: Jossey Bass Publishers, 1988.

KANTORSKI, Luciane Prado; WETZEL, Christine; OLSCHOWSKY, Agnes; JARDIM, Vanda Maria da Rosa; BIELEMANN, Valquiria de Lurdes Machado; SCHNEIDER, Jacó Fernando. Avaliação de quarta geração – contribuições metodológicas para

avaliação de serviços de saúde mental. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.13, n.31, p.343-55, out./dez. 2009.

KRISTEVA Julia. **O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras**. Rio de Janeiro: Rocco; 2002.

LAZZAROTTO, Gislei. **Pragmática de uma Língua Menor na Formação em Psicologia: um diário coletivo e políticas juvenis**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2009.

LAZZAROTTO, Gislei. Experimental. *In*: FONSECA, Tânia Maria Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. (Orgs.) **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 101-103.

LAZZAROTTO, Gislei, CARVALHO, Julia Dutra. Afetar. *In*: FONSECA, Tânia Maria Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. (Orgs.) **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 25-27.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência. *In*: NUNES, João Arriscado, ROQUE, Ricardo. **Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

LINS, Daniel. Por uma leitura rizomática. **História Revista**, v. 15, n. 1, 2010, p. 55-73.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. (1969) Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. A menor mulher do mundo (1960). *In*: LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro, Rocco, 2009, p. 68-75.

_____. Crônicas para jovens: de escrita e de vida. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

MANO, Gustavo Caetano de Mattos. **Experiências do grupal: cartografia do estilo na prática de monitoria**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29682/000778682.pdf?sequence=1>> Acessado em 22/01/2012.

MARASCHIN, Cleci, DIEHL, Rafael. Acoplar. *In*: FONSECA, Tânia Maria Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. (Orgs.) **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 21-24.

MARQUES, Cecília de Castro. **Entre nós: sobre mudar de lugar e produzir diferenças**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2012.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M. e KASTRUP, V. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.

MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia. **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.

MUHAMMAD, Adriana Hashem. **Narrativa-crítica do grupo de intervenção: gestão autônoma da medicação**. Trabalho de conclusão de especialização. Curso de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/29928>. Acessado em: 11/07/2012

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos (orgs) **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

NAFFAH-NETO, Alfredo. **Outr'em mim**. São Paulo: Plexus Editora, 1998.

ONOCKO, Rosana A gestão: espaço de intervenção, análise e especificidades técnicas. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Saúde Paideia**. São Paulo: Hucitec, 2003.

ONOCKO CAMPOS, Rosana Teresa, FURTADO, Juarez Pereira. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde **Rev. Saúde Pública** 2008; 42(6):1090-6.

ONOCKO CAMPOS, Rosana Teresa, FURTADO, Juarez Pereira, PASSOS, Eduardo BENEVIDES, Regina. **Pesquisa Avaliativa em saúde mental: desenho participativo e efeitos da narratividade**. São Paulo: Hucitec, 2008.

ONOCKO CAMPOS, Rosana Teresa; PALOMBINI, Analice; SILVA, André do Eirado; PASSOS, Eduardo; LEAL, Erotildes Maria; SERPA, Otávio Domont; MARQUES, Cecília de Castro; GONÇALVES, Laura Lamas Martins. Adaptação multicêntrica de um Guia para a Gestão Autônoma da medicação. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 43, p. 967-980. out/dez/2012.

ORTEGA, Francisco. **Por uma ética e uma política da amizade**. Conferência de 1995 proferida no SESC de São Paulo, disponível em:

<www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/95.rtf>, acessado em 28/09/2011.

_____. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

PALOMBINI, Analice. O rei está morto, viva o psiquiatra! Dispositivos de poder, psicanálise e loucura. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. A masculinidade. Porto Alegre, n.28, p.86-92, abr./2005.

PASSOS, Eduardo, BARROS, Regina Benevides. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 16, n. 1, Apr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000100010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 03 Fev. 2013.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides; BENEVIDES, Laura; SOUZA, Tadeu de Paula; TALLEMBERG, Cláudia; CARVALHO, Helena Fialho; ALVAREZ, Ariadna Patrícia; COSTA, Lívia Cristina F. A dimensão instituinte da avaliação. *In*: ONOCKO CAMPOS, R. T., FURTADO, J.P., PASSOS, E. BENEVIDES, R. **Pesquisa Avaliativa em saúde mental: desenho participativo e efeitos da narratividade**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.) **Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.) **Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p.109-130.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Por uma política da narratividade. *In*: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 150-171.

PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo-rei - sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

_____. **Da clausura do fora ao fora da clausura**. São Paulo: Brasiliense, 1989. Disponível em

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/peter/clausuradofora.pdf>
Acessado em agosto de 2012.

LANCETTI, A. **Clínica Peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 11-14.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. **Memorial do concurso para ascensão na carreira para Professor Titular**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1993.

_____. Subjetividade e História. **Mesa Redonda no Curso de Psicanálise**. Instituto *Sedes Sapientiae*, 1992 (não publicado).

_____. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. s/d disponível em:
<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/terapeutica.pdf>,
acessado em Setembro de 2012.